



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA
CURSO DE MESTRADO

DANILLO VITAL DA SILVA GOUVEIA

**TRAJETÓRIAS ESCOLARES DE ESTUDANTES DE ORIGEM
SOCIOECONOMICA DESFAVORECIDA: o acesso e a permanência no ensino
superior público**

Caruaru
2020

DANILLO VITAL DA SILVA GOUVEIA

**TRAJETÓRIAS ESCOLARES DE ESTUDANTES DE ORIGEM
SOCIOECONOMICA DESFAVORECIDA: o acesso e a permanência no ensino
superior público**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação Contemporânea.

Área de concentração: Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Carla Patrícia Acioli Lins Guaraná.

Caruaru

2020

G719t Gouveia, Danillo Vital da Silva.
Trajetórias escolares de estudantes de origem socioeconômica desfavorecida: o acesso e a permanência no ensino superior público. / Danillo Vital da Silva Gouveia. – 2020.
155 f.; il.: 30 cm.

Orientadora: Carla Patrícia Acioli Lins Guaraná.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, CAA, Educação Contemporânea, 2020.
Inclui Referências.

1. Conhecimento e aprendizagem. 2. Evolução. 3. Sociologia educacional – Caruaru (PE). 4. Ensino superior - Caruaru (PE). 5. Experiência. 6. Prática de ensino – Caruaru (PE). I. Guaraná, Carla Patrícia Acioli Lins (Orientadora). II. Título.

CDD 370 (23. ed.) UFPE (CAA 2020-200)

DANILLO VITAL DA SILVA GOUVEIA

**TRAJETÓRIAS ESCOLARES DE ESTUDANTES DE ORIGEM
SOCIOECONOMICA DESFAVORECIDA: o acesso e a permanência no ensino
superior público**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação Contemporânea.

Aprovada em: 09 /09/ 2020.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Carla Patrícia Acioli Lins Guaraná (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Marcelo Henrique Gonçalves de Miranda (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Profa. Dra. Fabiana Moraes da Silva (Examinadora Externa)
Universidade Federal de Pernambuco

Dedico esse trabalho a todos aqueles que contribuíram com minha trajetória escolar e acadêmica, em especial meus professores do ensino fundamental e médio e minhas vizinhas, as irmãs Nicinha e Nair que me auxiliavam nas atividades escolares quando eu não conseguia fazê-las sozinho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiro à Deus, pelo dom da vida, por ter me permitido pensar e agir com sabedoria diante das dificuldades e desafios que enfrentei ao longo de minha vida, em todos esses momentos Deus me deu forças para seguir a caminhada com paciência, fé, esperança e alegria.

Agradeço de forma especial a minha esposa, Estephane Mendes, que sempre esteve ao meu lado nesse momento desafiador de minha trajetória acadêmica, seu acolhimento, solidariedade, cuidado, dedicação, paciência, alegria, amor e carinho foram fundamentais do começo ao fim desse processo. Você me ensinou que essa caminhada pode ser menos cansativa, solitária e sem renúncias de outras atividades igualmente prazerosas e construtivas. Obrigado por todo o apoio, incentivo, positividade, leveza e encorajamento. Não há como expressar apenas com palavras a minha admiração, respeito, carinho e amor por você! Serei ternamente grato por tudo!

Ao meu pai, Luiz Vital (in memoriam), sua história de vida e suas formas de agir como filho, cidadão, atleta, esposo, pai e profissional são referências para mim.

Aos meus avós, Lourdes e Valentim, pessoas que tenho grande admiração e respeito. Meu avô (in memoriam), chamado carinhosamente por todos os filhos e netos por “Pai-Lente”, aprendeu ainda criança o ofício de sapateiro, profissão que exerceu até o fim de sua vida, trabalhou a vida toda para garantir o sustento e melhores condições de sua família. Era um homem valente! Minha avó, “Mãe Dinha” é uma mulher de muita força, determinação e fé, trabalhou na feira de Caruaru comercializando os calçados. Uma guerreira! Obrigado por todo o carinho, cuidado, afeto e amor!

A meus tios, Luiz e Maria do Socorro por todo o apoio e conselhos dados ao longo de minha vida.

Aos meus sogros, Wlisses e Penha pela confiança, incentivo, apoio, disponibilidade e cuidado que me deram aos longos dos anos. Aos meus cunhados, Maria Clara, sua sensibilidade e forma de ver o mundo, nos ensina a dar sentido as coisas presentes em nosso cotidiano que muitas vezes passam despercebidas como um “poste aceso”. E Wlisses Junior, mais conhecido como Juninho, obrigado pelo apoio e companheirismo.

À minha amiga Nyanne Torres, por dividir comigo suas experiências e se colocar sempre à disposição para contribuir com o que fosse possível, seu apoio e parceria foram fundamentais para minha formação.

À orientadora desta pesquisa Carla Acioli, pelas orientações, disponibilidade e contribuições para o desenvolvimento desse estudo.

Às professoras Rosane Alencar, Fabiana Moraes e ao professor Marcelo Miranda pelas contribuições dadas na banca de qualificação, as quais foram fundamentais para o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos professores do Programa de Pós-graduação em Educação Contemporânea pelas contribuições e aprendizagens que me proporcionaram nas disciplinas que tive oportunidade de participar com vocês.

À Rodrigo secretário do PPGEDUC pela disponibilidade e atenção dadas ao longo do mestrado.

Aos estudantes que participaram da pesquisa por confiarem em mim para compartilhar suas histórias de vida e suas trajetórias escolares, sem a contribuição de vocês esse trabalho não seria possível.

À Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia de Pernambuco (FACEPE) pela concessão de bolsa de estudos durante todo o curso de mestrado.

E a todos aqueles que posso ter esquecido de mencionar aqui, mas que de alguma forma contribuíram com esse processo.

RESUMO

Este estudo teve como objetivo geral compreender a trajetória escolar e a experiência universitária de estudantes provenientes de famílias socioeconomicamente desfavorecidas que ingressaram nos cursos de graduação mais seletivos da UFPE, campus Caruaru. Especificamente, buscamos identificar as práticas sociais constituidoras de disposições favoráveis a uma escolarização considerada de longa duração; e analisar a trajetória escolar e a experiência universitária dos estudantes nos cursos de graduação mais seletivos da UFPE/CAA. Para atingir nossos objetivos desenvolvemos uma discussão teórica pautada nos estudos de Pierre Bourdieu e Bernard Lahire no que se refere a Bourdieu discutimos os conceitos de herança cultural, arbitrário cultural, capital cultural, dentre outros. Em relação a Lahire abordamos as dimensões presentes em sua obra sobre a escolarização nos meios populares e os conceitos de socialização, experiência e disposição a partir da teoria da ação desenvolvida pelo referido autor. A metodologia utilizada por nós leva em consideração as práticas sociais e as vivências/experiências cotidianas da realidade social a ser estudada, aproximando-nos dos procedimentos da pesquisa qualitativa. Realizamos uma análise de contexto microsocial, baseada na perspectiva de Bernard Lahire, com o intuito de compreender a complexa relação entre família, escola, estudante e contexto social, e quais os elementos presentes na trajetória individual que possibilitaram aos sujeitos longevidade escolar. Nessa direção, entrevistamos 6 estudantes da UFPE/CAA dos cursos de Comunicação Social, Engenharia Civil e Medicina, e construímos os retratos sociológicos de cada entrevistado. Os resultados desse estudo apontam que as trajetórias escolares e acadêmicas desses estudantes são marcadas por diferentes formas de apoio familiar, experiências escolares heterogêneas, redes de apoio extrafamiliar e mobilizações individuais por parte de cada estudante.

Palavras-chave: Trajetória escolar. Retratos sociológicos. Ensino superior.

ABSTRACT

This study aimed to understand the school trajectory and the university experience of students from socioeconomically disadvantaged families who entered the most selective graduation courses at UFPE, campus Caruaru. Specifically, we seek to identify the social practices that constitute favorable provisions to schooling considered to be long-term; and, analyze the school trajectory and the university experience of these students in the most selective graduation courses from UFPE / CAA. To achieve our aims we developed a theoretical discussion based on the studies of Pierre Bourdieu and Bernard Lahire, based on Bourdieu we talked about the concepts of cultural heritage, cultural arbitrary, cultural capital, among others. From Lahire, we approach the present dimensions in his work on schooling in popular circles and the concepts of socialization, experience and disposition based on the theory of action developed by that author. The methodology we use considers social practices and everyday experiences of the social reality to be studied, approaching the procedures of qualitative research. We carried out an analysis of the microsocial context, based on the perspective of Bernard Lahire, in order to understand the complex relationship between family, school, student and social context, and what elements are present in the individual trajectory that enabled the subjects to have school longevity. In this direction, we interviewed 6 students from UFPE / CAA from the Social Communication, Civil Engineering and Medicine courses, and produced sociological portraits of each interviewee. The results of this study indicate that the school and academic trajectories of these students are marked by different forms of family support, heterogeneous school experiences, extra-family support networks and individual mobilizations by each student.

Keywords: School trajectory. Sociological portraits. Graduation

LISTA DE SIGLAS

ASCES	Associação Caruaruense de Ensino Superior
CAA	Centro Acadêmico do Agreste
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CAV	Centro Acadêmico de Vitória
CTG	Centro de Tecnologia e Geociências
ENADE	Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
FACEPE	Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia de Pernambuco
FAFICA	Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru
FAVIP	Faculdade do Vale do Ipojuca
FIES	Fundo de Investimento Estudantil
FUNREI	Fundação de Ensino Superior de São João Del-Rei
IES	Instituição de Ensino Superior
IFES	Instituição Federal de Ensino Superior
IFPE	Instituto Federal de Pernambuco
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
MEC	Ministério da Educação
PROUNI	Programa Universidade Para Todos
PPGEDUC	Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea
PROACAD	Pró-Reitoria Para Assuntos Acadêmicos
PROPLAN	Pró-Reitoria de Planejamento, Orçamento e Finanças
PUC-MG	Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
REUNI	Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais
SISU	Sistema de Seleção Unificado
UFAC	Universidade Federal do Acre
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
ZEP	Zona de Educação Prioritária

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	AS ABORDAGENS SOCIOLÓGICAS DE PIERRE BOURDIEU E BERNARD LAHIRE E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO.....	22
2.1	A abordagem sociológica de Pierre Bourdieu.....	22
2.1.1	A herança cultural desigual e suas implicações no contexto escolar.....	23
2.1.2	O capital cultural como elemento explicativo das diferenças de desempenho escolar.....	26
2.1.3	A teoria da ação fundamentada na noção de <i>habitus</i>	27
2.2	A abordagem sociológica de Bernard Lahire.....	28
2.2.1	A socialização, a experiência e a construção das disposições individuais.....	28
2.2.2	A escolarização nos meios populares.....	31
3	O CAMINHO METODOLÓGICO.....	35
3.1	Caracterização do espaço de socialização acadêmica: o centro acadêmico do agreste – UFPE/CAA.....	36
3.2	A escolha dos cursos de graduação e o primeiro contato com o campo....	38
3.3	A aplicação do questionário.....	40
3.4	O contexto de realização das entrevistas.....	43
3.5	O processo de construção dos retratos sociológicos.....	44
4	OS RETRATOS SOCIOLÓGICOS DOS ESTUDANTES DA UFPE/CAA.....	46
4.1	Asa.....	46
4.2	Nina.....	57
4.3	Joaquim.....	71

4.4	Júlio.....	86
4.5	Genival.....	97
4.6	Violeta.....	111
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	129
	REFERÊNCIAS.....	144
	APÊNDICE A – QUADROS DE CLASSIFICAÇÃO DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO.....	148
	APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO SOCIOECONÔMICO	150
	APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA	153

1 INTRODUÇÃO

A Educação Superior no Brasil, no período compreendido entre o final dos anos 1960 e início dos anos 1970, passou a ocupar um lugar central nas proposições de políticas públicas que visavam a expansão da oferta de ensino superior para atender a uma demanda crescente para esse nível de ensino, tendo como marco legal a Reforma Universitária de 1968. Desde então, intensificou-se a movimentação de dois grupos, por um lado, aqueles com interesse em privatizar o ensino e, do outro, os que defendiam a estatização do ensino, isto é, os que defendiam a sua natureza pública (CUNHA, 2014).

Segundo Arruda (2012, p.3) “a tênue separação entre as esferas do público e do privado se desdobrou nas políticas educacionais, desvelando o caráter ideologicamente privatista assumido pelo Estado brasileiro no âmbito da educação superior”. Desse modo, estimulou-se o processo de criação de inúmeras instituições de ensino superior privadas no país, ou seja, as medidas tomadas pelo Estado, no que diz respeito à política de educação superior privilegiaram o setor privado.

O processo de privatização da educação superior passou por um período de estagnação entre os anos de 1975 a 1985, sendo retomado, com maior intensidade, após o período de redemocratização política do país (ARRUDA, 2001). Segundo Catani et al (2010), “a educação superior no Brasil vem se expandindo de modo acelerado desde a segunda metade da década de 1990, sobretudo por meio de Instituições de Ensino Superior (IES) privadas” (CATANI; OLIVEIRA; MICHELOTTO; 2010, p. 268).

O Censo da Educação Superior de 2018¹ nos fornece um panorama geral do número de instituições de ensino superior no Brasil, vejamos: das 2.537 Instituições de Ensino Superior – IES existentes no país, 2.238 são privadas e 299 públicas. Em termos percentuais isso significa que 88,2% das instituições são privadas e, 11,8% públicas, vale ressaltar, que dentre as instituições públicas 36,8% das IES são federais (110), 42,8% estaduais (128) e 20,4% municipais (61), tendo como referência a categoria administrativa das instituições, do ponto de vista quantitativo, os dados reafirmam a predominância das instituições privadas.

Em relação ao número de vagas, em 2018 foram ofertadas pela rede privada um total de 12.693.532 vagas, já na rede pública o total de vagas foi de 835.569 vagas, destas 468.861 vagas foram oferecidas pelas IES federais, 267.720 vagas pela IES estaduais e 98.988 vagas

¹ Informações disponíveis em:

http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2019/censo_da_educacao_superior_2018-notas_estatisticas.pdf acesso 12/12/2019.

pela IES municipais. De acordo com o INEP/MEC “a rede privada ofertou 93,8% do total de vagas nos cursos de graduação, a rede pública correspondeu a 6,2% das vagas ofertadas pelas instituições de educação superior (BRASIL, 2019).

Os dados acima retratam o atual² cenário da educação superior em termos quantitativos, conforme mencionamos anteriormente, essa discrepância entre o setor público e privado é resultado de uma política de expansão do ensino superior que historicamente privilegiou as instituições privadas, diante disso, compreendemos que o processo de privatização da educação superior tornou o ingresso mais restrito, “tendo em vista que só terão acesso a esse nível de educação aqueles setores da população que possam pagar por esse serviço” (ARRUDA, 2011, p. 61). Isso significa que o acesso as instituições particulares de ensino superior, durante muito tempo, foi reservado aos estudantes provenientes das classes sociais com poder econômico mais elevado.

No início dos anos 2000, com o processo de transição de governos em âmbito federal, houve uma tentativa de reconfiguração da política de expansão de educação superior no país, no sentido de democratizar o acesso. O processo de expansão e democratização desse nível de ensino, sobretudo, no período de 2003 a 2016 foi viabilizado por políticas educacionais como, por exemplo, o Programa de Financiamento Estudantil – FIES, Programa Universidade para Todos - PROUNI, e o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais – REUNI, dentre outros que buscavam dar oportunidades aos diversos grupos sociais que historicamente foram impossibilitados de uma escolarização que envolvesse a conclusão de um curso em nível superior.

Programas como o FIES e o PROUNI constituem-se por meio da transferência de recursos públicos para iniciativa privada, os referidos programas buscam a ampliação da oferta de vagas através do incremento do número de matrículas nas instituições de ensino superior privadas, em outras palavras, tais políticas educacionais optam por fazer a democratização da educação superior pela via do setor privado, por meio do aporte financeiro da “compra” total ou parcial de vagas para estudantes de baixo nível socioeconômico em faculdades particulares. De modo geral, tanto o FIES como o PROUNI possuem mecanismos que, por um lado, favorecem economicamente os estabelecimentos de ensino superior privados e, por outro, beneficiam estudantes de nível socioeconômico baixo, através da oferta de vagas destinadas para a população de estudantes que atende aos critérios exigidos pelos programas.

² Devido a Pandemia de Covid-19 e conforme Portaria n. 319 de 23 de Abril de 2020, os dados referentes ao Censo da Educação Superior de 2019 serão divulgados em outubro de 2020.

Já o REUNI surgiu com uma proposta para fortalecer as Instituições Federais de Ensino Superior – IFES. Desse modo, buscou incrementar o número de matrículas nas universidades federais por meio da ampliação de vagas nos cursos de graduação já existentes, criação de novos cursos e criação de novos campi em todo o território brasileiro, por exemplo. No Brasil, segundo o documento produzido pela Secretaria de Educação Superior - SESU intitulado ‘A democratização e expansão da educação superior no país 2003-2014’, foram criadas dezoito novas universidades federais. Das 45 universidades já existentes passou-se para 63 universidades. Em relação a criação de campi universitários, foram criados 173 novos campi em diferentes cidades do interior do país. Dos 148 campi existentes passou-se para 321 campi no período de 2003 a 2014³.

O Centro Acadêmico Agreste - CAA na cidade de Caruaru, e o Centro Acadêmico de Vitória - CAV na cidade de Vitória de Santo Antão, ambos inaugurados em 2006, são frutos do processo de interiorização da UFPE que, por sua vez, é resultado da política nacional de expansão, democratização e interiorização das IFES, criada especialmente em 2003 no primeiro governo do então presidente Luiz Inácio Lula da Silva. De maneira geral, as mencionadas políticas educacionais buscam democratizar o acesso à educação superior no país.

De todo modo, as políticas de ampliação e democratização do acesso à educação superior, embora ainda “tímidas”, possibilitaram o ingresso de um público que tradicionalmente ficava excluído do ensino superior (BROCCO; ZAGO, 2014), isso significa que aos poucos, as faculdades e universidades foram sendo ocupadas por estudantes oriundos de classes sociais economicamente desfavorecidas, modificando, ainda que timidamente, o cenário do ensino superior brasileiro nas últimas décadas. O acesso e permanência de estudantes em condições de existência desfavoráveis é aspecto relevante porque entendemos que essa inclusão representa uma conquista do direito a educação, uma vez que a educação superior durante muito tempo foi privilégio exclusivo dos estudantes mais favorecidos socioeconomicamente.

Vale destacar que do ponto de vista do acesso e permanência, nas universidades públicas federais, o programa REUNI surgiu como uma política educacional importante, uma vez que, criou condições para que os estudantes menos favorecidos socioeconomicamente ingressassem na universidade pública e nela pudessem permanecer até a conclusão do curso. Tem sido através das políticas de assistência estudantil que consistem, por exemplo, no repasse de recurso

³ Informações disponíveis em:

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=16762-balanco-social-sesu-2003-2014&Itemid=30192 acesso 01/09/2020.

financeiro mensal para custear parte das despesas de locomoção, moradia e alimentação, que muitos estudantes têm conseguido se manter em cursos ofertados por IES públicas federais.

Com o processo de impeachment, parte do golpe de 2016, que resultou na saída da então presidenta da república, em agosto do mesmo ano, o seu vice-presidente assumiu o poder, e propôs mudanças profundas na política de educação superior. A partir desse momento, o processo de expansão e interiorização das universidades públicas federais, vivenciado nos anos anteriores, tem sido drasticamente interrompido, por medidas de contingenciamento orçamentário implementadas pelo ex-presidente Michel Temer, e intensificadas por seu sucessor. Desde então, as universidades enfrentam dificuldades orçamentárias para manter as atividades de ensino, pesquisa e extensão bem como os serviços essenciais (água, luz, limpeza, segurança, internet, compra de materiais etc.) para o seu funcionamento cotidiano.

Além das tensões e lutas internas e externas que as instituições federais de ensino superior passaram a enfrentar cotidianamente envolvendo ataques a sua autonomia, garantida pela constituição de 1988, cortes de bolsas para a pesquisa e manutenção nos cursos de alunos em situação de vulnerabilidade social e econômica, o próprio contingenciamento dos gastos que impactou de diversas formas na vida estudantil são, atualmente, preocupações cotidianas da gestão universitária pública e de seus estudantes.

É nesse contexto de contingenciamento de recursos que, por um lado, as universidades se veem diante do desafio de continuar acolhendo os estudantes que dependem das políticas de assistência estudantil para permanecer no ensino superior e, por outro, os estudantes se veem diante do desafio de lutar contra o processo de precarização das universidades e garantir condições de acesso e permanência nas instituições federais de ensino superior, haja vista que os cortes orçamentários impactaram nos programas de assistência estudantil, o que consiste uma ameaça a direitos conquistados através de muitas lutas envolvendo gerações ao longo de décadas.

É inserida nesse contexto das recentes políticas de expansão e democratização do acesso à educação superior, que a Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, vem desenvolvendo algumas ações que buscam estimular o acesso de estudantes em situação de desvantagem socioeconômica e educacional no ensino superior público (ARRUDA, 2013). Tais ações buscam atender às exigências da lei de reserva de vagas (lei nº 12.711/2012), também conhecida como lei de cotas. Essa lei prevê a reserva de no mínimo cinquenta por cento das vagas por curso e turno nas IFES a estudantes que tenham cursado integralmente o ensino médio em

escolas públicas⁴, metade dessas vagas, isto é, vinte e cinco por cento deve ser reservada aos estudantes oriundos de famílias com renda igual ou inferior a 1,5 salário-mínimo per capita.

Além do recorte econômico a lei ainda prevê que seja garantido um percentual de vagas para estudantes pretos, pardos, indígenas e pessoas com deficiência. De acordo com a pesquisa produzida pelo Fórum Nacional de Pró-reitores de Assuntos Estudantis – FONAPRACE intitulada ‘V pesquisa nacional de perfil socioeconômico e cultural dos (as) graduandos (as) das IFES – 2018’, houve um aumento significativo de estudantes que se declararam pretos e pardos, nas IFES. Identificou-se que em 2003 havia 132.834 estudantes que se declararam pardos (as), em 2018 passou-se a ter 470.227 que se autodeclararam pardos. A referida pesquisa aponta para uma maior participação de pretos(as) entre os estudantes das IFES, de 27.693 estudantes, em 2003 passou-se para 143.599, em 2018 (FONAPRACE/ANDIFES, 2018). Diante disso entendemos que tais políticas públicas (REUNI, Lei de Cotas, Política de Assistência Estudantil, dentre outras) permitiram acesso e permanência à universidade a um público que até então estava excluído do ensino superior.

No entanto, no estudo de Arruda e Gomes (2015), são apresentados dados sobre o processo seletivo de admissão dos estudantes da UFPE, no período de 2004 a 2006 e de 2008 a 2010, os referidos autores observaram que cerca de 62,8% dos estudantes inscritos e classificados foram egressos de escolar particular, e apenas 21,6% de escolas públicas, “sinalizando assim, que no processo seletivo há uma maior participação de estudantes que podem custear melhores escolas, o que aponta para a prevalência do fator renda e consequente seletividade econômica e social no âmbito da educação superior”(ARRUDA; GOMES, 2015, p 555). De acordo com estes mesmos autores, em média, 60% dos estudantes provenientes de escola pública optam por cursos da Área de Filosofia e Ciências Humanas, desses, 28,1% escolhem cursos como; Pedagogia, Geografia, Serviço Social, Letras, entre outros. Em contrapartida, a presença maior de estudantes oriundos de escola particular, se dá nos cursos como Medicina, Direito, Administração, Odontologia, entre outros (GOMES; ARRUDA, 2015).

Na obra “Os Herdeiros”, Bourdieu e Passeron (2015) destacaram a correlação entre a origem social dos estudantes e o curso superior o qual se chega, os autores constataram, nos inícios dos anos 1960, que os estudantes herdeiros do capital cultural e que frequentavam as melhores escolas do sistema de ensino francês, ingressavam no ensino superior nos cursos de graduação de maior prestígio. Os autores consideraram a influência de questões como gênero e

⁴ Nas IFES, segundo o Fórum Nacional de Pró-reitores de Assuntos Estudantis, 64,7% dos discentes cursaram o ensino médio em escolas públicas e 35, 3% em escolas particulares (FONAPRACE/ANDIFES, 2018).

idade presentes nessa correlação, porém deram um peso maior a situação socioeconômica (medida pela categoria socioprofissional dos pais) na relação entre origem social e destino escolar, destacando a importância a herança do capital cultural familiar.

Bernard Lahire (1997), por sua vez, problematiza a noção de “transmissão” do capital cultural. Para o referido autor “a herança cultural nem sempre chega a encontrar as condições adequadas para que o herdeiro herde” (LAHIRE, 1997, p. 338). Para que a herança cultural possa ser transmitida exige-se tempo e dedicação tanto de quem transmite quanto de quem aceita herdar esse tipo de herança, ou seja, um trabalho de apropriação do próprio sujeito. De acordo com este autor, “podemos dizer que não basta, para a criança, estar cercada ou envolvida de objetos culturais ou de pessoas com disposições culturais determinadas para chegar a construir competências culturais” (LAHIRE, 1997, p.338), assim, Lahire (1997) nos ensina sobre o importante papel do sujeito no processo de apropriação do conhecimento. Em linhas gerais, Lahire se propõe a pensar “com e contra” Bourdieu, realizando prolongamentos críticos dos trabalhos deste autor.

Como bem observa Almeida (2009), “um capital escolar elevado dos pais, embora seja um dos principais trunfos utilizados no espaço educacional, por si só, como variável exclusiva, não é sinônimo de escolarização bem-sucedida dos filhos” (ALMEIDA, 2009, p. 45), é preciso sempre se perguntar se esse capital cultural encontra vias para sua transmissão (LAHIRE, 1997).

Diante do exposto, percebe-se que do ponto de vista das estatísticas sobre o acesso à educação superior, o ingresso em cursos prestigiados socialmente bem como de alta concorrência tal como Medicina, Direito, Engenharia, é mais provável para os estudantes provenientes de famílias socioeconômica favorecidas e inseridos na chamada “cultura legítima”, sobretudo, pela rentabilidade que o capital cultural dominante tem no sistema de ensino. Isso não significa que estudantes oriundos de famílias socioeconomicamente desfavorecidas⁵, geralmente de escola pública não ingressem nos cursos de Medicina e Direito, por exemplo. Porém, as estatísticas apontam que a presença desses últimos em tais cursos é menos provável. É sobre a trajetória escolar desses estudantes que a literatura sociológica convencionou chamar de “estatisticamente improvável” ou “casos atípicos”, que nos interessamos em pesquisar.

De acordo com Zago (2006), “nas últimas duas décadas, estudos no campo da Sociologia da Educação produzidos no Brasil e no exterior vêm fornecendo indicadores teóricos

⁵ Consideramos estudantes de origem socioeconômica desfavorecida aqueles(as) cuja a renda familiar está entre 1 e 2 salários mínimos e que os pais possuam um baixo nível de escolaridade.

importantes para problematizar o que tem sido chamado de “longevidade escolar”, “casos atípicos”, ou “trajetórias excepcionais nos meios populares” (ZAGO, 2006, p. 226), esses termos são empregados para se referirem aos percursos escolares de estudantes que fogem as grandes regularidades estatísticas, ou seja, as exceções à regra considerando o cenário de desigualdades produzidas pela ausência de políticas públicas que buscam democratizar oportunidades e dar condições para todos os grupos sociais. Dentre as pesquisas brasileiras, podemos citar os estudos desenvolvidos por Viana (1998; 2011), Portes (2001), Lacerda (2006), Piotto (2007), Sousa (2009), Almeida (2009) entre outros.

De modo geral, as mencionadas pesquisas nacionais descrevem e analisam as singularidades das trajetórias escolares⁶ de estudantes provenientes de famílias das camadas populares que rompem com o ciclo de reprodução escolar, isto é, estudantes que conseguem atingir os níveis mais elevados do sistema de ensino, apesar das condições materiais de existência serem desfavoráveis ao processo de escolarização. Os resultados de tais estudos têm mostrado os efeitos positivos e destacado o importante papel exercido pela família, pela escola e pelo próprio estudante, no sentido de criar condições favoráveis a longevidade escolar.

No entanto, tais discussões estão situadas em contextos diferentes, concentradas principalmente na região Sudeste do país. Nesse sentido, buscamos analisar essa temática no contexto da região Nordeste, enfatizando suas particularidades geográficas e sociais, como por exemplo, os períodos de seca, o trabalho no campo, o processo migratório, dentre outros elementos que compõem as narrativas aqui analisadas. Outro aspecto que diferencia nosso estudo dos demais é que tomamos como lócus de investigação uma universidade federal interiorizada, através do REUNI.

No que se refere especialmente ao processo de interiorização da UFPE em Caruaru, esse representou uma possibilidade efetiva de acesso à educação superior para os estudantes das mais diversas regiões do interior do estado de Pernambuco que antes só tinham como opção para cursar o ensino superior público numa instituição federal, caso mudassem para Recife, opção acessível apenas para estudantes cuja situação financeira familiar, permitisse. Diante desse cenário, acreditamos que o presente estudo pode contribuir de maneira significativa com as pesquisas acerca de trajetórias escolares de estudantes provenientes de famílias socioeconomicamente desfavorecidas, identificando sobretudo os principais elementos e fatores que possibilitaram a esses estudantes ingressarem ao Ensino Superior, apesar dos

⁶ A noção de trajetória escolar diz respeito aos percursos diferenciados que os indivíduos realizam no interior dos sistemas de ensino (FORTES e NOGUEIRA, 2004 p. 59).

desafios postos pelas condições materiais de existência de suas famílias bem como por suas origens étnicas e do gênero que emergiram a partir das narrativas.

Nessa direção, buscou-se contribuir com o debate acerca da importância da trajetória escolar de estudantes que ingressam em instituições federais de ensino superior, estimulando assim, ações de estudo e pesquisas em nossa região, e conferindo visibilidade a um grupo social e a um contexto educacional ainda pouco privilegiados pelas investigações acadêmicas.

Como mencionamos, estudantes de origem socioeconômica desfavorecidas têm conseguindo cada vez mais ocupar vagas em universidades públicas, como é o caso da UFPE, sem dúvida, essa é uma conquista importante para a democratização da sociedade, e individualmente, para os estudantes e seus familiares que podem traçar outros destinos para suas vidas que não aqueles marcados antecipadamente pela falta de condições e oportunidades.

A construção de nossa proposta de investigação emerge de observações acerca do cenário descrito e problematizado até aqui, bem como de nossa própria história de vida e percurso escolar que se assemelha e se cruza às histórias e percursos dos estudantes retratados. Assim, considerando nossas concepções e posição diante do fazer pesquisa bem como buscando coerência com a abordagem teórica que assumimos, pensamos ser importante apresentarmos nosso breve retrato, antes de indicarmos a questão e os objetivos que orientaram nosso trabalho.

Nasci na cidade de Caruaru, interior de Pernambuco. Meu pai foi policial militar. Antes de se tornar policial, ele trabalhou na produção de sapatos na pequena oficina do meu avô, na qual aprendeu o ofício de sapateiro. Minha mãe trabalhou por muito tempo como funcionária pública municipal, exercendo suas atividades profissionais no setor de contabilidade na Prefeitura de Caruaru. Da união dos meus pais nasceram 2 filhos: eu e meu irmão mais velho. Depois minha mãe teve mais 3 filhos, fruto de outros 2 relacionamentos.

Tive uma infância que considero boa, brinquei de bola na rua, soltei pipa, rodei pião, joguei bola de gude, etc. apesar de aos 3 anos de idade, ter perdido meu pai num acidente de trânsito. A sua perda mudou muita coisa em nossas vidas, incluindo a situação econômica de minha família que se tornou difícil e me impôs a necessidade de começar a trabalhar ainda na infância para ajudar no sustento da casa. Assim, guardei carros na rua, vendi doces, bolos, lanches e passei noites de sono em barraquinhas comercializando bebidas durante festas de São João e Carnaval com minha mãe.

Durante a educação básica conciliei trabalho e estudo. A primeira escola que frequentei foi uma dessas escolas de bairro localizada próximo a casa dos meus pais. De lá fui para uma escola pública de ensino fundamental, reconhecida por oferecer um ensino de qualidade. Parte do meu ensino médio se deu em uma escola da rede estadual, no período da noite. Com muita

difficuldade conclui o primeiro ano do ensino médio. Por 2 anos abandonei a escola. Depois comecei a trabalhar na Prefeitura de Caruaru, como Assistente Administrativo e retomei os estudos em uma escola particular que ofertava ensino médio a noite, com o salário que recebia do trabalho pagava as mensalidades nessa instituição privada, na qual conclui o ensino médio.

Aos 23 anos de idade realizei o meu primeiro vestibular, por influência do ambiente de trabalho, tentei ingressar nos cursos de Administração da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, e no de Sistema de Informação da Universidade de Pernambuco. Em ambos não obtive aprovação. Matriculei-me no cursinho Pré-vestibular de uma instituição de ensino particular e frequentei por 1 ano. Fiz pela segunda vez o vestibular para o curso de Pedagogia na UFPE e Administração em uma instituição de ensino superior privada, obtive aprovação nas duas instituições de ensino superior, optei fazer Pedagogia na UFPE/CAA pela qualidade do ensino oferecido.

Em 2010, ingressei na licenciatura em Pedagogia, concomitantemente, continuei trabalhando como assistente administrativo na prefeitura. Na universidade tive a oportunidade de conviver com estudantes universitários, dos diferentes cursos de graduação, de origem social semelhante à minha. Nesse contexto, fui tendo a curiosidade de conhecer como se dava a construção da configuração familiar desses estudantes, suas interações com diferentes pessoas em contextos sociais múltiplos (escola, família, igreja, clube de futebol, etc.). Durante minha graduação conheci autores do campo da Sociologia da Educação e tive acesso a estudos sobre trajetórias escolares consideradas improváveis ou estatisticamente improváveis⁷. O interesse em estudar esse tema foi reativado no Mestrado.

As histórias narradas para nós, ao longo do processo da pesquisa, bem como a nossa própria história, apontam que o percurso escolar de estudantes, socioeconomicamente desfavorecidos, para alcançar uma vaga no ensino superior público é marcado por inúmeras desigualdades (econômica, social, de gênero, de raça/etnia), muita luta, resistência e resiliência. Por fim, considerando a problematização do acesso e da permanência desses estudantes, bem como a articulação com suas trajetórias apresentamos como questão norteadora de nosso estudo: como são construídas as trajetórias escolares de estudantes de origem socioeconômica desfavorecidas que ingressam nos cursos de graduação mais seletivos de uma IFES pública e quais as condições de permanência dos estudantes nesses cursos?

⁷ Tais estudos conduziram a elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado: “Os Trajetos Formativos e a Ascensão Educacional de Estudantes: o Caso dos Discentes do Curso de Pedagogia do Centro Acadêmico do Agreste”. Orientado pelo professor Dr. Alexandre Viana de Araújo. Apresentado em Fevereiro de 2015.

Partindo de tal questionamento, tomamos como objetivo geral de nosso estudo: compreender a trajetória escolar e a experiência universitária de estudantes provenientes de famílias socioeconomicamente desfavorecidas que ingressaram nos cursos de graduação mais seletivos da UFPE, campus Caruaru. Especificamente, buscamos: identificar as práticas sociais constituidoras de disposições favoráveis a uma escolarização considerada de longa duração⁸; analisar a trajetória escolar e a experiência universitária dos estudantes nos cursos de graduação mais seletivos da UFPE/CAA.

Para atender aos objetivos propostos, a metodologia utilizada por nós levou em consideração as práticas sociais e as vivências/experiências cotidianas da realidade social a ser estudada, aproximando-nos dos procedimentos da pesquisa qualitativa. Diferente de uma tradição de pesquisa baseada em análises de contextos macrossociais, assumimos como metodologia de análise de nossos dados, uma análise de contexto microsocial, baseada na perspectiva de Bernard Lahire, com o intuito de compreender a complexa relação entre família, escola, estudante e contexto social, e, quais os elementos presentes na trajetória individual que possibilitaram aos sujeitos longevidade escolar.

Concordamos com Lahire (1997) que “só podemos compreender os resultados e os comportamentos escolares da criança se reconstruirmos a rede de interdependência familiar através da qual ela constituiu seus esquemas de percepção, de julgamento, de avaliação, e a maneira pela qual estes esquemas podem ‘reagir’ quando ‘funcionam’ em formas escolares de relações sociais” (LAHIRE, 1997, p. 19).

O presente trabalho encontra-se organizado a partir da introdução, em 3 capítulos. No capítulo 1 discutimos as referências teóricas que estruturaram a nossa pesquisa; no capítulo 2 expomos nosso percurso metodológico; no capítulo 3 estão dispostos os retratos sociológicos organizados a partir dos relatos das trajetórias dos estudantes nas quais pudemos tecer a rede de acontecimentos, experiências e relações que permitiram a estes estudantes acesso e permanência bem sucedida no ensino superior público em cursos de prestígio e concorridos. Por fim, na última parte tecemos nossas considerações finais.

⁸ Neste trabalho consideramos como escolarização de longa duração aquela realizada até o ingresso dos estudantes a cursos de nível superior, pois, nossos sujeitos ainda não concluíram seus cursos de graduação.

2 AS ABORDAGENS SOCIOLÓGICAS DE PIERRE BOURDIEU E BERNARD LAHIRE E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO

Neste capítulo, apresentamos a discussão teórica que alicerçou nossa pesquisa, com base em dois grandes autores do campo da sociologia da educação e da cultura: Pierre Bourdieu (1966, 1972, 1979, 1980, 2015) e Bernard Lahire (1997, 2002, 2004, 2005, 2013, 2015). Fundamentamo-nos nesses autores por entender que ambos são referências importantes para abordar a temática de estudo escolhida por nós, a qual consiste em conhecer a trajetória escolar que possibilitou aos estudantes de origem socioeconômica desfavorecida ingressar no ensino superior público.

Diante disso, buscou-se realizar um debate sobre a questão da desigualdade escolar a partir da perspectiva teórica de Bourdieu, discutindo os conceitos de herança cultural, arbitrário cultural, capital cultural. Em relação a Lahire abordamos as dimensões presentes em sua obra sobre a escolarização nos meios populares, além disso, discutimos os conceitos de socialização, experiência e disposição a partir da teoria de ação desenvolvida por Lahire.

2.1 A abordagem sociológica de Pierre Bourdieu

No início dos anos 1960, na França, os sociólogos Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron realizaram pesquisas empíricas sobre o sistema de ensino francês, os resultados dessas pesquisas foram sistematizados e analisados pelos referidos autores, o produto desse trabalho foi publicado em 1964 no livro: “Os herdeiros: os estudantes e a cultura”.

No primeiro capítulo intitulado: “A escolha dos eleitos”, Bourdieu e Passeron evidenciam, com base em dados estatísticos, que as chances objetivas de acesso ao ensino superior eram maiores para os estudantes das camadas superiores quando comparadas as chances dos estudantes das camadas médias e populares, os referidos autores afirmam que “sem dúvida, no nível do ensino superior, a desigualdade inicial das diversas camadas sociais diante da escola aparece primeiramente no fato de serem desigualmente representadas” (BOURDIEU; PASSERON, 2015, p. 16).

2.1.1 A herança cultural desigual e suas implicações no contexto escolar

Diante disso, Bourdieu e Passeron (2015) perceberam que havia uma correlação entre origem social e destinos escolares. No entanto, de acordo com Bourdieu (1980), “para compreender esse mecanismo era necessário ir além da constatação de que existe uma correlação entre a classe social de origem e a classificação escolar obtida, ou entre esta e a classe social a que se chega” (BOURDIEU, 1980, p. 33).

Assim, Bourdieu e Passeron (2015), ao analisarem as características do perfil sociocultural e escolar dos estudantes universitários franceses, revelaram que os estudantes de origem social mais favorecida herdaram de suas famílias uma herança cultural que os favorecem diante da escola:

Os estudantes mais favorecidos não devem somente ao seu meio de origem hábitos, treinamentos e atitudes aplicáveis diretamente às suas tarefas escolares; eles também herdaram saberes e um saber-fazer, gostos e um “bom gosto” cuja rentabilidade escolar, por ser indireta, é ainda mais certa (BOURDIEU; PASSERON, 2015, p. 34).

Desse modo, Bourdieu e Passeron (2015) caracterizam os estudantes em termos de uma bagagem cultural socialmente herdada (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2016), essa bagagem cultural tende a favorecer esses estudantes em suas trajetórias escolares. Nos dizeres de Dortier⁹ (2002):

Imersos num meio no qual se sabe manejar a palavra, onde a língua culta é a língua natural, esses jovens integram desde a infância as regras do saber-viver intelectual e do saber-pensar.[...] esses estudantes privilegiados recebem como herança um bem tão precioso quanto invisível a olho nu: a cultura (DORTIER, 2002, p. 4).

A noção de herança cultural formulada por Bourdieu e Passeron (2015) trata da questão da transmissão intergeracional de elementos da cultura por meio do processo de socialização primária e secundária, isto é, trata-se da transmissão cultural de uma geração a outra por intermédio da família e da escola. Ao transpor essa ideia para análise das diferenças de desempenho escolar dos estudantes, os referidos autores revelaram que os bens que constituem esse patrimônio cultural eram desigualmente distribuídos, uns possuíam mais esses bens culturais e outros possuíam menos. Na perspectiva de Bourdieu e Passeron (2015), aqueles que herdaram de suas famílias esse tipo de herança cultural tenderiam a obter melhores resultados escolares, nesse sentido, aqueles que nascem em famílias socioeconômica e culturalmente favorecidas teriam uma certa vantagem diante da escola, isto devido ao grau de vinculação entre

⁹ Disponível em: https://www.scienceshumaines.com/l-oeuvre-de-pierre-bourdieu_fr_92.htm#, acessado em 15 de janeiro de 2019.

a cultura transmitida pela instituição escolar e a cultura dos grupos sociais mais favorecidos do ponto de vista socioeconômico e cultural.

Segundo Bourdieu e Passeron (2015), “para uns, a aprendizagem da cultura da elite é uma conquista, pela qual se paga caro; para outros, uma herança que compreende ao mesmo tempo a facilidade e as tentações da facilidade” (BOURDIEU; PASSERON, 2015, p. 42). Assim, uma das grandes contribuições que esses autores trazem para o campo da educação é a de que a cultura escolar não é uma cultura neutra, para Bourdieu e Passeron (2015) a cultura escolar seria na verdade, arbitrária, uma vez que corresponde a cultura da classe dominante. Segundo Nogueira e Nogueira (2016), “no caso das sociedades de classe a capacidade de imposição e legitimação de um arbitrário cultural corresponderia à força da classe social que o sustenta” (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2016, p. 72).

Nesse sentido, Bourdieu e Passeron (2015) evidenciam o processo de conversão do arbitrário cultural em cultura legítima. Ao desvendar o mecanismo de imposição de um arbitrário cultural no contexto escolar, os referidos autores chamam a atenção para a relação entre sistema de ensino e o sistema de classes sociais. De acordo com Nogueira (2017):

Os saberes e todos os conteúdos curriculares transmitidos e veiculados pelos sistemas de ensino, e considerados como cultura legítima, não constituiriam senão o arbitrário cultural dominante, isto é, a cultura e os saberes das classes dominantes, sem nenhuma relação de superioridade intrínseca com as outras variantes culturais (NOGUEIRA, 2017, p. 37).

Assim, o grau de proximidade e o contato com a chamada cultura legítima, termo utilizado para designar a cultura transmitida pela escola, influenciariam no desempenho escolar dos estudantes, segundo Bourdieu e Passeron (2015):

Para os indivíduos originários das camadas menos favorecidas, a escola permanece a única via de acesso à cultura, e isso em todos os níveis do ensino; portanto, ela seria a via real da democratização da cultura se não consagrasse, ignorando-as, as desigualdades iniciais em relação à cultura e se não chegasse com frequência – reprovando por exemplo um trabalho escolar por ser muito “escolar” – a desvalorizar a cultura que ela mesma transmite em favor da cultura herdada que não leva a marca real do esforço e tem, por isso, todas as aparências da facilidade e da graça (BOURDIEU; PASSERON, 2015, p. 38).

Os autores criticam a escola por ignorar as diferenças culturais dos estudantes e ao mesmo tempo reforçar o privilégio cultural que poucos herdaram de suas famílias. A educação escolar para os indivíduos mais favorecidos culturalmente seria a continuação da educação familiar, já “para os filhos de camponeses, de operários, de empregados ou de pequenos comerciantes, a aquisição da cultura escolar é aculturação” (BOURDIEU; PASSERON, 2015, p. 40). Ao agir dessa forma a escola pratica uma ação de “violência simbólica”, o maior efeito

dessa ação exercida pela escola não residiria na perda da cultura natal pela imposição de uma outra cultura, mas no reconhecimento das classes dominadas da cultura escolar como superior e legítima (BOURDIEU; PASSERON, 2015).

Para Bourdieu e Passeron (2015) “todo ensino, e mais particularmente o ensino de cultura (mesmo científica), pressupõe implicitamente um corpo de saberes, de saber-fazer e sobretudo de saber-dizer, que constitui o patrimônio das classes cultas” (BOURDIEU; PASSERON, 2015, p. 39), o ato de ensinar, a forma de comunicação pedagógica entendida como uma atividade de comunicação cultural, exige por parte dos estudantes o domínio prévio de códigos para sua plena compreensão, portanto, o domínio desses códigos varia entre os estudantes das diferentes classes sociais, aqueles que no processo de socialização primária são expostos as normas da língua “cultura” tendem a incorporar os códigos dessa linguagem, assim, na perspectiva dos autores no processo de transmissão do conhecimento, “o grau em que é compreendido e assimilado pelos alunos, dependeria do grau em que os alunos dominam o código necessário a decifração dessa comunicação (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2016, p. 74), de acordo com Catani (2013):

Assim o que se estabelece como dom natural constitui-se em manifestação de afinidades ligadas a valores sociais bem determinados e às exigências do sistema escolar. No limite, o privilégio social e as habilidades adquiridas na família burguesa travestem-se em méritos individuais, “dons naturais” que o indivíduo possui (CATANI, 2013, p. 25).

Assim, Bourdieu e Passeron (2015) contribuem para desnaturalizar a ideologia do “dom” inato, mostrando que o êxito escolar na verdade está relacionado a origem sociocultural a qual o indivíduo pertence, os autores se contrapõem a ideia naturalizada no senso comum de dom inato dos indivíduos para explicar as diferenças de desempenho no contexto escolar. No entendimento de Cunha (2007), o conceito de capital cultural possibilitou, dentre outras compreensões, desnaturalizar a ideologia das aptidões inatas:

As análises de Bourdieu e Passeron (1964) sobre o conceito contribuíram para a superação da ideia naturalizada pelo senso comum, que atribuía às classes sociais favorecidas certa “intimidade” com a cultura escolar (familiarização insensível) e que prescindiria de qualquer atitude laboriosa. Seria então o “dom” ou “as aptidões naturais e predisposições” que fariam a mediação para a aquisição de uma cultura legítima, valorizada pela classe dominante (CUNHA, 2007, p. 514).

Como vimos, a cultura legítima veiculada pela escola através da educação escolar seria a cultura particular dos grupos dominantes, dessa forma, sua imposição aos grupos dominados seria arbitrária. Segundo Bourdieu, esse arbitrário cultural dominante seria a imposição de uma cultura particular (a da classe dominante) posta como superior e até mesmo universal aos grupos

dominados. Desse modo, para as crianças socializadas nos meios mais favorecidos culturalmente a educação escolar seria a sua própria cultura, enquanto para as outras crianças, de meios culturais desfavorecidos seria aculturação, conforme discutimos anteriormente.

2.1.2 O capital cultural como elemento explicativo das diferenças de desempenho escolar

Em texto publicado na revista francesa de sociologia intitulado: “A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura”¹⁰, Bourdieu (1966) continua desvendando os mecanismos por meio dos quais o sistema de ensino contribui com o processo de reprodução social, lançando uma crítica a chamada “escola libertadora”, isto é, defende a tese de que o sistema de ensino é um dos mecanismos mais eficazes de conservação social (BOURDIEU, 1966), pois fornece “a aparência de legitimidade às desigualdades sociais, e sanciona a herança cultural e o dom social tratado como dom natural” (BOURDIEU, 1966, p. 45), se contrapondo a ideia de aptidão inata dos indivíduos.

O autor retoma a questão da desigual representação dos estudantes no acesso ao ensino superior reafirmando que “vê-se nas oportunidades de acesso ao ensino superior o resultado de uma seleção direta ou indireta que, ao longo da escolaridade, pesa com rigor desigual sobre os sujeitos das diferentes classes sociais” (BOURDIEU, 1966, p. 45), o autor chama atenção, mais uma vez, para o peso da herança cultural familiar no que diz respeito às diferenças de desempenho escolar dos estudantes, utilizando-se de um dos conceitos chaves da sua teoria: a noção de capital cultural.

Segundo Bourdieu (1966), o capital cultural constitui o elemento da herança familiar que teria o maior impacto na definição do destino escolar (CUNHA, 2007; NOGUEIRA E NOGUEIRA, 2002), nota-se a ênfase dada por Bourdieu a dimensão cultural, esta, por sua vez, ocupa lugar central na explicação sociológica do autor para tratar da relação que os sujeitos das diferentes classes sociais estabelecem com a educação escolar.

De acordo com Nogueira e Nogueira (2002) “a sociologia da educação de Bourdieu se notabiliza, justamente, pela diminuição que promove o peso do fator econômico, comparativamente ao cultural, na explicação das desigualdades escolares” (NOGUEIRA E NOGUEIRA, 2002, p. 21), Para Bourdieu a herança cultural funciona como fator principal quando se trata da definição dos destinos escolares:

A noção de capital cultural impôs-se, primeiramente, como uma hipótese indispensável para dar conta da desigualdade de desempenho escolar de crianças provenientes das diferentes classes sociais, relacionando o “sucesso

¹⁰ Originalmente publicado na Revista Francesa de Sociologia em 1966.

escolar”, ou seja, os benefícios específicos que as crianças das diferentes classes e frações de classe podem obter no mercado escolar, à distribuição do capital cultural entre as classes e frações de classe (BOURDIEU, 1979, p. 81).

O capital cultural inscreve-se como ponto central da explicação sociológica para tratar da questão da diferença de desempenho escolar de crianças oriundas dos diferentes meios sociais. Bourdieu propõe-se a explicar como se processa a transmissão doméstica da herança cultural, considerando a origem social das crianças e como as famílias efetivamente transmitem para seus filhos esse recurso tão valioso que é o capital cultural, mostrando que na maioria das vezes, as crianças que recebem essa herança cultural tendem a ter maior facilidade em assimilar os conteúdos que a escola transmite, desse modo, a criança desempenha um papel ativo nesse processo, “o importante era revelar que existem diferenças de várias ordens, principalmente de acesso aos bens da cultura, entre as famílias, que são responsáveis pela variação no comportamento e no rendimento relativos aos estudos” (SETTON, 2005, p. 79).

O capital cultural pode existir de três formas ou estados: o objetivado, o institucionalizado e o incorporado. O primeiro, ou seja, o capital cultural objetivado, diz respeito a livros, quadros, revistas, obras de arte, na forma de bens culturais; o segundo o capital cultural institucional ou institucionalizado apresenta-se basicamente na forma de títulos e certificados escolares (diplomas, certificados, e outros de valor simbólico semelhante), emitidos por instituições sociais reconhecidas e, por fim, o capital cultural incorporado, isto é, na forma de disposições duráveis, o *habitus* (BOURDIEU, 1979).

2.1.3 A teoria da ação fundamentada na noção de *habitus*

Para Bourdieu (1987), o indivíduo não é mecanicamente determinado pelo meio social no qual está inserido, e nem autoconsciente de suas ações. No pensamento bourdiesiano a relação entre indivíduo e sociedade se dá de forma dialética, onde os indivíduos tanto produzem a sociedade quanto são produzidos por ela, diante disso, o referido autor utilizou-se do conceito de *habitus* para desenvolver sua teoria da prática. De acordo com Setton (2002):

“[...] *habitus* surge então como conceito capaz de conciliar a oposição aparente entre a realidade exterior e as realidades individuais. Capaz de expressar o diálogo, a troca constante e recíproca entre o mundo objetivo e o mundo subjetivo das individualidades”. (SETTON, 2002, p. 63).

Nessa perspectiva, Bourdieu (1987) define o *habitus* como “[...] um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações” (BOURDIEU,

1987, p. 65), assim, a noção de *habitus* funciona como princípio gerador das práticas. Segundo Ortiz (1983) “[...] a prática pode, assim, ser definida como produto da relação dialética entre a situação e um *habitus*” (ORTIZ, 1983, p. 19). Essa é a concepção de prática para Bourdieu, desse modo, o indivíduo é concebido como produto de um *habitus* de classe que o orienta a agir em diferentes contextos.

No enfoque teórico bourdiesiano, o *habitus* produz certa homogeneidade entre os indivíduos que pertencem a uma mesma classe social, é nesse caráter homogêneo do *habitus* que Lahire (2002) formula sua crítica a teoria da prática desenvolvida por Bourdieu, a qual ele nutriu sua posição sociológica.

2.2 A abordagem sociológica de Bernard Lahire

2.2.1 A socialização, a experiência e a construção das disposições individuais

O sociólogo francês Bernard Lahire (2002, 2004, 2005, 2013, 2015), considera que os indivíduos se constituem por meio do processo de socialização, assim ele ressalta que cabe as Ciências Sociais a tarefa de revelar como se dá o processo de fabricação social dos indivíduos (LAHIRE, 2013). Desse modo, o referido autor destaca a importância das instituições socializadoras como família, escola, igreja, trabalho, universidade, clube de futebol, etc. no processo de socialização.

Diante disso, Lahire (2015) observa que os indivíduos que vivem em sociedades industriais e escolarizadas estão sujeitos a frequentar, desde a infância, esse conjunto de instituições que contribui para socializá-lo e formá-lo. Portanto, a noção de socialização “[...] designa o movimento pelo qual o mundo social – essa ou aquela “parte” dele – molda – parcial ou globalmente, pontual ou sistematicamente, de maneira difusa ou de forma explícita e conscientemente organizada – os indivíduos que vivem nele” (LAHIRE, 2015, p. 1395), sendo assim, o indivíduo é concebido como produto da sociedade.

No entanto, para o mencionado autor, dizer que os indivíduos são produto de uma socialização não é suficiente para fazer da noção de “socialização” um conceito útil. Para ter utilidade sociológica, o conceito de socialização precisa ser utilizado empiricamente para descrever e analisar :1) os quadros (universo, instancias, instituições); 2) as modalidades (maneiras, formas, técnicas etc.); 3) os tempos (momento em um percurso individual, duração das ações socializadoras, grau de intensidade e ritmo dessas ações); e 4) e os efeitos (disposições a acreditar, a sentir, a julgar, a se representar, a agir, mais ou menos duradouras) de socialização.

Desse modo, Lahire (2013) enfatiza que a investigação empírica “exige então que o conjunto dos espaços de modelagem social (familiar, escolar, profissional, cultural, político, religioso, esportivo, etc.) porque o indivíduo passou sejam levados em conta” (LAHIRE, 2013, p.24) nesse processo.

Nesse sentido, Lahire (2013) propõe uma mudança na escala de observação e de análise, uma vez que o seu interesse é pelas variações interindividuais (de uma pessoa a outra, no interior de um mesmo grupo social) e intraindividuais (a mesma pessoa, em diferentes contextos de ação) dos comportamentos, tal proposição surge da sua necessidade em compreender o indivíduo em sua singularidade relativa, para isso precisou aproximar-se dele, fazendo uma “sociologia em escala individual”. Sendo assim, Lahire (2013) propõe-se a desenvolver uma análise sociológica em micro contextos, pois considera que, “quando temos a necessidade de compreender as “razões” pelas quais tal indivíduo agiu do modo como fez, não podemos nos contentar em recorrer apenas às grandes determinações de grupo, classe ou campo” (LAHIRE, 2013, p.24).

Como já mencionamos, Lahire (2002) formula seu arcabouço teórico a partir de prolongamentos críticos da Teoria do *habitus* de Bourdieu, a qual concebe o indivíduo como produto de um *habitus* homogêneo Lahire (2002), por sua vez, constrói sua Teoria do ator plural, a qual concebe o ator como produto de experiências de socialização em contextos sociais múltiplos e heterogêneos, portanto, o ator plural é aquele indivíduo que frequentou simultânea e sucessivamente múltiplos espaços e/ou instituições ao longo de sua vida, os quais foi exposto a diversas influências, desse modo, Lahire evidencia que os indivíduos possuem experiências heterogêneas que revelam uma heterogeneidade de hábitos.

De acordo com Lahire (2002), podemos distinguir duas grandes tendências entre as teorias da ação e do ator, há, por um lado, modelos que analisam o ator e a ação considerando e dando importância ao passado, as primeiras experiências vividas desde a infância, por outro lado, estão os modelos que analisam a ação sem se preocupar com o passado das pessoas. No primeiro caso, as experiências passadas servem de base para as ações futuras, no segundo os atores são vistos como desprovidos de passado.

Diante disso, Lahire (2002) inscreve seus trabalhos de pesquisa e suas reflexões tratando “[...] teoricamente a questão do passado incorporado, das experiências socializadoras anteriores, evitando negligenciar ou a anular o papel do presente (da situação)” (LAHIRE, 2002, p. 47), desse modo, o esquema interpretativo de Lahire (2002) articula as dimensões diacrônica e sincrônica, isto é, o passado incorporado e o presente contextual, assim sua sociologia é ao mesmo tempo disposicionalista e contextualista.

A sociologia disposicionalista-contextualista de Lahire (2003, 2004) leva em consideração, no processo de análise das práticas ou comportamentos sociais, o passado incorporado dos indivíduos, nessa perspectiva:

A ação (a prática, o comportamento...) é sempre o ponto de encontro das **experiências passadas individuais** que foram incorporadas sob a forma de **esquemas de ação** (esquemas sensório motores, esquemas de percepção, de avaliação, de apreciação etc.), de hábitos, de maneiras (de ver, de sentir, de dizer e de fazer e de uma **situação social presente**). Diante de cada situação “nova” que se apresenta a ele, o ator agirá “mobilizando” (sem necessária consciência dessa mobilização) esquemas incorporados chamados pela situação. (LAHIRE, 2002, p. 69 – grifos nosso).

Assim, a situação presente reativa uma parte das experiências passadas que foram incorporadas pelos indivíduos nos diferentes contextos sociais, os quais atravessou ao longo da vida. Os momentos de “ruptura biográfica” de uma trajetória individual (como desemprego, divórcio, aposentadoria etc.), constituem uma das modalidades de desencadeamento de experiências incorporadas, “[...] pois nestes momentos as disposições podem ser reativadas e sair do estado de vigília” (LAHIRE, 2004, p. 35).

O conceito de disposição é central na sociologia de Lahire (2013), o qual consiste em um conjunto de experiências sociais incorporadas durante uma socialização passada, de acordo com o referido autor, “cada indivíduo porta em si competências e disposições a pensar, sentir e agir, que são os produtos de suas experiências socializadoras múltiplas” (LAHIRE, 2013, p. 20), assim, a noção de disposição diz respeito as diferentes maneiras de ver, sentir e agir. Nesse sentido, Sousa (2009) destaca que “quanto mais a socialização é precoce, regular e intensa, mais forte poderá ser a *disposição*, aparecendo como uma segunda pele” (SOUSA, 2009, 23). Para Lahire (2004) “[...] uma disposição só se constitui através da duração, isto é, mediante a repetição de experiências relativamente semelhantes” (LAHIRE, 2004, p. 28).

Desse modo, Lahire (2002) adverte que as disposições sociais nunca são diretamente observadas, mas considera que estão no princípio das práticas observadas. Assim o pesquisador interessado em apreender tais princípios precisa realizar a descrição (ou reconstrução): 1) das práticas; 2) das situações nas quais essas práticas desenvolveram-se; e 3) a reconstrução dos elementos julgados importantes da história (itinerário, biografia, trajetória etc.) do praticante.

Assim, é possível compreender o tecido social que reveste um determinado indivíduo, isso implica considerar as experiências socializadoras que o indivíduo vivenciou nos universos sociais, os quais atravessou em seu percurso individual. Essa incursão pela história da pessoa permite, por exemplo, que se conheça as experiências advindas de contextos sociais específicos,

com pessoas específicas (pai, mãe, avós, tios, irmãos, professores, estudantes, colegas de trabalho etc.).

Nesse sentido, a perspectiva teórico-metodológica desenvolvida por Lahire (2002, 2004) possibilita enxergar um mesmo indivíduo sendo filho/a, estudante, membro de uma igreja, estagiário ou funcionário de uma empresa, praticante de esporte, consumidor de determinados bens culturais etc. Ou seja, o indivíduo como produto de uma pluralidade de experiências sociais assim a investigação sociológica proposta por Lahire (2002) requer uma análise detalhada do processo de socialização do ator individual. Sua metodologia dos retratos sociológicos mostra-se pertinente para seguir um mesmo indivíduo em contextos sociais diferentes.

A abordagem metodológica dos retratos permite-nos realizar estudos de caso que possibilitam reunir um conjunto de informações sobre um mesmo indivíduo, para isso faz-se necessário situar os universos sociais, nos quais o indivíduo construiu suas disposições, pois para Lahire (2004) a noção de disposição proíbe pensar na possibilidade de deduzir uma disposição a partir do registro ou da observação de apenas um acontecimento.

Em suma, a análise sociológica proposta por Lahire (2004) leva em consideração os universos sociais (família, escola, igreja, trabalho,) nos quais o indivíduo foi e é inserido ao longo da sua trajetória individual. Analisar as múltiplas experiências socializadoras permite que se compreenda como o indivíduo constrói, através, do processo de socialização, o seu patrimônio individual de disposições que lhe permite pensar, sentir e agir de uma determinada maneira em diferentes contextos de ação.

2.2.2 A escolarização nos meios populares

É possível identificar na obra de Lahire (1997) *“O sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável”*, os elementos constitutivos da análise sociológica empreendida pelo autor. Na referida obra, o autor analisa o desempenho escolar de 27 crianças, da 2ª série do 1º grau, atendidas pelas chamadas Zonas de Educação Prioritária – ZEP, na periferia da cidade de Lyon. As situações de “sucesso” e “fracasso” escolar são descritas e analisadas tomando-se como referência os resultados obtidos pelas crianças na avaliação nacional de proficiência em Francês e Matemática.

A questão central que permeia toda a pesquisa diz respeito “à compreensão das diferenças ‘secundárias’ entre as famílias populares cujo nível de renda e nível escolar são bastante próximos” (LAHIRE, 1997, p. 12). Conforme observa Nogueira (2013):

Embora todas as crianças consideradas na pesquisa possuam uma origem social **semelhante** do ponto de vista socioeconômico, uma série de **diferenças secundárias**, ligadas à composição, às práticas e às dinâmicas de suas famílias, faz com que elas passem por **experiências socializadoras diferenciadas**, incorporem um patrimônio de disposições distinto e, finalmente, estabeleçam uma relação particular com a escola e os processos de ensino e aprendizado (NOGUEIRA, 2013, p. 3 - grifo nosso).

Se por um lado as famílias são consideradas, do ponto de vista socioeconômico, como homogêneas, por outro elas também podem apresentar características particulares que as diferenciam umas das outras, isto corrobora por revelar a existência de uma heterogeneidade no interior de um mesmo grupo social.

As diferenças secundárias das famílias são relacionadas a configuração do grupo familiar, as práticas sociais e culturais que são vivenciadas e as dinâmicas internas das mesmas. A relação desse conjunto de fatores faz com que se produza uma diversidade de experiências de socialização entre os indivíduos o que caracterizaria as variações inter e intraindividuais, ou seja, diferenças entre indivíduos de famílias distintas (de uma mesma classe social ou não) e diferenças entre indivíduos provenientes da mesma família.

Em relação às diferenças secundárias das famílias na pesquisa de Lahire (1997), o autor as observa a partir de 5 princípios de análise, relacionados direta ou indiretamente, com as situações de sucesso e fracasso escolar das crianças por ele investigadas, são elas: as formas familiares de cultura escrita; as condições e disposições econômicas; a ordem moral doméstica; as formas de autoridade familiar e as formas familiares de investimento pedagógico. Esses elementos constituem os traços pertinentes da leitura sociológica (LAHIRE, 1997). Vejamos em que consiste cada um desses elementos.

A primeira dimensão diz respeito as formas que as famílias têm de se relacionar com a escrita, ou seja, observa-se de que forma as crianças entram em contato no seu contexto familiar com a cultura letrada concordamos com Lahire (1997) ao observar que “a escola é um universo de cultura escrita” (LAHIRE, 1997, p. 20). Assim, a forma de se relacionar com a escrita seria um dos primeiros aspectos que distingue as famílias, uma vez que leva-se em consideração a relevância da criança vivenciar, no contexto familiar, práticas de leitura e escrita e as suas implicações nos processos formais de ensino e aprendizagem na escola, ressalta-se que “quando a criança conhece, ainda que oralmente, histórias escritas lidas por seus pais, ela capitaliza – na relação afetiva com seus pais – estruturas que poderá reinvestir em suas leituras ou nos atos de produção escrita” (LAHIRE, 1997, p. 20).

O fato de a criança em seu processo de socialização passar por experiências de práticas de leitura de diferentes gêneros textuais, poderá contribuir para que ela desenvolva uma

disposição a leitura que, por sua vez, lhe auxiliará em processos de ensino e aprendizagem formal. De acordo com Nogueira (2013) “as crianças socializadas em famílias em que há uma maior presença da cultura escrita tenderiam a ter maior facilidade na escola, não apenas no que se refere às atividades diretamente ligadas ao aprendizado e uso da língua, mas em relação ao conjunto de atitudes e comportamentos valorizados pela instituição” (NOGUEIRA, 2013, p. 8).

A familiaridade com a leitura e escrita teria o potencial de contribuir com o desenvolvimento de competências e habilidades da criança na medida em que torna-se uma prática habitual para ela porque “o fato de ver os pais lerem ou escreverem com ou sem dificuldade, de ver os pais recorrerem cotidianamente, em sua vida familiar, a escritas de determinado tipo pode desempenhar um papel importante do ponto de vista do sentido que a criança vai dar ao texto escrito dentro do espaço escolar” (LAHIRE, 1997, p. 21). O contato cotidiano com a cultura escrita associada a práticas sistemáticas de ensino de leitura e escrita possibilitam que a criança, pouco a pouco, adquira o hábito pela leitura e se aproprie do sistema de escrita alfabética, a aprendizagem da leitura e escrita constitui-se em condição favorável ao processo de escolarização do sujeito.

A segunda dimensão apontada por Lahire (1997) diz respeito às condições econômicas das famílias e suas implicações sobre a escolarização das crianças. Cabe observar que embora aparentemente semelhantes do ponto de vista socioeconômico, haveria alguns aspectos que distinguem as famílias, como, o tipo de atividade exercida pelos responsáveis pelo sustento da casa, a questão da regularidade e estabilidade econômica também seriam fatores importantes a se considerar (NOGUEIRA, 2013).

Nesse sentido, Lahire (1997) coloca que uma situação de divórcio, desemprego, e até morte do responsável pelo sustento da família poderia abalar as condições materiais de existência das famílias (LAHIRE, 1997), alterando significativamente a condição econômica desses indivíduos e provocando mudanças na configuração familiar da criança. Isso traria implicações (in)diretas na escolarização das crianças uma vez que “o distanciamento das formas organizadas de trabalho e a insegurança econômica são situações pouco favoráveis do desenvolvimento de uma atitude racional em relação ao tempo” (Lahire, 1997, p. 24).

A terceira dimensão é a ordem moral doméstica que significa a atitude dos pais ou dos responsáveis pelo processo de escolarização da criança, de valorização da escola e do respeito aos profissionais que atuam no contexto escolar, assim:

Em casa podem exercer um controle exterior direto da escolaridade dos filhos: sancionar as notas baixas e os maus comportamentos “escolares”, assegurar-se de que as tarefas tenham sido feitas... Indiretamente, também, podem controlar o tempo consagrado aos deveres escolares, proibindo ou

limitando as saídas noturnas, restringindo o tempo que passam diante da televisão (LAHIRE, 1997, p. 25).

A ordem moral doméstica é exercida, geralmente, por membros da família (pai, mãe, tio, avós, etc.) responsável pelo acompanhamento da escolarização da criança, tal ordem moral diz respeito ao controle do tempo dedicado as tarefas escolares, a obtenção de notas, as atividades escolares, assim como pelo controle do tempo dedicado a distrações como assistir televisão, acessar a internet, brincadeiras, etc. “neste caso, a intervenção positiva das famílias, do ponto de vista das práticas escolares, não está voltada essencialmente do domínio escolar, mas a domínios periféricos” (LAHIRE, 1997, p. 26). Domínios periféricos porque são práticas familiares que interferem indiretamente no trabalho escolar, mesmo que não possuam uma dimensão intencional, tais práticas contribuiriam para a constituição de disposições favoráveis ao processo de escolarização (SOUSA, 2009).

Uma outra dimensão abordada por Lahire (1997) diz respeito às formas de autoridade familiar que podem ser exercidas por meio do diálogo ou através de sanções físicas quando da necessidade de punir atos considerados incorretos (NOGUEIRA, 2013), portanto, as formas do exercício da autoridade dependem de como as famílias reagem em relação as regras de comportamento.

Por último, Lahire (1997) atenta para as formas de investimento pedagógico das famílias, se contrapondo a ideia de que os sujeitos das famílias populares que obtêm êxito na escola caracterizam-se pela “super escolarização” (LAHIRE, 1997), isto é, o autor se opõe à ideia de que a situação de sucesso escolar decorre apenas do investimento pedagógico empregado pela família em favor de uma escolarização bem sucedida.

A sociologia de Lahire (2002, 2004), denominada de Sociologia à Escala Individual, é uma possibilidade teórico-metodológica para dar conta de compreender os casos atípicos ou estatisticamente improváveis, ou seja, é uma alternativa pertinente para se realizar estudos de caso sobre a trajetória de estudantes que obtêm longevidade escolar apesar das condições, sobretudo, sociais e econômicas de suas famílias serem desfavoráveis a uma escolarização de longa duração.

3 O CAMINHO METODOLÓGICO

Nesse capítulo apresentamos o percurso metodológico desta pesquisa. Em nosso estudo, tomamos como objetivo geral: compreender a trajetória escolar e a experiência universitária de estudantes provenientes de famílias socioeconomicamente desfavorecidas que ingressaram nos cursos de graduação mais seletivos da UFPE, campus Caruaru. Especificamente, buscamos:

- Identificar as práticas sociais constituidoras de disposições favoráveis a uma escolarização considerada de longa duração;
- Analisar a trajetória escolar e a experiência universitária dos estudantes nos cursos de graduação mais seletivos da UFPE/CAA.

Buscando atender aos objetivos acima indicados, optamos por uma Abordagem de Pesquisa Qualitativa, por entender que esse tipo de pesquisa permite ao pesquisador o contato direto com o contexto social a ser estudado, possibilitando assim, trabalhar com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes (MINAYO, 2012). A pesquisa qualitativa possibilita também que o pesquisador trate da dimensão subjetiva presente nas relações sociais, dessa forma, o emprego de métodos e técnicas dessa abordagem nos auxiliaram no processo de construção da pesquisa, sobretudo, por se tratar de investigação vinculada a área das Ciências Humanas e Sociais e, em particular, ao campo da Educação.

Compreendemos que nosso objeto de estudo, ao tratar das trajetórias individuais de estudantes da UFPE/CAA, apresenta algumas especificidades, exigindo assim que realizássemos uma análise do contexto microssocial. Diante disto, optamos por trabalhar com a abordagem metodológica dos “Retratos Sociológicos” desenvolvida por Bernard Lahire (2004), pois essa abordagem nos permite dar visibilidade as variações interindividuais, isto é, as diferenças secundárias de um indivíduo para o outro no interior de um mesmo grupo social (LAHIRE, 1997, 2004). A noção de retrato sociológico consiste numa metodologia que nos possibilita tratar da singularidade de uma trajetória escolar, levando-se em consideração os efeitos dos diferentes universos de socialização (familiar, escolar, profissional etc.) sobre os destinos escolares.

Essa opção teórico-metodológica nos auxiliou no processo de desenvolvimento da pesquisa, uma vez que sua teoria da ação evidencia o processo de constituição do “ator plural”, que é caracterizado por um “patrimônio individual de disposições”, desse modo, Lahire (2002) considera que o indivíduo frequenta múltiplos espaços de socialização nos quais ele adquire

múltiplas experiências sociais, portanto, o ator plural é aquele que frequentou simultaneamente universos de socialização diferentes e constituiu daí seu patrimônio de disposições.

A metodologia dos retratos sociológicos permite que o pesquisador reconstrua o percurso individual e escolar do pesquisado, a fim de atingir os objetivos previamente definidos para a pesquisa, portanto, essa abordagem metodológica pode ser empregada de maneiras e propósitos diferentes ao aplicar tal metodologia para os propósitos da educação, buscamos fazer retratos sociológicos adequados aos nossos objetivos e a questão que norteia esta pesquisa. O processo de reconstrução das trajetórias escolares dos entrevistados possibilitou-nos considerar aspectos das matrizes socializadoras, quais sejam: a família, a escola, o trabalho e o universo acadêmico. Tais espaços de socialização contribuem efetivamente para a formação do patrimônio de disposições de diferentes sujeitos.

Nessa direção, estruturamos esse capítulo metodológico da seguinte forma; no primeiro tópico apresentaremos o nosso *lócus* de pesquisa, sublinhando o processo de interiorização da UFPE e a criação do Centro Acadêmico do Agreste (CAA). No segundo tópico identificaremos os cursos de graduação selecionados para essa pesquisa. No terceiro tópico discutiremos o processo de seleção dos sujeitos e os critérios de escolha. Por fim, descreveremos as etapas de aplicação do questionário e de realização das entrevistas, bem como, nosso processo de elaboração e análise dos retratos sociológicos.

3.1 Caracterização do espaço de socialização acadêmica: o centro acadêmico do agreste – UFPE/CAA

Inaugurado em março de 2006, na cidade de Caruaru, o Centro Acadêmico do Agreste - CAA, foi o primeiro¹¹ campus da UFPE a ser interiorizado. No início de suas atividades o CAA funcionou nas instalações de um centro de compras¹² do município, no ano de 2010 foi inaugurado o prédio definitivo onde atualmente funciona o Centro Acadêmico, localizado as margens da BR – 104¹³.

Vale ressaltar que o processo de interiorização da UFPE, é resultado de uma Política Nacional de Expansão das Universidades Públicas Federais criada, especialmente, no início de

¹¹ O Centro Acadêmico de Vitória – CAV foi inaugurado em 21 de agosto do mesmo ano.

¹² O Polo Comercial de Caruaru

¹³ informações retiradas do site oficial da UFPE através do endereço eletrônico <https://www.ufpe.br/caa/contatos> > acesso em 22/04/2019

2003 pelo Governo Federal. A construção de um campus universitário, localizado no interior, possibilitou aos estudantes das diversas cidades do estado de Pernambuco o ingresso a educação superior pública, gratuita e de qualidade.

O CAA iniciou suas atividades acadêmicas em 2006, ofertando inicialmente cinco cursos de graduação: Administração, Design, Ciências Econômicas, Engenharia Civil e Pedagogia. Num período de aproximadamente 6 anos, desde que foi inaugurado, foram sendo criados cursos de graduação. No processo de admissão de estudantes de 2012, por exemplo, além dos cursos anteriormente mencionados, no CAA foram oferecidas vagas para as licenciaturas em Química, Física e Matemática e para o curso de Engenharia de Produção. Em 2014 tivemos a chegada do curso de Medicina e, no segundo semestre de 2015 o curso de Comunicação Social.

Atualmente, no CAA, são ofertados os cursos de graduação em Administração, Ciências Econômicas, Comunicação social, Design, Engenharia Civil, Engenharia de Produção, Medicina, e as Licenciaturas em Pedagogia, Física, Química e Matemática, além da Licenciatura Intercultural Indígena. Embora toda a UFPE seja orientada por um único Regimento e Estatuto, existem duas diferentes estruturas administrativas e acadêmicas para a instituição, uma para o campus Recife e outra para os *campi* localizados no interior, desse modo, em Recife existe uma estrutura organizada por Departamentos, coordenados por dez Centros Acadêmicos, de acordo com a área de conhecimento. Nos *campi* do interior, no entanto, a organização se dá por Núcleos Acadêmicos, que passaram a cumprir o papel de aglutinação das grandes áreas, embora não contenham a segmentação departamental (SILVA, 2018). Desse modo, os cursos que compõem o CAA organizam-se da seguinte forma:

- a) os cursos de licenciatura em Pedagogia, Física, Química e Matemática e Intercultural Indígena fazem parte do **Núcleo de Formação Docente**;
- b) os cursos de Design e Comunicação social vinculam-se ao **Núcleo de Design e Comunicação**;
- c) os cursos de Administração e Ciências Econômicas são vinculados ao **Núcleo de Gestão**;
- d) os cursos de Engenharia Civil e Engenharia de Produção vinculam-se ao **Núcleo de Tecnologia**;
- e) o curso de Medicina vincula-se ao **Núcleo de Ciências da Vida**.

Em nível de pós-graduação (*stricto sensu*) são ofertados os Mestrados em Educação Contemporânea, Economia, Educação em Ciências e Matemática, Engenharia Civil e Ambiental, Engenharia de Produção e de Gestão, Inovação e Consumo, e o Mestrado Profissional de Ensino de Física, em Maio de 2020 foi aprovado junto a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES o Doutorado em Educação, do Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea – PPGEDUC. Esses são os cursos de graduação e pós-graduação ofertados atualmente no CAA, nos quais são desenvolvidas as atividades de ensino, pesquisa e extensão.

Desde 2015 o ingresso nos cursos de graduação da UFPE se dá por meio do Sistema de Seleção Unificada – SISU do Ministério da Educação – MEC. Isto porque a UFPE adotou o Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM, como principal forma de selecionar os estudantes, isto é, nos processo seletivo da UFPE/SISU leva-se em consideração os resultados obtidos nas provas de Redação, Matemática e suas Tecnologias, Linguagens, Códigos e suas tecnologias, Ciências Humanas e suas Tecnologias e Ciências da Natureza e suas Tecnologia do ENEM/MEC.

No processo seletivo UFPE/SISU 2017, por exemplo, foram ofertadas para o campus Caruaru um total de 1.290 vagas, distribuídas de acordo com a oferta de cada curso de graduação, nesse mesmo ano tivemos um total de 21.735 candidatos inscritos para concorrer ao total de vagas¹⁴, ou seja, ficaram de fora no processo seletivo da UFPE/SISU 2017, aproximadamente, 20.445 candidatos. Esses dados mostram que há uma forte concorrência para se conquistar uma vaga na UFPE, isto confirma a seletividade do ensino superior.

3.2 A escolha dos cursos de graduação e o primeiro contato com o campo

Considerando que buscamos analisar a trajetória escolar de estudantes que obtiveram aprovação nos cursos de graduação mais concorridos da UFPE/CAA foi inicialmente necessário realizarmos uma consulta no site oficial da UFPE¹⁵ e na plataforma online do SISU¹⁶, com o objetivo de selecionar os cursos de graduação mais seletivos do CAA. Para definirmos tais cursos, utilizamos como único critério a Nota de Corte¹⁷ efetiva dos estudantes classificados,

¹⁴ Disponível em: <https://www.ufpe.br/documents/40780/839971/Concorr%C3%A2ncia+SISU.pdf/7dd15f6c-3feb-4a8f-9412-efca90e11c8a>. Acesso em 15/01/2019.

¹⁵ <https://www.ufpe.br/formas-de-ingresso/sisu-ufpe>

¹⁶ <https://sisu.mec.gov.br/#/>

¹⁷ A nota de corte corresponde ao total de pontos obtidos pelo último classificado num processo seletivo, isto é, a menor nota para um candidato ficar entre os selecionados.

entre os anos de 2016 e 2019, nos processos seletivos UFPE/CAA/SISU¹⁸. A partir dos dados¹⁹ obtidos, observou-se que os cursos superiores da UFPE/CAA com as maiores notas de corte foram, respectivamente: Medicina, Engenharia Civil e Comunicação Social²⁰.

Para encontrarmos os estudantes que atendessem os critérios de seleção para o estudo em tela, fizemos um primeiro contato com o Departamento de Assistência Estudantil e o setor de Escolaridade do CAA com o intuito de apresentar e explicar os propósitos da pesquisa, a fim de saber se havia um banco de dados institucional com informações sobre o perfil socioeconômico dos estudantes da graduação dos cursos selecionados, uma vez que a maioria dos estudantes proveniente de famílias socioeconomicamente desfavorecidas busca algum tipo de auxílio financeiro, junto a esses setores da reitoria, para permanecer na universidade. Os servidores técnicos administrativos de ambos os departamentos foram bastante atenciosos e se colocaram à disposição em colaborar com a pesquisa, no entanto, as informações das quais precisávamos acerca do quadro discente não constavam no sistema institucional compiladas da forma que necessitaríamos e, por isso, precisamos rever como acessar as informações que considerávamos importantes nesse momento.

Diante da dificuldade em obter os dados relativos ao perfil social dos estudantes via sistema institucional, optamos por reorganizar esta fase da produção dos dados de um outro modo. Esse consistiu na elaboração de um questionário socioeconômico e escolar optamos pela utilização do questionário por entender que esse instrumento de produção de dados seria uma alternativa viável para a obtenção dos dados necessários para a seleção dos sujeitos, as questões que constituíram esse instrumento foram elaboradas a partir de questionários socioeconômicos presentes no ENEM e no ENADE²¹, pois pretendíamos ter acesso a informações semelhantes aquelas que os estudantes preenchem ao realizar tais exames e que são utilizadas para conhecer o perfil dos estudantes ingressantes e egressos do ensino superior. Além disso, os dados obtidos por meio do questionário nos permitiram traçar o perfil geral dos estudantes dos cursos de graduação selecionados para esta pesquisa, embora esse não fosse o nosso objetivo inicial.

¹⁸ Na primeira edição de cada ano.

¹⁹ Ver Apêndice A

²⁰ Vale ressaltar que apenas em 2018, o curso Comunicação Social não ficou entre os três mais concorridos, ver Apêndice A.

²¹ Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes

3.3 A aplicação do questionário

A etapa seguinte da pesquisa consistiu em uma fase de aplicação do questionário socioeconômico e escolar²², com o objetivo de selecionar os estudantes a serem entrevistados, através dos critérios que serão expostos um pouco mais a diante. Conforme mencionamos anteriormente, os dados dos questionários também possibilitaram compor o perfil geral dos estudantes por curso.

A aplicação do questionário ocorreu entre os meses de agosto e setembro de 2019 sob duas formas: impresso e online, devido as especificidades de cada curso. O curso de Engenharia Civil tem aulas com todos os períodos diariamente, sendo assim, conseguimos aplicar os questionários nas turmas do 5º ao 10º período que estão reunidas ao longo de toda a semana.

No curso de Medicina há uma metodologia diferenciada onde os estudantes participam de tutorias em pequenos grupos, há algumas disciplinas em que os estudantes se reúnem no auditório em grande grupo, sendo assim, realizamos a aplicação do questionário com as turmas do 4º e 8º períodos, no auditório onde estavam reunidas duas turmas de cada período, totalizando mais de 80 estudantes.

No curso de Comunicação Social a partir do 4º período os estudantes não têm disciplinas “obrigatórias”, matriculando-se assim em diferentes disciplinas eletivas, com aulas uma vez por semana, onde há uma heterogeneidade de períodos por turma, desse modo, aplicamos questionários impressos nas disciplinas Metodologia da Pesquisa e TCC 1, por serem disciplinas obrigatórias que têm como público-alvo os estudantes em períodos finais do curso, assim, teríamos acesso a uma turma mais homogênea em relação aos períodos cursados e com estudantes acima do 4º período (que foi um dos critérios de seleção dos sujeitos) e disponibilizamos ainda uma versão online a fim de alcançarmos um número maior de estudantes, para isso, contamos com o apoio de professores e representantes de turma na divulgação desse questionário.

No total, foram aplicados 333 questionários, distribuídos em seis turmas de Engenharia Civil (116 questionários), em quatro turmas de Medicina (145 questionários) e em Comunicação Social (72 questionários), presencialmente e online. As questões presentes no questionário versaram sobre: gênero, idade, raça/etnia, universo familiar: localização da moradia, estrutura familiar, renda familiar, nível de escolaridade e profissão dos pais; e escolar:

²² Uma versão do questionário está no Apêndice B.

tipo de estabelecimento de ensino frequentado no ensino fundamental e médio, ano de conclusão dessas etapas de ensino, forma de ingresso na universidade, período atual no curso de graduação, turno no qual estuda, se fez uso de políticas de ação afirmativa e/ou inclusão social, se recebe ou não bolsas e/ou auxílios. Havia também uma questão, na qual os estudantes poderiam indicar se desejariam ou não colaborar com a realização pesquisa.

Com os questionários respondidos iniciamos a leitura dos mesmos organizando-os em dois grupos a fim de separar os questionários dos estudantes que atendiam aos critérios de nossa pesquisa daqueles que estavam fora do perfil procurado: estudante proveniente de família com 1) reduzida renda familiar; 2) baixo nível de escolaridade dos pais; 3) egresso de escola pública; e 4) que estivesse no 4º período em diante do curso de graduação. Após organizarmos os questionários que atendiam a tais critérios atentamos para aqueles que haviam expressado desejo de participar da pesquisa, ou seja, aqueles que marcaram “sim” a pergunta acerca de sua disponibilidade de seguir adiante conosco, caso fosse selecionado/a.

A seleção dos estudantes não foi tarefa fácil, pois encontramos um grupo de sujeitos que reuniam os critérios anteriormente indicados acima do esperado, neste contexto, para tornarmos a pesquisa possível, decidimos restringir ainda mais essa amostra, selecionando aleatoriamente quatro estudantes por curso (total de doze) e formando dois grupos: o grupo dos selecionados (composto por seis estudantes, dois de cada curso), contendo os estudantes selecionados para as entrevistas; e um grupo dos selecionáveis (composto por seis estudantes), a ideia era ter um grupo secundário a ser acionado caso houvesse alguma desistência por parte dos estudantes do grupo principal. No quadro 2, apresento o perfil social dos estudantes que foram entrevistados:

Quadro 1 – Perfil social dos estudantes seleccionados

Nome	Idade	Curso	Período no Curso	Nível de Escolaridade do pai	Nível de Escolaridade da Mãe	Profissão do Pai	Profissão da Mãe	Renda Familiar
Joaquim	24 anos	Engenharia Civil	11º	Ensino Fundamental Incompleto	Ensino Fundamental Incompleto	Vigilante	Dona de Casa	Entre 1 e 2 salários
Júlio	24 anos	Engenharia Civil	14º	Não Informado	Ensino Médio Completo	Não informado	Diarista	Menos de 1 salário
Genival	24 anos	Medicina	8º	Ensino Fundamental Incompleto	Ensino Fundamental Incompleto	Agricultor	Agricultora	Entre 1 e 2 salários
Violeta	23 anos	Medicina	8º	Ensino Fundamental Incompleto	Ensino Fundamental Incompleto	Agricultor/Vendedor	Dona de Casa	Entre 1 e 2 salários
Asa	32 anos	Comunicação Social	8º	Ensino Fundamental Incompleto	Analfabeta	Agricultor	Agricultora	Entre 1 e 2 salários
Nina	28 anos	Comunicação Social	9º	Ensino Fundamental Incompleto	Ensino Fundamental Incompleto	Agricultor	Dona de Casa	Entre 1 e 2 salários

Fonte: O Autor, 2020

Os nomes presentes no quadro acima, bem como nos retratos sociológicos, são fictícios e foram escolhidos pelos próprios estudantes durante as entrevistas, é importante ressaltar que tais nomes têm um significado afetivo para cada estudante (trata-se de nomes de avó, avô, apelido de infância, personagem de livro favorito, etc.).

3.4 O contexto de realização das entrevistas

Os dados do questionário forneceram a base para a segunda etapa da pesquisa que consistiu na realização de entrevistas. Realizamos entrevistas de forma que pudesse fluir como uma conversa, e nesse sentido elaboramos perguntas a partir de temas específicos, tais como: vida familiar, escolar e acadêmica para que assim o entrevistado tivesse liberdade para falar sobre suas experiências e histórias.

Nessa direção, compreendemos que o objeto de estudo desta pesquisa impõe a necessidade de recorremos a esse recurso metodológico, uma vez que buscamos identificar as práticas sociais constituidoras de disposições favoráveis a uma escolarização considerada de longa duração, portanto, o material empírico resultante das entrevistas nos ajudou a compreender os elementos tanto objetivos quanto subjetivos presentes nos diferentes espaços de socialização frequentados pelos estudantes entrevistados (LAHIRE, 2004).

Elaboramos um roteiro com questões norteadoras para nos orientarmos durante as conversas, mas permanecemos atentos às respostas dos entrevistados de modo a fazer uma “mediação permanente entre o andamento da entrevista e o guia da entrevista” (FLICK, 2009, p.161), conforme já afirmamos acima. Realizamos duas entrevistas com cada estudante, buscando estruturar o roteiro da primeira entrevista²³ a partir de temas pré-definidos, entretanto, nosso foco estava na história individual dos entrevistados e nos contextos de socialização aos quais eles se integraram, e apesar de conduzirmos a primeira entrevista a partir de um mesmo roteiro para os 6 sujeitos, foi possível perceber o peso diferenciado que cada temática proposta tinha para cada estudante, alguns abordaram mais o tema família e a relação desta com a escola, outros preferiram falar com mais ênfase dos anos de educação básica, outros ainda, abordaram amplamente suas vivências profissionais e seu processo de ingresso na universidade, e assim, apesar de um roteiro prévio, cada entrevista foi marcada por diferentes experiências e histórias.

²³ O Roteiro da entrevista 01 se encontra no Apêndice C.

Desse modo, na primeira entrevista procurei conhecer a configuração familiar, trajetória escolar e vida acadêmica dos estudantes, a segunda visava complementar e aprofundar alguns aspectos, bem como esclarecer as dúvidas surgidas na primeira. Buscamos assim reconstruir a trajetória escolar desses estudantes, a fim de compreender como conseguiram ingressar nos cursos de graduação mais concorridos de uma universidade pública e nele permanecer, isto é, discutimos questões relacionadas tanto a trajetória escolar quanto as experiências vividas na e com a universidade

As entrevistas foram marcadas da seguinte maneira: inicialmente enviamos um e-mail para o estudante, no qual nos apresentamos e explicamos como seria a segunda etapa da pesquisa e em seguida fazíamos o convite para que pudessem participar. Aceito o convite, estabelecíamos o contato via whatsapp e marcávamos os encontros, o local, dia e horário ficaram a critério dos estudantes. A maioria das entrevistas foram realizadas no CAA. O intervalo entre a primeira e a segunda entrevista com cada estudante foi de aproximadamente 30 dias, nesse período entre uma entrevista e outra realizamos as transcrições da primeira entrevista, elaboramos o roteiro individual para a segunda entrevista e negociamos a data e horário com os estudantes.

De forma geral, os estudantes foram atenciosos em compartilhar suas histórias de vida e suas experiências socializadoras. Nesse sentido, Lahire (2004) aponta que esse recurso teórico-metodológico quando bem conduzido faz com que o pesquisador se torne uma espécie de confidente do entrevistado (LAHIRE, 2004), o processo de construção dos retratos sociológicos permite que o entrevistado faça uma autorreflexão sobre sua trajetória social.

Desse modo, Lahire (2002, 2004), ao estabelecer uma relação mais crítica e distanciada das análises macrosociológicas que tendem a homogeneizar os atores individuais, nos permite analisar numa perspectiva micro a heterogeneidade das experiências e disposições individuais. Assim, o referido autor nos apresenta um modo propriamente sociológico para o tratamento da individualidade. É nessa direção, que conduziremos a análise dos dados produzidos por meio das entrevistas.

3.5 O processo de construção dos retratos sociológicos

As entrevistas nos permitiram levantar informações detalhadas sobre a vida familiar, escolar e acadêmica dos estudantes, bem como suas experiências em diferentes espaços de socialização. Baseados em tais informações elaboramos os retratos sociológicos de cada entrevistado, um total de seis retratos, essa abordagem metodológica baseia-se em uma teoria

da prática alicerçada na gênese plural e contextual das disposições (LOPES, 2012), sendo assim, foi possível que articulássemos as trajetórias individuais desses estudantes com o seus contextos culturais, sociais e institucionais.

Nesse sentido, seguindo as orientações expostas no trabalho desenvolvido por Lopes (2012), realizamos duas fases de elaboração dos retratos sociológicos dos nossos entrevistados: edição das entrevistas de forma que o resultado fosse um texto biográfico narrado em terceira pessoa e construção do retrato, articulando recursos teóricos e material empírico. A metodologia dos retratos sociológicos nos permitiu reconstituir os universos de socialização, nos quais os estudantes construíram seus patrimônios individuais de disposições. Esse trabalho de reconstrução das trajetórias escolares, fez emergir os aspectos pertinentes para a realização das análises que estão apresentadas no capítulo a seguir.

4 OS RETRATOS SOCIOLÓGICOS DOS ESTUDANTES DA UFPE/CAA

Nesse capítulo apresentamos os retratos sociológicos dos 6 estudantes que concordaram em participar das entrevistas em nossa pesquisa. Organizamos os Retratos, por curso, desse modo, iniciaremos com os retratos dos estudantes de Comunicação Social, Asa e Nina; em seguida apresentaremos os retratos dos estudantes de Engenharia Civil, Joaquim e Júlio, e por fim, dos estudantes de Medicina, Genival e Violeta.

4.1 Asa

A primeira entrevista com Asa ocorreu na UFPE/CAA, no início da tarde, em um dos bancos do jardim do bloco de Pedagogia, após suas atividades acadêmicas que foram realizadas no horário da manhã. Antes da entrevista em si, expliquei o objetivo da pesquisa e perguntei ao estudante se poderia fazer o registro de nosso diálogo através do uso do gravador de áudio²⁴, ele demonstrou certa familiaridade com a situação de entrevista, respondendo as perguntas de forma natural. A segunda entrevista foi realizada ao final da tarde, após uma de suas aulas. A primeira entrevista durou cerca de 3h e a segunda 1h.

Asa, 32 anos, branco, está no 8º período do curso de Comunicação Social. Natural da cidade de Altinho-PE, ele viveu até os 19 anos no sítio Cajarana, área rural do município. Atualmente, mora em uma casa própria localizada no morro Bom Jesus, na cidade de Caruaru, sua renda mensal é de aproximadamente 2 salários mínimos. Asa é filho de Valentim, que era agricultor e estudou até a 4ª série do ensino fundamental (quando seu pai morreu o estudante tinha 6 anos) e de Alda, 74 anos, agricultora aposentada, não alfabetizada, que continua morando no sítio Cajarana.

Juntos Valentim e Alda tiveram seis filhos, sendo quatro mulheres e dois homens, Asa é o filho mais novo do casal. Seus irmãos se mudaram para São Paulo em busca de melhores condições de vida, ele conta que todos conseguiram cursar o ensino fundamental em Pernambuco, e depois de alguns anos conseguiram concluir a educação básica “era aquela lógica: Nordeste vai embora pra São Paulo, mas saíram com o ensino fundamental porque meus pais colocaram na escola. E lá essas [irmãs] que não conseguiram pelo menos concluir o ensino médio, correram atrás, duas já terminaram e tem outra que ainda tá estudando”. Ele conta que

²⁴ Realizei esse procedimento com todos os estudantes entrevistados e todos autorizaram a gravação.

em Pernambuco seus irmãos trabalharam com agricultura, em São Paulo, seu irmão é gerente de pastelaria, uma de suas irmãs trabalhou por um tempo em uma montadora de peças para carro e as outras trabalham como embaladoras na indústria de alimentação. Asa é o único dos filhos de Valentim e Alda que conseguiu acessar o ensino superior e concluir a educação básica sem interrupções, “eu fui o único desses 6 que conseguiu fazer essa trajetória assim, vamos dizer mais direta: fui pro ensino fundamental e médio, e consegui acessar a universidade”. O primeiro de pelo menos duas gerações a ingressar no ensino superior apontando que entre seu grupo de pertencimento o ensino superior não é um caminho dado como natural.

Sobre a história de vida dos seus pais, Asa explica que o pai “foi o que mais teve acesso à educação: o pensamento do meu avô era tipo, homem tem que estudar e mulher não, aí meu pai conseguiu chegar até a 4ª série”, segundo o estudante, esse era o pensamento da maioria das famílias na época em que seus pais eram crianças, e por esse motivo, sua mãe nunca acessou a escola “minha mãe não teve acesso a escola justamente porque os pais daquela época diziam assim: mulher não tinha direito de ir para a escola”. Ao resumir a história de vida de seus pais, ele reforça que foi de muito trabalho e que educação do ponto de vista formal foi muito pouco “eles viviam trabalhando desde criança porque os pais criavam os filhos para trabalhar porque os avôs dos pais deles, naquela época não existia aposentadoria, então era o seguinte quando se envelhecia eles tinham uma lógica de que os filhos precisavam sustentar os pais porque os pais não conseguiam mais trabalhar”.

No entanto, esse ciclo tende a ser alterado na geração dos filhos de Valentim e Alda, com alguns direitos conquistados e a existência da aposentadoria, os pais de Asa dão aos filhos uma educação diferente daquela que eles receberam “só que assim os filhos dos meus pais, eu e meus irmãos, já foram criados noutro contexto, assim já não tinha mais essa lógica de que mulher não precisa ir pra escola, tinha que ir, era o contrário, eles criaram justamente ao contrário, tinha que ir pra escola mesmo”.

Quando Asa tinha 6 anos de idade, seu pai foi assassinado, ele conta que o pai tinha problemas com bebidas alcoólicas e que em uma briga de bar, foi preso e supostamente morto enquanto estava na delegacia “sabe-se que existia uma rinha entre ele e um policial e ele foi morto dentro da cadeia, ele foi preso talvez por tá fazendo baderna, não sei [...]o tal policial prende ele [o pai] e dessa prisão ele aparece no outro dia morto, coincidentemente era o policial que tinha essa rinha com ele”. Até hoje não se sabe os detalhes do assassinato de Valentim. A ausência da figura do pai marca a infância e adolescência de Asa, pois, essa perda inesperada causou uma dispersão entre os membros da família, os irmãos mais velhos de Asa, alguns na

época com idades entre 19 e 16 anos se mudaram e a responsabilidade de manter a casa e os filhos recaiu sobre sua mãe.

Nesse processo onde um braço dessa família acaba se perdendo e a figura mãe acaba recebendo todas as responsabilidades, isso é meio que repassado para os outros filhos que seriam os meus irmãos um pouco maiores que se dispersaram no mundo [...] a família que perde um braço e meio que fica... não desestruturada porque quando eu olho pra minha família a gente até que segurou a barra.

Por sua vez a figura da mãe ganha maior centralidade, para ele, o modo como ela lidou com a situação o ajudou a superar as dificuldades, “ela foi uma boa incentivadora nessa trajetória que eu fui me entendendo enquanto gente, enquanto pessoa capaz de superar as dificuldades”. Quanto às suas vivências no sítio Cajarana, ele afirma que “é marcante o período de seca aquela dificuldade de você conseguir algo pra beber mesmo, de você olhar isso e ver essa dificuldade juntamente com os animais”.

A trajetória escolar de Asa teve início em uma escola localizada no sítio Cajarana, na qual estudou do pré-escolar até a 4ª série do ensino fundamental, tal escola ficava a aproximadamente 1km de distância de sua casa, o percurso de ida e volta era feito a pé. Asa ressalta que “quando você tem que se deslocar pra uma escola distante, então, esse período você acaba lembrando por conta do sol quente, é de dificuldade mesmo”, ele não traz detalhes de seu período na educação básica a qual frequentou ao longo da década de 1990 e início dos anos 2000. Apesar da distância percorrida para chegar a escola sob elevada temperatura, ele relata ter uma memória afetiva dos primeiros anos de sua inserção no universo escolar “a professora do pré-escolar trazia muita música”, ele explica que a prática pedagógica da professora o estimulava a aprender, essa é uma disposição interiorizada pelo estudante no contexto escolar que vai sendo constantemente reativada ao longo do seu processo de escolarização, “eu tenho o costume de dizer que consegui acesso à universidade por conta da música”, sem dúvida, a relação que Asa tem com a música é bastante significativa, segundo ele “isso muito me ajudava, o que era me passado por conta da música, tinha um fundo de música que me fazia abrir a mente para aprender o conteúdo que era dado em sala de aula”, para Asa as situações de ensino e aprendizagem nas quais utilizava-se a música como recurso pedagógico possibilitaram a aquisição dos saberes escolares.

A partir da 5ª série, Asa passou a estudar em uma escola localizada na área urbana que ficava a aproximadamente 3km de distância de sua casa, por falta de transporte escolar o percurso também era feito a pé, foi justamente nesse período de transição para uma escola

urbana que Asa teve sua primeira e única reprovação na educação básica, ele não soube precisar em que matérias específicas reprovou, porém ele explica que poderia ter seguido para a 6ª série, pois a escola em que estudava permitia que o estudante passasse para a próxima série mesmo tendo reprovado algumas disciplinas, que seriam cursadas no contraturno em outra turma.

No entanto, ele não quis assim proceder porque sabia que teria que fazer as disciplinas da 6ª série mais as disciplinas que havia reprovado na série anterior, por isso, decidiu repetir a 5ª série, “quando eu estou de fato repetindo a 5ª série entra a música de novo”, ele explica que teve a oportunidade de estudar com um professor de Língua Portuguesa que usava letras de músicas de bandas como Legião Urbana, Titãs e Engenheiros do Havai para ensinar alguns assuntos em sala de aula, “eu lembro muito disso assim, quando eu estava com muita dificuldade tinha sempre uma associação com a música que eu fazia, a música trazida por esse professor”.

Em relação ao seu desempenho escolar no ensino fundamental, Asa considera que apesar de não ser um estudante que se destacava na escola, conseguiu de alguma maneira driblar as dificuldades enfrentadas e alcançar longevidade escolar, e “comprovo isso porque consegui acesso a um nível maior”, ao se referir ao ensino superior.

Sobre a participação da família em seu processo de escolarização, essa se deu de forma distanciada, segundo Asa, “por eles não terem aquele conhecimento que o filho estava adquirindo, talvez eles se sentissem menor, então eles não estavam presentes”, desse modo não havia por parte da família um acompanhamento direto acerca dos resultados obtidos nas avaliações escolares, nem tão pouco o comparecimento as reuniões da escola nas quais solicitava a presença dos pais, no entanto, “isso não deixava a gente desanimado, a gente meio que desdobrava isso, por mais que os nossos pais não tivessem cobrando que a gente tivesse notas boas”.

Apesar de não participar de sua vida escolar da forma como Asa gostaria, sua mãe constantemente o incentivava a permanecer na escola “a lógica dos meus pais era a seguinte: estuda pra ser alguém na vida”. Vale lembrar que no contexto familiar em que Alda vivia considerava-se que mulher não podia ir à escola, a sua não inserção no universo escolar a impossibilitava de auxiliar o filho nas atividades requeridas pela escola, pois ela não tinha os conhecimentos escolares necessários para ajudar o filho nesse sentido, além disso a sua difícil condição de vida não lhe permitia dedicar-se ao acompanhamento da vida escolar de Asa. Pode-se dizer, no entanto, que sua mãe ao expressar que a educação escolar seria algo importante

para filho, revela que ela acreditava que a escola poderia proporcionar um futuro melhor para ele, dessa forma, a escola era tida como uma instituição importante de formação e preparação para a vida adulta.

O estudante relata que contou com a colaboração de pessoas externas ao núcleo familiar, uma delas é Silvana que na época estava no processo de formação de licenciatura em Matemática, em uma faculdade local, e estagiava na escola onde Asa estudava, “ela (Silvana) trazia conhecimentos dela para gente, e a gente dizia: ela conseguiu, então a gente também consegue”, Silvana também havia estudado na mesma escola e conhecia bem os docentes que lecionavam na instituição de ensino, a sua experiência era compartilhada, “aí vinha um professor e a maneira de ensinar, a gente já estava preparado por conta de Silvana, porque ela já tinha contado essas histórias, [...] a lembrança que tenho é de quando a gente precisava fazer trabalho, como Silvana era mais velha a gente perguntava pra ela como fazer”.

A outra é Renata que também morava no sítio Cajarana e estudava na escola, “Renata e eu eramos colegas do mesmo sítio [...] então as nossas relações se firmavam mais pelas tarefinhas que a gente precisava fazer em casa e tinha essa questão em comum de música”.

O processo de transição do ensino fundamental para o ensino médio ocorreu sem interrupção, nos anos 2000, Asa inicia o ensino médio na mesma escola, “quando você entra no ensino médio que começa a acessar mais Filosofia e Sociologia, aquilo te resgata lá pra quinta série que você via, só que você não entendia, você vai amarrando as coisas”, ele se refere a importância da música no seu processo de formação, remetendo-se a abordagem crítica que as letras das músicas traziam sobre a situação política e social do país naquele contexto, e associando as reflexões trazidas em disciplinas como Filosofia e Sociologia, trazendo mais uma vez à tona a sua relação com a música e o processo de aprendizagem escolar:

[...] quando o professor trabalha com a disciplina que meio que envolve artes, ele trazia essas músicas muito de protesto mesmo, e eu sou muito influenciado por esse negócio, era Engenheiros do Havaí, Titãs, RPM, uma hora trabalhando o som, outra hora o que se desdobra em língua portuguesa”.

Sobre a relação com os professores, Asa explica que teve uma relação boa com os docentes em seu processo de escolarização básica com a conclusão do ensino médio em 2003, surgem as expectativas em relação ao ingresso no ensino superior, porém, Asa relata que as oportunidades eram reduzidas, uma vez que as opções que se tinha para acessar a educação superior eram nas faculdades particulares de Caruaru “então como a gente vinha do interior do interior a expectativa de se entrar na universidade era assim: morreu”, e ele acrescenta, “eu

lembro que nessa época que a gente acabou, o vestibular da Favip era 15 reais, e a gente não tinha 15 reais”, além disso ele ressalta a questão da dificuldade para se prestar um vestibular em uma outra cidade, destacando tanto a impossibilidade de realização do exame quanto de cursar uma graduação nas instituições de ensino superior particulares:

[...] eu pensava como é que vou chegar em Caruaru, a gente sabia dessas coisas pelos professores que vinha fazer estágio, tinha a Fafica que era muito falada em Pedagogia, na Favip era muito Direito, e na Asces muito Odontologia, só que tipo assim **cursos de elite** pra gente que era do interior do interior de família pobre de agricultores, a gente falava assim, se a gente não consegue nem chegar lá pra fazer a prova, e como fazer um curso desses? (grifo nosso).

As políticas de democratização do ensino superior ainda estavam no início, e as condições financeiras de Asa o impediam de garantir o acesso e a permanência em instituições particulares na cidade de Caruaru (a aproximadamente 35km de distância da cidade de Altinho-PE), a UFPE ainda não havia sido interiorizada e os gastos para morar em Recife também não era possíveis para ele naquele momento de sua vida.

Asa destaca a importância dos meios de comunicação na sua trajetória e de como ter acesso a tais meios já o diferenciava das vivências de seus pais “eu sou de uma geração que já conseguiu acesso à energia elétrica, meus pais não, era um radinho de pilha...” Ele aponta o papel central da rádio e da TV no que se refere ao seu conhecimento sobre o vestibular e outros assuntos, “a cultura chegava pra gente com esses programas que justamente debatiam cotas, que traziam um show de banda de rock, que resgatava as coisas que aconteceram no Brasil e isso chegava a gente”, ele explica que em 1994 apesar das dificuldades financeiras sua família conseguiu comprar uma televisão que o possibilitou ter acesso a diferentes temáticas através da programação da TV Cultura e TV Globo “as nossas prática sociais pra ter chegado hoje aqui, era acesso a TV cultura e TV Globo [...] eu continuava assistindo programas razoavelmente de qualidade, a rádio cada vez mais melhorando e quando chega a internet aí pronto, você consegue ter acesso a coisas assim de qualidade”.

Ele conta que costumava acompanhar a transmissão do vestibular pela rádio Recife, os radialistas iam até os locais de prova das universidades e narravam ao vivo os acontecimentos comuns a esse dia: abertura e fechamento dos portões, locais de prova, conteúdos propostos no edital, entrevistas com os vestibulandos antes e depois da prova, dentre outros. Asa conta que ao acompanhar tais transmissões ele aproveitava para comparar o conteúdo que ele havia aprendido na escola com as questões abordadas nas provas das universidades,

aquele negócio: estamos ao vivo no colégio tal e o fera vai fazer a prova de história e ele esperava o fera sair pra ficar comentando a prova, e quando o

cara comentava a prova a gente capturava pra ver se aquilo que a gente tinha recebido era a mesma coisa que ele tinha dito, e batia umas coisas.

Para Asa, a maior referência de universidade era a UFPE em Recife, no entanto, apesar da consciência e do desejo de cursar uma universidade pública, as condições financeiras faziam aquela realidade ser impossível para ele, “porque embora a gente estivesse longe de uma universidade federal, a gente sabia que ela existia aqui no Recife, só que tipo pra gente era impossível uma UFPE, porque a gente não consegue chegar em Caruaru pra fazer uma particular como é que ia chegar em Recife na UFPE”.

Asa explica que ficou desiludido com o fato de não conseguir ingressar num curso superior por falta de condições e oportunidades, “a gente teve acesso a escola e a escola não deu retorno de nada, se a gente era pra estudar pra ser alguém na vida, eu vou ser um agricultor de novo? Se eu não vejo melhoria de nada, então eu tenho que procurar minhas melhoras...” diante da impossibilidade de ingressar na educação superior, Asa partiu para a região Sudeste do país, “caí na ilusão de ir embora para o Sudeste, a história da promessa, porque isso muito chega pela televisão [...] eu fui para trabalhar porque tipo não consegui acesso à universidade, na particular muito menos, vou embora”.

Em São Paulo, Asa conseguiu trabalho em uma empresa de call center, e buscou dar continuidade aos estudos realizando simulados da Universidade de São Paulo – USP. Nesse movimento, Asa passa a buscar acesso as políticas sociais da USP: cursinho pré-vestibular, grupos de estudos, etc., e assim, passa a participar do cotidiano de uma universidade pública, sem no entanto, ser aluno regular da mesma “quando eu caio lá [em São Paulo] vem o choque de realidade, um cara que saiu do interior do interior, vou para uma metrópole, dentro de uma universidade respeitada, com um monte de gente rica”, ele se refere ao impacto percebido do ponto de vista cultural e econômico.

Asa é movido pelo desejo de ingressar no ensino superior, em sua estadia na região Sudeste ele nunca se distancia dos estudos e busca de algum modo vivenciar a experiência universitária e fazer parte desse universo.

Agora eu tô sendo estudante, quando eu caio lá [na USP] que eu vejo isso, agora caiu a ficha porque quando eu ouvia o negócio do rádio eu tava sendo estudante, quando eu saio de uma região pra outra eu tava sendo estudante, eu tô assimilando aquele conhecimento que eu tive em sala de aula [...] eu caio lá de intrometido, porque assim: se é uma maneira de ter acesso, eu tenho que entender o ar que essas caras respiram, tem uma brecha eu tô lá.

Ele desenvolveu a atividade de operador de telemarketing e paralelamente continuou estudando com o objetivo de ingressar no ensino superior, ele conta que em 2003 quando concluiu o ensino médio o Enem “era só uma prova pra testar como a galera do ensino médio tava saindo, era só um teste de conhecimento pro governo”, no entanto as eleições presidenciais de 2002 deram a Asa uma esperança para seguir seu sonho de ingressar em uma universidade.

Em 2003 entram as questões políticas maiores... entra a história de que o cara consegue acesso a presidência da república, que veio de uma origem pobre, ele quer que outro que é de onde ele veio também consiga acesso. Aí o cara dá acesso. A gente que tava saindo [do ensino médio], falou: “êpa, agora é a nossa vez, é agora ou nunca”. Entra a história do Enem, o Enem passou a valer em 2004 ou foi 2005, passou a valer a foi-se a história de tirar o vestibular. Aí entrei na lógica de fazer Enem, todo ano eu fazia Enem.

Nessa perspectiva de fazer as provas do Enem com o objetivo de ingressar no ensino superior, Asa relata que com a nota obtida no Enem de 2005, ele se inscreveu no Prouni, e conseguiu uma bolsa parcial para o curso de Pedagogia numa instituição de ensino superior particular localizada em Tatuapé, “só que como eu trabalhava, não dava para conciliar”, em 2006, realizou o mesmo procedimento no Prouni, desta vez para o curso de Técnico de Rádio em outra instituição particular na zona sul, como ele morava na zona leste não foi possível se matricular por conta da distância, em 2007, ele tenta mais uma vez ingressar no curso de Técnico de Rádio numa unidade de ensino na zona leste, perto de onde morava, mesmo assim resolveu não fazer o curso, pois ainda não tinha condições de pagar as mensalidades de uma instituição de ensino superior particular, mesmo que de forma parcial, diante dessa dificuldade em 2008 ele se inscreveu no Enem, mas resolveu não fazer a prova.

Ingressar na educação superior só foi possível anos depois, Asa relata que em 2010 já havia conseguindo se estruturar materialmente em São Paulo, e que nessa época resolveu tirar férias e visitar a família no sítio Cajarana, na oportunidade aproveitou para ir a Caruaru, e pôde observar o quanto a cidade havia crescido, na ocasião o campus da UFPE em Caruaru já estava em pleno funcionamento “o que mais me chamou a atenção foi o outdoor da UFPE, até achava que era em Recife, aí eu vi a cidade desenvolvida, e falei, vou voltar”, segundo Asa:

[...] eu voltei pra trabalhar em Caruaru e tentar o estudo de novo, voltei para o sítio, refazendo toda a trajetória que tinha feito anos atrás, voltei com meu ensino médio concluído, toda a experiência de fazer Enem, experiência profissional, a experiência de se transitar entre uma região e outra, saí do sítio e vim pra Caruaru morar de favor na casa de uma vizinha, de uma amiga da minha mãe.

Asa explica que ao retornar fez o processo seletivo de admissão de estudantes da UFPE, para o campus Caruaru e não foi aprovado, “eu anulei a prova toda porque não sabia que a

resposta errada anulava a certa, faltou experiência porque eu nunca tinha pego o vestibular da federal”, essa foi a primeira tentativa após seu retorno, na época, essa instituição de ensino superior utilizava a prova do Enem como primeira etapa do vestibular e a segunda era elaborada pela Comissão de Vestibular da UFPE (COVEST). Essa fala de Asa revela um modelo de vestibular que exclui muitos jovens do acesso ao ensino superior, responsabilizando-os por seu próprio “fracasso”, quando na verdade o problema está nesse tipo de processo seletivo que é extremamente excludente. Em relação ao trabalho, ele relata que não tardou em conseguir emprego, pois a sua experiência na área de telemarketing o ajudou a qualificar seu currículo profissional, logo Asa conseguiu um novo emprego em uma empresa de call center em Caruaru.

Em 2013, Asa conseguiu ingressar no ensino superior numa instituição de ensino particular, no curso de Jornalismo, para materializar essa conquista, precisou recorrer ao programa de financiamento estudantil do governo federal e iniciou a graduação. Após o 5º período do curso de jornalismo tomou conhecimento por meio de jornal impresso que o campus da UFPE em Caruaru iria ofertar o curso de Comunicação Social no segundo semestre de 2015, diante disso, ele fez o Enem de 2014, usou a nota e foi selecionado no Sisu, e assim ingressou no curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Pernambuco, campus Caruaru, em 2015.2, “era o que eu sempre quis está dentro de uma universidade pública porque entendia que aquilo era um direito meu”, ele destaca ainda que o acesso à universidade se deu pela sua persistência e por nunca deixar de acreditar que era possível apesar de todas as dificuldades enfrentadas, além de sempre estar atento as políticas de democratização do ensino superior.

Eu nunca desistia, e no momento certo acontece, tanto que eu acabei o ensino médio em 2003, e consegui de fato acesso à universidade federal de Pernambuco em 2015, foram mais de 10 anos, depois do ensino médio que eu tive acesso. Entrei com ajuda das políticas? Foi. Mas que também se eu não fosse um cara atento as políticas eu não ia nem saber que existem essas políticas que são um meio de compensar o que já era de direito nosso.

Ele conta que tomou conhecimento da aprovação no vestibular através de uma rede social, pois havia ficado na última lista de classificados para o curso, “aí tá lá meu nome, no outro dia eu encontrei um colega meu e falei: cara tu não sabe o que aconteceu: entrei! Eu não falei pra tu!”. Depois de 12 anos de sucessivas tentativas em diferentes instituições, Asa consegue ingressar na universidade que sempre foi seu maior desejo, num curso que tem estrita relação com a sua trajetória.

Questionado sobre a importância da universidade pública no interior, ele destaca que o processo de interiorização da UFPE contribuiu positivamente na história de vida de centenas

de estudantes que assim como ele desejavam ingressar no ensino superior, mas não tinham condições e que a universidade em Caruaru auxiliou no desenvolvimento da cidade.

Olha, vou te falar se a gente for trazer pra palavra não tem nem como dizer o quanto ela é necessária, ainda não tem uma palavra pra dizer que ela é extremamente necessária. Tem que tá mesmo (no interior) porque o intuito da universidade quando ela chega num lugar é tentar desenvolver o lugar. Vê o quanto essa universidade já não evitou que pessoas descessem pro Sudeste pra trabalhar e o tanto que essa universidade não já desenvolveu aqui a região.

A existência da universidade em Caruaru foi a principal motivação para que Asa retornasse a sua terra depois de cerca de 6 anos vivendo na região Sudeste, a interiorização da UFPE possibilitou que o estudante pudesse realizar o sonho de estudar numa universidade pública de qualidade. Na universidade, Asa teve a oportunidade de participar de projetos de extensão e explica que se identifica com as atividades da extensão por entender que tais ações possibilitam o diálogo e a aproximação entre universidade e sociedade, “para tentar modificar esse distanciamento entre quem está aqui (na universidade) e quem está lá fora, acho que sou mais útil na extensão”, para exemplificar ele fala de uma das atividades que desenvolveu com estudantes do ensino fundamental de uma escola localizada na comunidade do Murici, área rural de Caruaru:

[...] o fato de estar indo para o Murici e chegando numa escola de ensino fundamental, estou dizendo, olha gente aqui do Murici existe o campus da universidade federal de Pernambuco aqui em Caruaru, estou dizendo que existe a possibilidade de quando vocês acabarem os estudos de vocês aqui, de vocês também estarem lá (na universidade), porque eu estou.

As vivências de Asa nas atividades de extensão tem relação com a história de vida dele, após anos de sucessivas tentativas para acessar a universidade, ele busca formas de estreitar a relação dessa instituição com a comunidade que a cerca, e de mostrar para jovens que assim como ele, que tem uma origem humilde, de área rural e família de agricultores, que a universidade é um direito de todos, desse modo ele busca informar esses estudantes da educação básica.

Asa considera-se um estudante participativo, “se tem um evento, se tenho a oportunidade de ir, eu vou”, ele afirma que busca participar dos debates e discussões relacionados ao campo acadêmico e a outras atividades como ensino e pesquisa, “embora não esteja pesquisando oficialmente, eu sou um pesquisador”, ele sempre que pode assiste a defesas de trabalhos de conclusão de curso, dissertações de mestrado e teses de doutorado de cursos de graduação e pós-graduação de diferentes áreas do conhecimento dentro da universidade, “eu não posso estar preso em humanas, no campo de comunicação social, preciso estar em

Pedagogia, em Economia, Engenharia, eu preciso estar um pouquinho em tudo”, ele assume a postura de um estudante polivalente.

Para permanecer no curso, Asa conta com os auxílios financeiros concedidos pela universidade para pagar parte das despesas com transporte, alimentação e demais gastos relativos à sua permanência, segundo ele, tais auxílios embora ajudem, são insuficientes para lhe manter na universidade. Asa explica que essa ainda é uma questão que leva a evasão de muitos estudantes, “eu estou falando dos meus pares dentro do curso de comunicação, alguns chegaram e acabaram saindo justamente porque a bolsa não era suficiente para deixá-los aqui, então eles saíram”. Sobre as questões financeiras, Asa afirma que o fato de ter sua casa própria o ajuda pois torna-se uma despesa a menos. Sua casa foi comprada à vista, parte do valor foi pago com o dinheiro do FTGS que ele teve direito do período em que trabalhou em São Paulo e a outra parte ele conseguiu quitar com a ajuda de parentes.

Eu olhei pra isso e disse: se eu tenho minha casa própria e não vou depender mais do aluguel eu posso me dar ao luxo de em algum momento ficar desempregado. E eu hoje estou dentro da universidade, justamente por conta dessa casa: porque se fosse assim pra trabalhar pra pagar aluguel, talvez a dificuldade seria ainda maior de se estar aqui dentro da universidade, porque eu vejo o seguinte: mesmo com as bolsas que o pessoal ganha aqui a dificuldade é ainda maior do eu que tô com minha casa própria, por mais que a gente receba um auxílio aqui pra gente se sustentar não é suficiente, essa mesma pessoa vai ter que procurar outro trabalho muito mais desgastante, e vai ter que se submeter a ficar por muito mais tempo em alguma outra situação que ele tenha que abandonar o trabalho pra se dedicar as coisas da universidade entre se manter no trabalho e abandonar a universidade ela abandona a universidade porque no fim das contas a gente sabe que é preciso se manter minimamente, aí comparando essas duas pessoas eu ainda tô numa situação privilegiada por conta da casa.

Sua casa fica localizada no Monte Bom Jesus, área considerada periférica, “a princípio quando eu resolvi comprar essa casa lá eu não olhei pra situação bairro enquanto lugar de violência, de pessoas pobres, eu olhei na perspectiva de um estudante que sabia que é preciso que você tenha bases”. Para complementar sua renda e permanecer desenvolvendo suas atividades na universidade, ele relata que passou um período fazendo estágio remunerado no Armazém da Criatividade, “isso me ajudou porque dentro do processo de ser estudante do curso de comunicação social, quando você tem um estágio mais para frente isso acaba dando um aporte maior”, a atividade de estágio, além de proporcionar o retorno financeiro lhe possibilitou também adquirir experiência profissional em sua área de formação. Asa afirma que já desenvolveu trabalhos remunerados e que também fez alguns “bicos”.

Quanto a relação com os professores, Asa afirma que tem uma boa relação com os docentes, segundo ele o curso de comunicação corresponde as suas expectativas de formação de nível superior uma vez que os professores conseguem atender a proposta curricular de formar profissionais na área de Comunicação Social e produção de mídias sociais.

4.2 Nina

O primeiro encontro com Nina aconteceu em uma sala de aula da UFPE/CAA, no horário da tarde, onde a estudante assistiria uma de suas aulas após nossa conversa, na ocasião Nina estava acompanhada de um de seus colegas de turma que ficou do nosso lado a maior parte do tempo. Percebi que esse colega estava a acompanhando, aparentemente, para que Nina não estivesse sozinha com um (até então) desconhecido, no início da entrevista as respostas da estudante eram tímidas e curtas, no entanto, ao longo da entrevista ela foi ficando mais à vontade, inclusive, seu colega se afastou e continuamos a entrevista só nós dois. A primeira entrevista teve duração de aproximadamente 35 minutos, nos quais a estudante se limitou a falar de sua vida escolar e acadêmica, sem abordar detalhes sobre sua família. A segunda entrevista ocorreu em um dos bancos do corredor das salas de aula da UFPE/CAA, no horário da tarde, após uma de suas aulas, na oportunidade percebi que Nina estava mais à vontade para responder as perguntas que versavam sobre sua vida familiar, a estudante relatou momentos bastante particulares de sua vida (experiências negativas de quando trabalhou na feira, a relação com o ex-marido, o nascimento de sua filha), a segunda entrevista durou cerca de 40 minutos.

Nina, 28 anos, branca, está no 9º período do curso de Comunicação Social. Nasceu na cidade de São Joaquim do Monte, interior de Pernambuco, onde morou até os seis anos de idade, seu pai, Sebastião, tem 53 anos, e estudou até a 2ª série do ensino fundamental, enquanto pôde, trabalhou como agricultor e feirante, atualmente é aposentado por invalidez por conta de problemas de saúde como baixa visão, diabetes e hipertensão. Sua mãe, Maria José, tem 50 anos, cursou até a 3ª série do ensino fundamental, trabalhou como agricultora e diarista, atualmente é dona de casa e estudante da EJA. Seus pais tiveram dois filhos, Nina é a filha primogênita do casal, o segundo filho Marcos trabalha como Policial Militar de Pernambuco e está fazendo o curso de Direito numa instituição de ensino superior privada na cidade de Caruaru. Tanto a mãe de Nina, quanto o pai vem de famílias de agricultores. Atualmente Nina mora na cidade de Caruaru com Maria José e sua filha Luiza em casa própria, sua renda familiar é de aproximadamente dois salários mínimos.

Os avôs maternos de Nina: Damião e Severina residiram em São Joaquim do Monte, onde trabalharam com a agricultura. Quando Nina tinha 6 anos, os avôs maternos migraram para a cidade de Caruaru em busca de trabalho, pois estavam cansados de “trabalhar de aluguel”, expressão usada por sua avô Severina para se referir a situação de trabalho na qual o dono das terras contratava os trabalhadores rurais para realizarem trabalhos em troca de pagamento por dia de trabalho, diante disso, Damião e Severina resolveram deixar o cabo da enxada, “eles não queriam viver mais naquela realidade dura, que as vezes tinha o que comer e as vezes não tinha”. Segundo Nina, a situação de seus avôs era muito difícil, “eles eram assim de miséria mesmo, de não ter o que comer, me lembro da minha mãe falando que muitas vezes tinha uma sardinha para dividir para quatro e eles ficavam com as espinhas”.

A migração de São Joaquim do Monte para a cidade de Caruaru²⁵ representou a esperança de dias melhores para sua família, nesse movimento de mudança, Nina acabou indo morar com seus avôs aos seis anos de idade, enquanto seus pais e irmão continuaram morando no sítio em São Joaquim do Monte. Em Caruaru, Severina foi vender feijão e verduras e Damião tinha uma barraca de café da manhã e almoço na feira, auxiliar o avô na barraca de café resultou em momentos difíceis na vida de Nina:

Foi bem duro assim, eu ajudava eles em tudo, lavava os pratos, atendia, dava troco, e fui tentando aprender mais para ajudar eles, a ser mais ligeira porque tinha hora que não tinha ninguém, tem hora que enche de gente para fazer tudo de uma vez, enfim, só que nisso assim foi ruim porque quando eu fui crescendo, vi várias coisas na feira que... por isso que por uma parte eu sou contra o trabalho infantil porque vi muitas coisas na feira que uma criança não deveria passar por aquilo...

As redes de relações sociais que compõem o espaço de uma feira livre são difíceis de se definir, pois, nesse ambiente coexistem normas distintas e muitas vezes há uma falta de clareza nessas normas, é uma “bagunça organizada”, as relações de trabalho mesclam-se com as relações familiares, de amizade e de vizinhança, regras familiares se fazem presente no ambiente de trabalho, como por exemplo, no modo de exigir a manutenção do respeito à hierarquia familiar. Trabalhar com os avós na feira foi uma experiência negativa e marcou a vida de Nina, bem como suas relações futuras (o medo e a insegurança são sentimentos persistentes em sua trajetória).

²⁵ A distância entre São Joaquim do monte e Caruaru é de aproximadamente 49km.

O World Report on Child Labour 2015²⁶ da Organização Internacional do Trabalho (OIT) analisou dados de 28 países de renda baixa e média, incluindo o Brasil, no que se refere a questões relacionadas ao trabalho infantil, os resultados do relatório apontam que ao compararmos o desempenho profissional de jovens que começaram a trabalhar antes dos 15 anos de idade com aqueles que ingressaram no mercado de trabalho após essa idade o trabalho infantil leva a uma menor desempenho acadêmico e a empregos de remuneração baixa. O relatório ainda aponta que para além do comprometimento cognitivo, o trabalho infantil também diminui as chances de que esses jovens consigam bons empregos, ou seja, trabalhos com renda justa, segurança, proteção social para as famílias, liberdade de expressão, igualdade de gênero e integração na sociedade. Nina, no entanto, consegue romper esse ciclo e ter um destino diferente, dentre os elementos que consideramos como definidores dessa trajetória estão o apoio e acompanhamento da família na continuação de seus estudos, a preocupação em impedir que ela faltasse ou se atrasasse na escola bem como dando o suporte material para a realização de atividades, além de sua dedicação aos estudos, como poderemos observar ao longo da construção de seu retrato.

Nina conta que passava a semana com os avós em Caruaru, os auxiliando na feira e frequentando a escola, aos finais de semana sua avó a colocava sozinha em um ônibus rumo a São Joaquim do Monte para levar ajuda para os seus pais que ficaram no sítio “todo final de semana, minha avó me colocava no ônibus e eu ia levar as coisas pra ela [a mãe] e voltava pra casa da minha avó, ajudando eles na feira. Então eu tinha entre essa idade de 6 a 8 anos”, por aproximadamente dois anos essa foi a rotina de Nina, até que sua mãe mudou para Caruaru junto com seu irmão. Em Caruaru sua mãe passa a trabalhar como diarista e lavadeira.

As atividades na feira e as idas sozinha a São Joaquim do Monte quando era muito pequena colocavam Nina em diferentes situações de vulnerabilidade, o que despertava sentimentos de medo e insegurança e a forçava a estar em constante estado de alerta. Tais experiências segundo Nina foram traumáticas, pois ela não só presenciou cenas de assalto, roubo e violência como também foi vítima de assédio:

[...] como a gente atendia todo mundo na barraca, então, quando eu ia atender, por exemplo, colocar um copo de café ou de cachaça que a gente vendia também, aí o homem pegava na minha mão sabe, e você entende aquela situação como um abuso né, ele pegava na minha mão de forma diferente, eu já fui seguida na feira... já vi assédio sexual, já vi sexo explícito também na

²⁶ Disponível em < https://www.ilo.org/ipec/Informationresources/WCMS_358969/lang--en/index.htm > acesso em 12 de agosto de 2020

feira. Várias situações assim que você tem que ser esperta, você tem que ficar ligada o tempo todo porque pode acontecer com você naquele instante.

Apesar das inúmeras conquistas pelos direitos das mulheres, ainda há muito a ser alcançado, infelizmente, episódios de assédio ainda são comuns nas falas de mulheres de diferentes idades e que ocupam diferentes trabalhos e posições sociais, no entanto, mulheres como Nina são as mais afetadas pelo machismo estrutural da sociedade, o espaço público ainda é o ambiente mais citado pelas mulheres como o local onde se sentem mais desrespeitadas.

Ela relata ainda que com a mudança da mãe para Caruaru seu irmão também passou a ajudar os avós na feira, mesmo contra a vontade “ele ia chorando pra feira porque era o único jeito de ajudar nossos avós e ajudar nossa família em geral, e quando a gente dizia, eu não vou, se negava aí assim era uma discussão em casa e pra evitar isso a gente tinha que ir”, a estudante conta que nesse período era comum ela e o irmão sentirem muita dor de cabeça, pois era uma rotina muito exaustiva e eles começaram a trabalhar muito novos “não era nada agradável ir pra feira, pelas situações e a gente sempre pensava que ia acontecer de novo e ia ver mais coisas e o medo também de acontecer comigo [...] mas é muito complicado aí voltava cansada, exausta, eu acho que o som da feira incomoda muito...”

A trajetória escolar de Nina teve início numa escola da rede estadual de ensino, onde estudou da alfabetização até a 7ª série do ensino fundamental, a instituição de ensino atendia a estudantes que em sua maioria vinham de locais considerados periféricos, “alguns professores eu lembro que eram bem ignorantes conosco, por a gente está num território de periferia sabe”. Ela conta que foi um período complicado, pois faltavam muitos professores, existia muita aula vaga e não havia por parte dos professores ou da gestão da escola o interesse em motivar os alunos, era uma escola completamente sem estrutura, dentre os muitos exemplos negativos dos anos em que ela estudou nessa instituição, ela aponta algo que a marcou bastante:

Tem uma cena que eu me lembro muito, é bem forte assim, era uma professora de matemática, ela não era de matemática, mas como não tinha professor, então ela acabava sendo responsável por essa disciplina, ela parava assim e ia fumar dentro da sala, e isso me incomodava muito, meu avô também fumava, mas aí eu odiava. Aí ela não ensinava direito quando a gente ia perguntar ela não respondia, ou respondia mal, ela falava ignorante e essa cena ficou na minha cabeça, aí um momento que com muita dificuldade em matemática eu não podia dizer pra minha mãe porque se não ela ia ficar preocupada, enfim, aí eu passei várias noites chorando, com medo de repetir de ano por conta de matemática, enfim, foi bem dramático.

O relato acima aponta para um difícil convívio na escola entre estudantes e professores, nesse sentido Nina relata também que certa vez um estudante fez uma armadilha para atingir

uma professora, colocando, em cima da porta da sala de aula um prato de sopa quente para que a professora ao abrir a porta fosse atingida pelo prato. Em outra ocasião Nina presenciou um aluno batendo em uma aluna, “ele espancava ela e danava a cabeça dela no quadro, enfim, isso ficou na minha mente até hoje sabe, aí a gente tinha medo”, o medo é algo presente na trajetória de Nina, ela fala de sentir medo ao relatar suas experiências na feira, ao tratar da relação com os avós “meus avôs passavam acredito que uma cultura de medo, lá na minha casa de você sempre ser obediente ao mais velho ou ao que sabe mais”, e ao falar sobre as vivências na primeira escola que frequentou.

Essa instituição deixou marcas na vida de Nina, foram muitas experiências, “tinha uma colega da escola que foi morta, ela era prostituta, enfim, várias coisas me marcaram nesse período”, sua inserção nesse universo escolar representou o que ela chama de “a escola da vida”, para justificar o uso dessa expressão, ela explica o seguinte, “eu digo escola da vida assim porque a gente passou várias coisas”, é por isso”, espera-se que a escola garanta a seus estudantes, entre tantas coisas, o acesso a diferentes conhecimentos acumulados pela humanidade ao longo do tempo, no entanto, os saberes aos quais Nina teve acesso ao transitar por essa instituição especificamente se deram em outra ordem, mais do que aprender português e matemática, Nina aprendeu a sobreviver, ela precisou aprender a se manter atenta e a buscar outras formas de aprender aquilo que precisava para passar de ano e seguir na escola.

Quanto ao cotidiano na escola, Nina lembra que na maioria das vezes não tinha aula, porque ora alguns professores faltavam, ora liberavam os estudantes, por exemplo, para irem assistir os jogos escolares, “era aquela bagunça, ninguém aprendia nada”. Diante disso, para minimizar essa situação, Nina contou com a colaboração de um primo, “ele me ensinava algumas coisas que eu tinha muita dificuldade, como não tinha esse suporte, esse reforço em casa, tinha que buscar em outros lugares”. Ela também recorda de estudar sozinha em muitos momentos, Nina conta que no período em que auxiliava os avós na feira costumava levar os cadernos para a barraca na tentativa de conseguir um tempo para estudar “muitas vezes eu ia todos os dias pra feira e levava os cadernos pra tentar dar uma olhadinha sabe, um último recurso”.

Sobre a participação de pessoas da família em seu processo de escolarização, Nina aponta que sua mãe foi a pessoa que mais a incentivou a estudar, bem como contribuiu de forma direta em sua escolaridade, “todos os dias ela me levava e buscava na escola, as vezes chegava um pouco atrasada porque ela era faxineira, diarista, e lavava roupas quando veio para Caruaru, fazia esses bicos”, sempre que Nina precisava de algum tipo de material para fazer os trabalhos

da escola sua mãe dava o suporte material e afetivo necessários para que a estudante realizasse tais trabalhos, “um trabalho com feijão: ela separava um feijãozinho para usar, arrumava um jornal para fazer uma pesquisa, então ela sempre contribuía assim, ela não tinha o conhecimento”, mas auxiliava a filha da forma que podia e se mantinha próxima ao cotidiano escolar da menina “ela nunca deixou de ir pra reuniões”.

[a mãe] ia pra feira atrás de jornal porque a gente fazia muitos trabalhos com jornais, com outras coisas com outros materiais ela dava um jeitinho de arrumar. Dava um jeitinho de arrumar quando era feirinha não sei do quê, do folclore, de cultura, ou alguma coisa, fantasia, enfim, ela inventava. Eu gosto dessas coisas assim porque também ela me incentivou e ela buscava essas coisas assim de um modo ou de outro ela arrumava e a gente ia e dava tudo certo.

Com relação aos avós, Nina afirma que eles também a incentivavam a estudar, mesmo com o trabalho na feira o avó não permitia que ela faltasse a escola a não ser por motivo de doença, segundo ela, seu avó cuidava para que ela não faltasse ou se atrasasse para as aulas. Nina encara que esse incentivo por parte de seus avós vem da compreensão deles de que só a educação seria capaz de mudar a vida dela, “a questão de quem é pobre só pode contar com a educação, tem que contar com o estudo pra chegar a algum lugar pra pelo menos sobreviver”, nesse sentido, ela aponta que a força de vontade de seus avós é algo importante para ela, “a atitude que eles tiveram em mudar o cenário e mudar essa realidade porque talvez hoje eu estivesse trabalhando na zona rural, ou talvez não tivesse chegado até aqui”, ela coloca a mudança de São Joaquim do Monte para Caruaru como um momento importante na sua trajetória individual, que possivelmente determinou a possibilidade de uma vida diferente de seus pais e avós maternos, e atribuiu essa mudança de vida à educação e ao incentivo que recebeu de sua família, “eles sempre incentivaram porque eu acredito que eles também já tinham a visão de que o estudo seria a melhor maneira de chegar a algum lugar para nós pobres”.

Compreendemos que a família é uma instância de socialização importante para a trajetória escolar de cada indivíduo, e com Nina não é diferente, oriunda de uma família muito pobre e com poucos recursos ela encontra incentivo para estudar apesar de todas as adversidades, embora não houvesse contribuição da família nas atividades escolares por conta do pouco conhecimento e da baixa escolaridade de seus familiares, havia respeito as atividades escolares dela, mobilização por parte da mãe para conseguir os materiais necessários e o acompanhamento as reuniões escolares quando convocada, essas de atitudes de preocupação em relação a vida escolar de Nina representavam para ela um grande apoio.

Quanto a relação com os professores no ensino fundamental, Nina afirma que teve um bom relacionamento com a maioria dos docentes, “alguns eu tinha mais carinho, outros por serem mais ignorantes eu me afastava um pouquinho”, em seu contexto familiar sua mãe a ensinou sobre o respeito aos professores, “aquela velha frase né ‘obedeça o professor’, ‘obedeça a tia’ né, nunca minha mãe me incentivou a chamar de tia, mas sim de professor ou professora, então a gente via naquela frase que tinha que respeitar sabe, tinha uma responsabilidade ali”.

No que diz respeito ao seu desempenho escolar no ensino fundamental, Nina considera que teve um desempenho escolar fraco, porém sem nenhuma reprovação. Quando Nina concluiu a 7ª série sua família mudou de bairro e ela foi matriculada em outra escola, a qual estudou da 8ª série do Ensino Fundamental até o 3º ano do Ensino Médio.

A referida instituição de ensino era considerada por Nina como de melhor qualidade, pois havia uma maior atenção por parte da equipe gestora e dos professores com os estudantes. O processo de transição do ensino fundamental para o médio foi de adaptação no que diz respeito ao convívio com os estudantes, e a forma de ensinar dos professores.

Aí já foi melhor, a gente já viu, vamos dizer, uma preocupação a mais da diretora, dos professores de encaminhar os alunos pra educação, era mais organizada, não tinha como a gente não ter aula porque sempre tinha um professor, aí ficava mais complicado porque a gente não teve aquela base, aquele suporte lá atrás, a gente não aprendeu do jeito que tinha que aprender, mas mesmo assim a gente continuou.

Ela afirma que adaptação a escola nova foi em todos os sentidos: professores, colegas, método de ensino, rotina escolar, dentre outros, ela destaca entretanto, que nunca teve dificuldades em obedecer as normas da escola, “eu era uma aluna bem dedicada, seguia todas as regras, enfim em questão de regras assim eu sempre fui muito obediente”, quando questionada a origem dessa disposição a obediência as regras, ela afirma que vem dos avós maternos “não sei se foi pelo medo, acho que pelo medo sabe porque como meus avós passavam acredito que uma cultura de medo que tem na minha casa de você sempre ser obediente ao mais velho ou ao que sabe mais eu acho que na escola foi bem assim sabe, da gente ser submisso”, segundo a estudante, essa é uma característica de sua personalidade que a acompanha até nas relações com os professores da universidade.

muitas vezes eu vejo que minha atitude em relação aos professores até aqui da universidade é diferente da dos outros colegas porque como se a gente se achasse inferior, não que eles passem esse ponto de vista pra gente não, de jeito nenhum, aqui eu não vejo isso, mas tá formado lá atrás já, aí eu acredito que por isso por uma cultura de medo...

Esse comportamento de Nina tem sua gênese na ordem moral doméstica (LAHIRE, 1997) estabelecida nas relações com os avós e com a mãe, essa dimensão visa incentivar bons valores e bons costumes tanto no ambiente doméstico quanto no escolar: imposição de limites, controle da rotina, respeito aos mais velhos, bom comportamento em sala de aula, respeito aos professores, dentre outros. No caso de Nina, essa dimensão aparece de forma bastante impositiva, o que ela chama de “cultura do medo” e visava aparentemente um controle mais focado no comportamento da menina do que nas questões cognitivas e intelectuais. Seus avós controlavam o seu comportamento, supostamente com o objetivo de lhe garantir uma boa educação pautada principalmente no respeito aos mais velhos e aos professores, bem como, impondo regras e limites as quais Nina incorporou uma completa obediência, essa disposição a favoreceu no mundo escolar na qual disciplina e bons comportamentos são valorizados.

No ensino médio, Nina conta que sua relação com professores e colegas era bem melhor, “a maioria dos professores davam força pra gente fazer o vestibular, tinha vários professores que contavam as histórias e tal, estimulava a gente a fazer o vestibular, mesmo que tivesse dúvida eles reforçavam a questão dos assuntos né dos temas, então a gente foi bem assistido”. Apesar de haver esse incentivo por parte dos professores, ela reforça que não havia pressão para que os alunos prestassem vestibular e/ou tivessem um bom desempenho e grande aprovação nas universidades como é comum em escolas particulares.

Mas mesmo assim não havia uma perspectiva grande sabe, ou uma pressão feito acontece nas escolas particulares quando você vai saindo que tem aquela assistência todinha, mas o incentivo vamos dizer assim a história de vitória deles sabe, que saíram também do nada então eles sempre davam como testemunho pra gente de que a gente como a eles também poderia buscar um futuro e que não haveria assim empecilhos só você mesmo seria o seu empecilho sabe. Então a história de vida deles que eles falavam, as situações e como foi até as experiências deles dentro da escola eu acho que foi o maior incentivo.

O discurso docente de que “você mesmo seria seu empecilho” parece reforçar o discurso da meritocracia, onde qualquer um tem a mesma capacidade para conquistar as oportunidades desde que se esforce o suficiente, no entanto, a história de Nina por si só revela que as desigualdades existem e certamente contribuem na definição de bom e mau desempenho escolar e na forma como cada um trilha seus caminhos após a escola, a prova disso é que, apesar do incentivo dos professores a estudante não tinha grandes expectativas em relação ao ingresso no ensino superior por motivos que veremos mais a diante.

Sobre seu desempenho escolar no ensino médio, Nina explica que foi um pouco melhor do que no ensino fundamental e conta que sentiu um pouco de dificuldade em assimilar os

conteúdos do ensino médio, uma vez que não tinha alguns dos conhecimentos básicos necessários. Vale ressaltar que durante todo seu processo de escolarização básica, Nina realizava no período da manhã, as suas atividades na feira ajudando seus avôs maternos, e a tarde ia para a escola estudar. No terceiro ano do ensino médio, Nina estudou no horário noturno, pois entre os 17 e 18 anos de idade arrumou um emprego de auxiliar de confecção, para ajudar financeiramente em casa, pois a mãe estava passando por um período de grande dificuldade financeira. Acostumada a estudar no turno da tarde desde a alfabetização, Nina teve dificuldades em se adaptar ao ensino noturno e a falta de tempo para estudar, pois agora trabalhava em horário integral, “eu nunca tinha ficado em recuperação, principalmente em matemática assim, fiquei em recuperação, fiz a prova final, foi bem difícil assim de passar”, Nina explica que foi difícil conciliar trabalho e estudo:

Não dava tempo estudar, eu tinha que prestar a atenção na aula a noite e muitas vezes estava cansada, também não dava tempo no final de semana, muitas vezes a gente fazia hora extra, realmente me prejudicou porque eu fiquei em recuperação se eu não me engano em duas matérias, quase não passava de ano, mas no último momento eu consegui. Mas é bem complicado a situação de trabalhar e estudar, se você puder só estudar é ótimo né, mas quando você não tem essa possibilidade tem que tentar conciliar.

Diferentemente de estudantes de origem social e econômica mais favorecidas, Nina não tinha como opção a dedicação integral aos estudos, desde que iniciou sua vida escolar concomitantemente iniciou suas atividades laborais, primeiro de modo informal auxiliando os avós com 6 anos, depois na confecção para ajudar a mãe quando tinha 17 anos, durante toda sua trajetória escolar ela precisou lidar com a difícil tarefa de conciliar trabalho e estudo.

Em 2008, Nina concluiu o ensino médio, sem perspectivas de prestar vestibular, para ela o ensino superior era algo muito distante, seu tempo de educação básica não havia lhe “munido” dos conhecimentos necessários para tentar uma universidade pública, e as condições financeiras a impediam de tentar uma faculdade particular, as atividades na feira com os avós não lhe rendiam remuneração e o que ganhava na confecção era insuficiente.

E assim eu tinha dúvida se ia prestar vestibular porque a gente não tinha como pagar, a gente sempre viveu da feira né, e eu não tinha um salário eu não tinha... então eu pensei assim vou fazer vestibular, mas se eu passar eu não vou ter como estudar porque eu acho que meu avô pode ser que não desse esse dinheiro, aí ficou a dúvida e eu não fiz o vestibular nesse período.

Do trabalho como auxiliar de confecção, ela foi para uma empresa de Call Center, na qual trabalhou por aproximadamente 7 anos como operadora de telemarketing, ela destaca que os anos que mais mudaram a sua vida ao longo de toda a sua trajetória foram: a mudança aos 6

anos para morar com os avós em Caruaru e os acontecimentos após a conclusão do Ensino Médio, que incluem o trabalho no Call Center, o casamento e o nascimento de sua filha. Da experiência como operadora de telemarketing ela conta que desenvolveu síndrome do pânico e ansiedade, mas acredita que não é fruto apenas do trabalho, mas uma soma de todas as experiências traumáticas pelas quais passou desde que começou a trabalhar ajudando os avós aos 6 anos.

as experiências também não são boas no Call Center, passei quase 8 anos acho que 7 anos e um pouquinho, foi bastante tempo, quase enlouqueci lá dentro, aí enfim, eu acredito que dentro de todas essas coisas que aconteceram que provocou a minha ansiedade ou síndrome do pânico porque como eu disse a você tinha uma cultura do medo lá em casa e lá também (no Call Center) eu encontrei essa cultura de medo, aí talvez tenha explodido assim dentro de mim né, aí eu tive que sair aí hoje eu trabalho em outra empresa, eu trabalho no shopping aí é um pouco melhor porque é diferente mesmo assim eu ainda encontro algumas coisas que lembram sabe.

Paralelo as atividades de trabalho, ela fez um curso preparatório para concursos públicos, objetivando ingressar na carreira de Policial Militar, passou na prova do concurso, no entanto, não ficou entre os classificados. Nesse período ainda, casou e teve uma filha, a vida de casada, porém durou pouco, pois segundo Nina a relação com seu ex-marido era conturbada, isso desencadeia nela a vontade de voltar a estudar, “quando minha filha cresceu um pouquinho eu resolvi voltar a estudar para tentar a faculdade, como eu não tinha como pagar, decidi tentar a Federal”, assim, tenta ingressar no ensino superior visando uma mudança de vida:

[...] eu não tinha uma relação muito boa com meu ex-marido, enfim, isso muitas vezes prejudicava tanto no trabalho como no estudo sabe, aí assim foram coisas bem complicadas, mas mesmo assim eu tentava conciliar o trabalho e focar no vestibular, no Enem, para ter alguma coisa porque eu sabia que ainda não poderia pagar, e ele não iria me ajudar, então, eu tinha que buscar algo melhor para mim e para minha filha, então, eu decidi voltar a estudar.

Motivada a ingressar no ensino superior em uma instituição pública, Nina passou a se organizar para estudar nos tempos livres, a maternidade era uma prioridade para ela nesse momento, portanto, ela passava as manhãs dedicada as atividades domésticas e aos cuidados com sua filha ainda bebê, “eu queria me dedicar a minha filha na questão do tempo, eu dedicava a ela o meu tempo sabe? eu não queria deixar ela uma manhã pra estudar”, no período da tarde ela trabalhava no Call Center e só voltava para casa a noite, então, estudava nos intervalos entre os cuidados com a filha e o trabalho, e durante os finais de semana, apesar da falta de tempo e das dificuldades, Nina estava determinada a garantir seu acesso ao ensino superior.

Comecei a estudar aos pouquinhos e fui embora, acho que pela decisão assim: de eu já entender que ali não era a realidade que eu queria porque eu tinha uma relação conturbada com o pai da minha filha [...] foi o princípio de tudo, eu não queria só aquilo, só aquele trabalho, só ser dona de casa porque eu nunca tive perfil de só dona de casa não sei se pela situação da minha mãe e da minha avó também trabalharem fora sabe? E eu também não levo muito jeito e não me identifico em ser só dona de casa aí eu queria passar num curso superior.

Nina retomou os estudos em casa, principalmente nos finais de semana, e nas horas livres no trabalho, para isso comprou alguns livros, outros baixou em formato PDF na internet para estudar, “eu trabalhava e tinha minha filha, um tempinho que ela dormia eu estudava, as vezes deixava ela com a avó para estudar, o restinho de tempo que sobrava estudava para o Enem”, percebemos aí uma disposição a dedicação aos estudos motivada pelo objetivo de ingressar no ensino superior, pois essa conquista representava emancipação e autoafirmação para Nina. O esforço, a disciplina e a dedicação aos estudos são características presentes na trajetória escolar dela.

Além de estudar em casa e nas horas vagas do trabalho, Nina também fez, por aproximadamente um ano, o Cursinho Popular professor Edilson de Gois, no colégio professor Machadinho na cidade de Caruaru, onde teve a oportunidade de estudar com professores qualificados em diferentes áreas do conhecimento, isso possibilitou ampliar e aprofundar alguns conteúdos exigidos na prova do Enem, “o método, a empolgação, a motivação e a dinâmica dos professores o que eles faziam era tão interessante... era diferente me instigava a estudar”. A experiência no cursinho pré-vestibular popular foi importante para Nina, principalmente, por ter a oportunidade de estudar com os mesmos professores que atuavam em cursinhos pré-vestibulares de escolas particulares, “tinha professores muito bons assim, pronto isso foi outro estímulo assim pra gente. Eles botam professores ótimos, professor de escola particular também. Eles têm uma experiência assim pra passar pra gente, e foi muito bom.” Ela encarou a possibilidade de participar do cursinho popular como uma grande oportunidade:

A gente viu realmente ótimos professores, eles tavam ali se dedicando, eles tavam ensinando, eles tavam dando os toques, os bizus como diziam eles, e assim uns iam estudar outros não, mas enfim, a gente tentou. A importância que realmente quando a gente percebe que algo tá ali pra nos beneficiar e que a gente abre o olho e entende, aceita e pega pra si e agarra aquela oportunidade. A oportunidade que a gente tem gratuito, com qualidade muito boa, conheço pessoas que estão fazendo agora a qualidade continua com aquele mesmo suporte dos professores que tão focados ali em fazer você entender a matéria e passar no vestibular.

Nina ainda destaca que a existência do cursinho faz diferença na vida de muitos jovens empobrecidos que sonham com a oportunidade de acessar a universidade, “a importância para

quem não pode pagar, para o pobre como nós que realmente depende daquele suporte para passar no vestibular com uma nota melhor”. Em geral, os cursinhos pré-vestibulares populares são organizados para atender a estudantes provenientes de escola públicas e de baixa renda, cujo objetivo é dar condições para que esses estudantes possam ter acesso ao ensino superior. No caso de Nina a sua participação no cursinho popular representou uma oportunidade de retomar os estudos e obter uma formação suplementar se configurando assim como um espaço de sociabilidade e formação intelectual.

Quanto ao processo para ingressar no ensino superior, Nina conta que teve que realizar as provas do Enem durante três anos até atingir um resultado que lhe possibilitasse ser aprovada, sobre as experiências de realização do Enem a estudante explica que cada Enem lhe possibilitou uma experiência diferente “cada Enem tem uma experiência tanto o local diferente, quanto as pessoas, como os alunos, as questões também, o modo como você tá, enfim, cada um tem um contexto diferente”.

Na primeira prova do Enem que realizou, Nina não obteve a nota exigida pela maiorias das instituições de ensino e não conseguiu acessar o ensino superior, no entanto, essa experiência lhe permitiu entender melhor como funciona a aplicação da prova, a forma como os assuntos eram abordados no exame e o preenchimento da folha de resposta, cabe destacar que Nina ainda não havia feito o cursinho pré-vestibular popular.

Na segunda tentativa apesar de realizar o cursinho e de ter a experiência do primeiro Enem ela não conseguiu pela segunda vez ingressar na educação superior, por ser oriunda de escola pública e está afastada dos estudos por alguns anos, Nina não se considerava capaz de se sair bem na prova e garantir uma vaga “eu achei que não ia conseguir, não me dava muita credibilidade”.

No entanto, ela decidiu que iria fazer o Enem pela terceira vez seguida, teve um desempenho melhor do que nos dois anos anteriores, foi selecionada por meio do Sisu e ingressou no segundo semestre de 2015 no curso de Comunicação Social na UFPE, campus Caruaru, “na última tentativa que eu consegui eu nem acreditei porque assim a nota foi melhorzinha mesmo assim tem a ajuda das cotas também o que ajuda bastante, acho que foi o principal que me ajudou”, Nina pôde contar com o direito as cotas por critério de renda e por ter estudado integralmente o Ensino Médio em escola pública, sabemos que ainda é grande o abismo entre escolas públicas e particulares que fornecem oportunidades distintas a estudantes de classes sociais diferentes, além de todos os outros aspectos da vida dos sujeitos que

contribuem ou não para uma educação de qualidade, sem as cotas para estudantes de condições sociais menos favorecidas as vagas nas universidades provavelmente continuariam sendo ocupadas apenas por estudantes de melhores condições financeiras e predominantemente oriundos de instituições particulares. O caso de Nina e de outros estudantes reafirma a importância das políticas de ações afirmativas para que estudantes com trajetórias diversas possam tornar viável seu acesso ao ensino superior ao qual eles têm direito.

Ela conta que não acreditava que conseguiria a aprovação pois havia ficado na lista de remanejamento. Quando o resultado saiu ela estava a caminho do trabalho sem acesso a internet e pediu que o irmão acompanhasse as atualizações na página da UFPE para ela, com o resultado da aprovação, Nina precisou se articular para entregar a documentação da matrícula em pouco tempo.

Meu irmão soube primeiro né, e depois passou pra mim. Foi ótimo assim, primeiro eu não pude falar pra ninguém porque era 12h e eu tinha até 17h pra vim apresentar a documentação aqui, então, não tive como falar pra minha mãe, pra muitas pessoas, pra ninguém. Aí eu saí catando a documentação, fui tirar as xerox, aí chegava na xerox tinha mais coisa pra tirar, voltava pra casa e ia de novo, foi aquela agonia. Mas aí quando eu consegui que trouxe a documentação aí voltei pra casa pra dizer a minha mãe. Foi muito bom. Foi aquela alegria né.

Sua escolha pelo curso de Comunicação Social se deu pelo desejo de trabalhar com algo que lhe fizesse bem e que tivesse relação com sua história:

[...] eu gosto dessa área assim, eu sempre, a gente acompanhava a rádio e tal, eu sempre ligava pra rádio, acompanhava, eu queria acessar as últimas notícias, novidades e tal. Eu achava que era uma área que eu iria gostar, que eu ia me sentir bem. Não trabalhar por trabalhar, sabe.

Percebemos nesse trecho que Nina buscou na escolha de seu curso tudo aquilo que lhe foi “negado” em suas outras experiências profissionais, ela deseja um área que goste, afinal ela nunca gostou de trabalhar na feira, na confecção ou no Call Center, algo que a fizesse sentir-se bem, pois, em todos os outros espaços anteriormente mencionados ela encontrou a chamada “cultura do medo” que a fazia se sentir insegura e vulnerável, ela não quer “trabalhar por trabalhar”, nesse processo de emancipação e autoafirmação rumo ao ensino superior, Nina não quer apenas um trabalho para sobreviver, algo que ela faz desde os 6 anos, ela busca uma profissão que lhe garanta renda justa, proteção social e liberdade de expressão para sua voz que tantas vezes foi silenciada.

Em seu relato Nina explicita a importância de uma universidade pública federal no interior de Pernambuco para os estudantes provenientes de famílias desfavorecidas

economicamente e oriundos de escolas públicas, para ela a UFPE em Caruaru surgiu como uma oportunidade

Eu não teria condições de fazer se fosse numa faculdade particular a não ser que fosse um custo bem pequenininho e mesmo assim eu ia ter que tirar de uma outra despesa né, então assim saber que isso daqui é a minha única opção e é uma boa opção e a melhor opção sabe, que foi o ideal pra mim [...] Eu não conseguiria fazer se fosse numa faculdade particular, então foi assim a esperança, a oportunidade.

Há segundo Nina, um status diferente por ser uma instituição federal e de não haver a necessidade de pagamento de mensalidades, embora ainda haja gastos para permanecer no curso, além de ser de acordo com ela a melhor opção devido a qualidade do ensino. No entanto, ela reforça que em muitos momentos pensou que não conseguiria acessar uma universidade pública por conta de sua trajetória na educação básica:

[...] porque assim eu não estava preparada realmente a gente que vem de escola pública a gente não se acha preparado, não sei como é que tá agora o empoderamento do pessoal mais jovem que vem de escola pública, mas eu e meus colegas, eu sentia isso que a gente não tava preparado pra entrar numa universidade, então assim quando a universidade veio (para Caruaru) foi mais uma chance, vi que logo quando começou design só uma colega minha que tentou e conseguiu entrar em design aí hoje ela é formada aqui pela universidade, mas assim pra mim ela havia entrado porque ela também tinha estudado em escola particular e a gente bota uma barreira pensando que não é capaz, pensando mil coisas, mas assim eu consegui e graças a Deus que foi aqui na universidade.

Na universidade, os primeiros períodos foram difíceis para Nina, pois ela teve que se adaptar à rotina de atividades exigidas pelo universo acadêmico e conciliar com as suas atividades de trabalho em um Shopping Center da cidade. Para permanecer na universidade Nina conta com os auxílios concedidos aos estudantes considerados em desvantagem socioeconômica, com os recursos recebidos pela universidade ela paga parte das despesas relativas a transporte, moradia e alimentação, no entanto, ela afirma que tais auxílios são insuficientes para se manter, por isso, ela continua a conciliar o trabalho e os estudos “por isso nunca deixei de trabalhar, eu saí de uma empresa e fiquei mais ou menos um ano sem trabalhar aí foi muito difícil, porque lá em casa agora somos eu, minha mãe e minha filha. É bem difícil de manter tudo de comida, enfim, é muito difícil”

Além das atividades de ensino, Nina também já participou de um projeto de extensão na universidade, o qual tinha o propósito de mapear e catalogar o acervo de livros de uma biblioteca pública municipal. Sobre suas expectativas de formação acadêmica, Nina relata que

o curso de Comunicação Social corresponde a suas expectativas, pois possibilita ampliar seus conhecimentos em relação a sua área de atuação no campo profissional.

4.3 Joaquim

As duas entrevistas com Joaquim aconteceram em uma das salas do Programa de Pós-graduação em Educação Contemporânea (PPGEDUC), a qual foi disponibilizada pelo secretário do programa. Durante a primeira entrevista, ele respondeu às perguntas de forma sucinta e agiu com certa timidez (em alguns momentos precisei estimulá-lo a falar um pouco mais, sobretudo, sobre sua vida familiar), no decorrer da entrevista ele foi ficando mais à vontade para falar sobre os temas abordados (vida familiar, vida escolar, vestibular, universidade). No segundo encontro, Joaquim falou de maneira eloquente sobre os temas abordados, porém, ao falar de certos assuntos como a separação dos pais, por exemplo, ele demonstrou certo desconforto, apesar disso, em momento algum se recusou a falar sobre esses assuntos, de modo que ao terminarmos a segunda entrevista ele perguntou com entusiasmo se teríamos outros encontros. A média de tempo de ambas as entrevistas foi de aproximadamente 1h.

Joaquim, 24 anos, preto, estudante do 11º período do curso de Engenharia Civil. Nasceu na cidade de Trindade, Pernambuco, onde viveu parte de sua infância na casa de seus pais. Seu pai Zacarias trabalha como vigilante, e sua mãe Luzinete é dona de casa, ambos possuem o ensino fundamental incompleto, atualmente sua renda familiar é de cerca de 2 salários mínimos. Seus pais tiveram seis filhos, sendo dois homens e quatro mulheres, destas, duas atualmente moram em São Paulo e duas no distrito de Nascente em Araripina, seu irmão mais velho atualmente mora em Brasília, Joaquim é o segundo filho do casal.

Ainda na sua infância, Joaquim foi morar na cidade de Araripina, situada no estado de Pernambuco, distante cerca de 730 km da Capital, na casa de seus avôs maternos no distrito de Nascente, localizado a 40 km da cidade de Araripina, com população de aproximadamente 10 mil habitantes. Na casa moravam, seu avô João (já falecido) que trabalhou como agricultor, sua avó Carmelita que é dona de casa, duas tias e uma de suas irmãs.

Em seu relato, o estudante destaca que seu avô materno era uma pessoa rígida no que diz respeito a educação familiar, João não permitia que ele brincasse com os “moleques

danados”²⁷ da rua, acreditamos que as ações de seu avô tinham por objetivo o controle de suas amizades, tal atitude assemelha-se a uma das práticas familiares apontadas por Lahire (1997) no que diz respeito a *ordem moral doméstica*, a qual, dentre outros aspectos, volta-se para a definição de regras claras em relação aos comportamento dos filhos, nesse caso, do neto: controle das amizades, trabalho cotidiano no campo, restrição de saídas e definição de horários para diferentes atividades (assistir televisão, brincar, dormir). A hipótese de Lahire (1997) é de que tais regras influenciam a escolarização dos sujeitos a elas submetidos, sob duas dimensões: a comportamental e a cognitiva, pois, ambos são aspectos considerados na avaliação escolar. Sendo assim, o relato de Joaquim aponta que o convívio com os avôs maternos contribuiu com a formação precoce de disposições subjetivas e comportamentais que podem ter o favorecido no contexto escolar.

Joaquim trabalhou na roça ajudando seu avô na lida do campo, ele relata que levava o gado até o riacho para dar água todos dias, esse trabalho era intensificado nos períodos de seca, pois o riacho próximo a propriedade do seu avô secava e era necessário se deslocar para lugares mais distantes atrás de água para os animais, a falta de água comum no nordeste, marcou a infância de Joaquim com tempos difíceis, “tinha que ir... eu pegava a bicicleta e ia para o sítio, pegava o cavalo e dava água, depois trazia o gado para roça e deixava o cavalo, depois voltava, isso era cansativo”, ele ajudou seu avô na lida com os animais até aproximadamente os 13 anos e aos poucos foi deixando de realizar as atividades do campo, pois, esse não era o trabalho que ele gostaria de executar ao longo de sua vida, “aí eu já sabia: isso aí não dá pra mim não, não é o que eu quero pra minha vida não”, deixando de lado o trabalho com o gado, o estudante passou a se dedicar integralmente ao que realmente queria: estudar.

Quando ainda morava na casa de seus pais em Trindade, Joaquim teve experiências com práticas de uso informal da leitura e da escrita que o marcaram, “eu brincava de escolinha com minhas primas em Trindade, elas me ensinaram, aí eu lembro que quando cheguei na alfabetização eu já sabia de tudo”. Essas experiências socializadoras de Joaquim e suas primas podem ter contribuído para que ele incorporasse precocemente apetências favoráveis a escolarização. De modo geral, ele foi iniciado em práticas de leitura e escrita antes de ser matriculado na educação básica, enquanto brincava de escola com as primas, tendo o seu processo de alfabetização se consolidado na escola. Segundo Lahire (1997), a existência de práticas de leitura e escrita no cotidiano familiar podem trazer implicações importantes na vida

²⁷ Expressão usada por Joaquim para se referir aos jovens com os quais seu avô não queria que ele tivesse amizade.

escolar, uma vez que as habilidades de leitura e escrita são exigidas nos processos de ensino e aprendizagem formais.

A trajetória escolar de Joaquim teve início numa escola da rede estadual, localizada no distrito de Nascente, onde estudou da 1ª até a 8ª série do ensino fundamental, “eu lembro que, do meu jeito assim, fui aquele estudante que sentava atrás, bem inteligente, e bem tímido, sempre tirei notas boas, sempre me dediquei bastante”, essa fala ilustra a disposição a dedicação aos estudos, muito presente na trajetória de Joaquim. Sua inserção no universo escolar foi bastante positiva, ele considera que adquiriu a maior parte das suas habilidades intelectuais no contexto escolar, e ressalta o importante papel desempenhado por professores em seu processo de desenvolvimento cognitivo, “eu devo tudo à escola e as pessoas que me ajudaram e incentivaram, os professores, o que eu posso citar que foram significativos para mim”, para ele, sua família se manteve distante de sua vida escolar, sem muitas cobranças em relação a atividades prontas ou boletim com altas notas, no entanto, percebemos o apoio de seus pais ao longo de sua escolarização, por exemplo quando o pai realizou sua matrícula na escola de referência, na mudança de cidade para estudar, no início da graduação, etc. conforme veremos mais adiante.

Sobre o papel dos professores, Joaquim explica que na 5ª série do ensino fundamental teve uma experiência de aprendizagem escolar significativa, o estudante conta que a sua professora de Língua Portuguesa desenvolvia uma prática de ensino que o possibilitava aprender os conteúdos escolares e o estimulava a escrever textos e poemas, essa experiência de ensino e aprendizagem fez com que Joaquim aceitasse participar de uma Olimpíada de Língua Portuguesa, “meu poema ficou concorrendo em Brasília, não ganhei, mas fiquei apaixonado pela Língua Portuguesa”, essa experiência escolar trouxe para sua vida a literatura, para isso contou com o incentivo de sua professora da 5ª série. Seus relatos indicam que as brincadeiras com suas primas e o contato intenso com a escrita e a leitura no ensino fundamental e médio, através de diferentes professoras, foram acontecimentos importantes para que Joaquim se familiarizasse com a cultura escrita.

Ele ressalta que foi através de uma professora de Língua Portuguesa no Ensino Médio que o seu gosto pela literatura foi reavivado, dando pistas de que em sua trajetória criou relações intensas com o mundo escolar tomando posse de habilidades e competências requeridas pela escola e criando uma relação na qual pôde desenvolver o gosto pelo conhecimento, exemplificado por Joaquim ao referir-se a literatura:

E no ensino médio eu tive outra professora de português também, que reascendeu essa chama em mim pela literatura, pela leitura. Enfim, eu sou apaixonado pela história de Lima Barreto, pela história também, então veio com português, veio com esses professores no ensino fundamental e no ensino médio.

O interesse apresentado por Joaquim em pesquisar e estudar para além do que era solicitado por seus professores em sala de aula, revela-nos uma disposição a autonomia e iniciativa a aprendizagem, evidenciada em sua atitude em relação aos processos de ensino e aprendizagem formais, bem como em suas práticas de leitura deleite, ele conta que o seu primeiro contato com a obra de Lima Barreto se deu no ensino médio, através do livro: ‘Triste fim de Policarpo Quaresma’, a partir daí o estudante se encantou pela história de vida e por outros livros deste escritor brasileiro.

Na 8ª série, Joaquim participou de uma edição da Olimpíada de Matemática, passou da primeira fase e foi fazer a segunda fase numa de escola de referência da rede estadual, considerada de qualidade, localizada em Araripina. Esse primeiro contato com essa escola o motivou a querer cursar o ensino médio em tal instituição, pois segundo ele, “eu vi uma oportunidade de crescer”, Joaquim se refere ao fato de que essa instituição possuía uma estrutura bem melhor do que as escolas de Ensino Médio de Nascente, com laboratórios de física e química por exemplo, era uma instituição considerada de prestígio, onde muitos estudantes de origem social mais favorecida optavam por estudar embora fosse uma escola estadual, por um lado, pela qualidade do ensino e por outro para terem mais condições de acesso as instituições públicas de ensino superior, através das políticas de incentivo aos estudantes de escola pública, que haviam na época.

A narrativa acima revela-nos um aspecto importante sobre o fluxo de trajetórias de sujeitos de diferentes origens sociais, sabe-se, por exemplo, que grande parte das famílias economicamente favorecidas costumam matricular seus filhos em escolas particulares de prestígio, utilizando-se de critérios tais quais: o método pedagógico adotado pelo estabelecimento, a qualidade do ensino, a infraestrutura física, as atividades extracurriculares oferecidas, o desempenho do estabelecimento nas avaliações externas, o desempenho dos estudantes nos vestibulares, o índice de aprovações nas universidades e nos cursos de prestígio, dentre outros, e depois vislumbram seus filhos(as) no ensino superior público federal e/ou estadual, indicando um tipo de trajetória escolar.

No entanto, o relato de Joaquim indica que estudantes de classes sociais mais favorecidas podem se utilizar de escolas públicas, para aumentar suas chances de ingressar nas

universidades públicas se utilizando justamente de políticas que objetivam o combate à desigualdade, como por exemplo as políticas de reserva de vagas para estudantes de escolas públicas. Em nosso entendimento o uso dessas estratégias pelas classes média e alta acentuam ainda mais desigualdades escolares entre estudantes empobrecidos, uma vez que o seu acesso aos estabelecimentos escolares de melhor qualidade tende a ficar cada vez mais restrito, dificultando a vida de quem depende exclusivamente da escola pública para ter uma educação de qualidade e poder conquistar uma vaga no concorrido ensino superior público. Aliás, isso contrária a própria lei de cotas que se constituiu como uma política de enfrentamento as desigualdades escolares ao propor a inclusão, no ensino superior, de estudantes oriundos de escolas públicas, filhos de famílias de baixa renda, estendendo-se aos pretos, deficientes e indígenas.

Havia, por parte da escola em que ele estudava o Ensino Fundamental em Nascente, um incentivo para que os estudantes se matriculassem na escola de referência, ele conta que no final da 8ª série, a diretora da escola foi até a sala de aula saber quais alunos tinham a intenção de estudar em Araripina, “quando faltava pouco pra gente terminar a 8º série e eu lembro que a diretora passava nas salas perguntando: alguém vai pra escola de referência? Aí ficava uma agitação na turma, uns falavam eu vou outros eu não vou, eu pensei acho que eu vou também. Aí só que tipo era tudo mais difícil para mim, foi complicado”.

A influência por parte da direção escolar reforça sua vontade de estudar na escola de referência na cidade, no entanto, esse desejo só é concretizado a partir da iniciativa e da determinação de Joaquim em mobilizar sua família para o matricular na referida instituição. Ele conta que de início sua mãe foi contra a matrícula na escola de Referência em Araripina e que foi preciso que ele a convencesse, desse modo, foi o seu pai quem o matriculou na escola:

Eu convenci minha mãe também porque praticamente ela não deixou, tanto que quem foi fazer a minha matrícula foi meu pai, enfim, foi no meio dessa euforia que eu decidi entrar. E também eu vi uma oportunidade de crescer. Ah eu lembro também que eu participei de uma olimpíada de matemática, aí eu fui para segunda fase lá nessa escola, eu tava na 8º série, eu sei que eu fui, conheci a escola, achei massa e disse eu vou estudar aqui ano que vem. Aí juntou tudo.

Ele recorda que ao fazer a transição para o Ensino Médio na cidade era um trajeto feito diariamente, e nesse período ele foi duramente criticado por alguns de seus familiares, para eles, Joaquim queria ter vida de playboy. Pareceu-nos que o fato de estudar numa escola de prestígio, junto com estudantes de origem social mais elevada foi visto, por parte de alguns membros da família, como uma forma de distinção social do seu meio de origem. Mais uma vez, foi um

momento difícil na vida de Joaquim, ele afirma que hoje em dia a família o entende e apoia o seu gosto pelos estudos, mas, “até ocorrer essa aceitação foi um negócio difícil, eu não tive esse suporte”.

Joaquim nos revela através de suas escolhas e dedicação aos estudos que estava o tempo todo buscando sua emancipação cultural e social por meio da escola. Para ele, foi através do seu esforço pessoal e da colaboração de terceiros que ele garantiu sua longevidade escolar, sem perceber, no entanto, o suporte dado por sua família, mesmo que de maneira pouco direta, por exemplo, o pai que faz sua matrícula na escola de referência, seu avô que não o obrigou a continuar com os trabalhos no campo, e assim por diante.

Essa percepção de Joaquim em relação a sua família e suas práticas escolares é tomada, por ele, como algo cultural da região em que cresceu, “culturalmente falando, veja: eu me sentia assim um pouco diferente porque eu sempre gostei muito de estudar e lá eles não têm essa cultura”, o gosto pelos estudos favoreceu a escolarização de Joaquim, de modo que ele não se recorda como o adquiriu e o aponta como natural e intrínseco a sua personalidade, que inclusive, o distingue dos demais integrantes de sua família e de pessoas próximas ao seu convívio.

Ele ainda reforça que se dedicar aos estudos sempre foi algo muito complicado, “uma coisa que me incomoda muito lá é que não tem biblioteca pública, as pessoas não têm o hábito de ler e de estudar”, mais uma vez identificamos a disposição a autonomia e iniciativa a aprendizagem, mesmo diante das dificuldades e da falta de recursos para estudar, ele buscava alternativas de seguir com os estudos, reforçando, por exemplo, o papel da escola de referência como fundamental para sua longevidade escolar, pois lá Joaquim teve acesso a bibliotecas e livros e pôde se apropriar desse tipo de capital cultural como bem nos lembra Lahire (1997) não basta para sujeito estar cercado de objetos culturais ou de pessoas com disposições culturais para construir competências culturais, é necessário empenho e dedicação do sujeito no processo de apropriação do conhecimento, isto é, o acesso por si só ao capital cultural objetivado, seja na família, na escola ou em outros espaços de socialização, não implica em sua plena apropriação, para apropriar-se dele o sujeito precisa estar disposto a ler, conhecer e aprender.

Enquanto desejava seguir com os estudos ingressando em uma universidade pública, Joaquim via seus colegas de Nascente encerrarem sua trajetória escolar no ensino médio, “a galera que faz o ensino médio não tem a visão de fazer uma universidade, parece tudo muito distante pra eles e é uma coisa assim que me incomoda porque é cultural sabe”. Para a maioria

dos estudantes de Nascente o acesso à educação superior é visto como algo distante, difícil de se alcançar. Nesse sentido, a trajetória de Joaquim, nos revela o quanto o seu ingresso a educação superior é improvável para a maioria dos estudantes das camadas populares, é contrariando todas as estatísticas e seu grupo de origem que ele conquista uma vaga numa universidade reconhecida num curso superior de prestígio.

Sua conquista não passou despercebida pelos seus conterrâneos, já prestes a se formar, ele afirma que é respeitado pelas pessoas do distrito de Nascente, por ser estudante do Ensino Superior e isso faz com que ele sinta-se bem ao voltar para sua terra, “eu tô me formando agora, aí quando eu chego lá, a galera, eu sou superbem recebido e tal, aí hoje em dia eu me sinto bem demais na minha terra, então, quando você entra numa universidade, faz um curso, você é super respeitado, a galera gosta”. Essa reação das pessoas com as quais ele convive mostra-nos o quanto o acesso ao ensino superior é algo valorizado nesse meio, haja vista que a universidade não faz parte do projeto de vida dos jovens provenientes de famílias menos favorecidas, pois como Joaquim aponta, “ali distante do Recife e tudo mais, você meio que não vê muita saída assim. Você pensa que é impossível na verdade!”

A escola onde Joaquim cursou o Ensino Médio ficava a aproximadamente 40 km de distância de sua casa, apesar de toda a dificuldade ele conseguiu realizar a sua matrícula, e cursar todo o Ensino Médio nessa instituição, o percurso até a escola era feito em ônibus cedido pela prefeitura. A transição do ensino fundamental para o ensino médio resultou num processo de readaptação. O estudante fala que dentre as dificuldades de adaptação no Ensino Médio, estavam a rotina escolar em si, pois tratava-se de uma escola de ensino em tempo integral, “teve essa questão de acordar cedo e também o cansaço porque era o dia todo. Isso todo dia, você acordar cedo e voltar tarde, era cansativo demais”, além da relação com os demais colegas, que possuíam experiências e configurações familiares bem distintas de Joaquim e do ambiente ao qual ele estava familiarizado:

[...] no primeiro ano eu estava deslocado, não em relação a conteúdo, mas para me adaptar a rotina da escola. No primeiro ano foi bem difícil para me adaptar... eu até pensei em desistir, não vou aguentar essa vida não por três anos, mas eu fui adiante... e como eu sou um cara bem simples, como lá era uma escola de referência, foi que eu fui me dando conta das desigualdades, sabe.

A disposição a dedicação aos estudos já era algo incorporado por Joaquim desde o início de sua escolarização, de modo que não houve por parte dele dificuldades em relação as aulas e conteúdos do Ensino Médio. No entanto, ele precisou se adaptar a esse novo ambiente, tanto

pela nova rotina quanto para lidar com as desigualdades, apesar de pensar inicialmente em desistir, ele mais uma vez recorreu a sua autodeterminação e seguiu, “mas eu fui adiante”, concluindo o ensino médio nessa mesma instituição.

De acordo com ele essas desigualdades eram, principalmente, de ordem social e econômica, “em Nascente isso não era tão aparente, quando você vai pra uma escola de referência o pessoal é mais diferente, de várias naturezas e enfim, foi aí que eu fui percebendo isso”. Em sua narrativa ele ressalta, por exemplo, o nível de instrução e a profissão dos pais e mães de alguns de seus colegas e o quanto essas desigualdades contribuíam no modo com o qual ele se relacionava com os outros estudantes:

Por exemplo, eu tinha um colega que a mãe dele era diretora da GRE, a mãe era quem comandava, tipo de família importante... meus colegas eram tipo tudo assim, e minha mãe mal sabe ler, eu estava bem atrás mesmo, coisas desse tipo. Lá era tipo uma escola top, o pessoal vinha de escola particular para estudar lá, até pensando no vestibular mesmo para concorrer as cotas da escola pública. O pessoal vinha de escola particular para estudar lá aí na hora do ENEM aí pegava a parte da escola pública. Faz tudo na escola particular depois vai para uma escola pública boa.

De modo geral, o depoimento acima revela-nos dois aspectos que precisam ser considerados: o primeiro deles se refere as desigualdades existentes entre os estudantes do ponto de vista de suas condições objetivas, e o segundo diz respeito a heterogeneidade das escolas públicas, sabe-se que algumas instituições de ensino da rede pública se destacam por possuir boa infraestrutura e professores qualificados, o que contribui para atrair os estudantes de origem social mais elevada, estes, por sua vez, podem concorrer as vagas reservadas no ensino superior aos estudantes que fizeram o ensino médio em escolas públicas.

Joaquim foi um estudante dedicado que se destacava, inclusive entre os colegas de turma, “aí eu lembro que no primeiro ano eu tinha uma colega quando eu dizia que ia estudar na UPE, ela falava assim: rapaz tu vai passar na UPE e na Federal”. Essa colega era Danúzia, de acordo com Joaquim, eles nunca chegaram a ser de fato amigos próximos ao longo do Ensino Médio, mas, Danúzia era uma das pessoas que sempre o estimulava, e certa vez, até o fez chorar com suas palavras de apoio e incentivo.

Ela me incentivou muito, ela acreditou em mim, a gente não era muito próximo, mas de vez em quando ela vinha e soltava uma. A gente precisa ouvir alguns estímulos assim, alguma coisa sincera por mais que você não seja próximo da pessoa. Danúzia é uma pessoa que não pode faltar na minha festa de formatura.

Outro colega de escola que o incentivava era Luiz. É na casa de Luiz, inclusive, que Joaquim dorme para realizar seu primeiro vestibular, pois ambos viajariam juntos para realizar a prova. Foi na véspera dessa prova que Luiz afirmou que Joaquim seria o único a conseguir a aprovação no vestibular que prestaria junto com outros 12 colegas, “eu lembro de um amigo que era Luiz, ele falava: ó a gente vai fazer, mas só quem vai passar é tu [...] aí ele disse só quem vai passar é tu. Aí acabou que só quem passou fui eu”.

Como já mencionado, Joaquim incorporou desde cedo apetências favoráveis a escolarização, de modo que, não sabe dizer como surgiu esse gosto pelos estudos, segundo ele, “na minha família eu nunca tive muita referência não, na minha família eu sou o único que tá numa universidade e tudo mais, eu sou tipo um espelho pra todo mundo, mas eu não sei de onde surgiu isso não...”. O fato é que para Joaquim, ele sempre gostou de estudar, “sempre fui curioso para aprender”. As disposições que possibilitaram a Joaquim transitar no mundo escolar foram criadas a partir de práticas socializadoras na família, na sua rede de amizades, nos movimentos de mudanças pelos quais passou e no apoio de professores/as ao longo de sua vida escolar.

O estudante ressalta ainda a importância da escola de referência em sua trajetória. Caso não houvesse a opção de estudar em Araripina, Joaquim cursaria seu Ensino Médio no distrito de Nascente, no entanto, para ele: “eu acho que minha vida seria diferente porque o pessoal sai de lá, por exemplo, minha irmã terminou o ensino médio e escreve ruim, mal sabe ler, lá o pessoal sai com a aprendizagem bem abaixo, então, talvez eu não tivesse nem passado no vestibular. Talvez não saberia nem o que é vestibular. Acho que até saberia, mas ia ficar mais difícil de chegar”. Consideramos que a oportunidade de cursar o ensino médio na escola de referência permitiu a Joaquim frequentar um ambiente diferente do qual ele estava habituado, e isso possibilitou que ele traçasse objetivos de continuar sua formação em nível superior através da boa formação e das pessoas que ele conheceu nesse novo universo, construindo assim um outro capital cultural e social

Sobre a rotina escolar, Joaquim relata que a escola tinha uma organização curricular na qual os estudantes assistiam a nove aulas diariamente, com intervalos para o lanche da manhã, almoço e o lanche da tarde. A escola possuía uma boa infraestrutura com laboratórios de Física e Química, os quais eram utilizados para realização de atividades de ensino, em outros espaços havia atividades culturais como aulas de teatro, dança, e atividades de lazer como exibição de filmes, dentre outras. Segundo Joaquim, “foi um mundo totalmente diferente, era um ambiente bem diferente do que eu estava acostumado, foi um ambiente rico para mim”.

É durante o seu ensino médio que Joaquim conhece algumas pessoas que se constituíram fundamentais para sua trajetória escolar e sua inserção no Ensino Superior, são elas: as irmãs Maria das Graças (Gracinha) e Maria das Neves, esta última Joaquim a considera como uma segunda mãe, essas mulheres eram funcionárias da escola, atuavam como bibliotecária e apoio pedagógico, respectivamente. É importante destacar que Das Neves foi uma espécie de conselheira da sua vida escolar e pessoal, com ela, Joaquim aprendeu a ser um estudante “cara lisa”, expressão usada por Das Neves para se referir ao estudante que enfrenta as adversidades e os desafios do universo escolar e acadêmico.

Eu lembro que ela falava assim, olha não se aperrei não porque estudante tem que ser “cara lisa”. Se você não for cara lisa... aí eu bem tímido assim, olhava assim pro chão, eu era tão tímido que eu não olhava nos olhos das pessoas. Ela dizia, olha perca essa vergonha, estudante tem que ser cara lisa, agora eu entendo o que é cara lisa, eu sou cara lisa...

Compreendemos que, para Joaquim, o estudante “cara lisa” é aquele que enfrenta as adversidades, é resiliente, resistente, não tem vergonha nem medo de se arriscar e não se importa demasiadamente com a opinião dos outros porque aprendeu a confiar em si, assim, Joaquim foi adquirindo a capacidade de enfrentamento dos obstáculos e desafios postos em sua trajetória escolar e acadêmica. O apoio de Das Neves não se restringiu aos afetos, mas ela também o ajudou financeiramente a arcar com algumas despesas durante o ensino médio, no vestibular e na universidade:

Das Neves, eu não sei explicar, ela era tipo uma mãe pra mim. Uma mãe mesmo. O que eu precisasse, muitas vezes ela mandou dinheiro pra mim no Recife, eu lembro que ela depositava um dinheiro pra mim. Eu ia na escola quando eu tava de férias e ela me dava dinheiro, e sempre me estimulava.

A amizade com as irmãs Gracinha e Das Neves ajudou Joaquim a ter acesso aos livros da biblioteca escolar por tempo indeterminado, o que o ajudou bastante a se preparar para o vestibular, durante o período em que intensificou os estudos por conta própria.

Eu lembro que eu pegava livro da biblioteca e levava pra casa, eu tenho um monte de livro de lá e nunca devolvi (risos), Gracinha trabalhava na biblioteca. Eu lembro que tinha um monte de livro de física lá, eu lembro que eu dizia Gracinha eu vou levar esse livro aqui pra casa, ela dizia: leve meu filho (risos). Tá tudo lá em casa, eu tenho um monte de livro. Eu ia procurar principalmente livros de física, principalmente no terceiro ano, eu tava naquela vibe de aprender sozinho e tudo mais pra o vestibular da UPE.

Além do apoio de Das Neves e Gracinha, Joaquim também contou com a colaboração de uma coordenadora pedagógica da escola, chamada Fernanda que também trabalhava na prefeitura de Araripina, segundo ele, ela era uma pessoa bem influente no município. A ajuda

de Fernanda foi muito importante para que Joaquim garantisse o acesso à universidade, após aprovação no vestibular.

Ela me ajudava também, conseguia as passagens pra eu ir pro Recife, ela tem uma coisa importante porque quando eu passei na UPE ela me deu as passagens, e quando eu passei na UFPE, tava sem dinheiro ela me deu as passagens também pra fazer a matrícula. Sem ela eu não teria feito minha matrícula.

As relações estabelecidas por Joaquim no contexto escolar revelam a importância de pessoas do convívio extrafamiliar em sua trajetória, uma vez que elas acolheram solidariamente o estudante e o apoiaram financeiramente nos momentos decisivos e de grande dificuldade, não é à toa que para ele, Das Neves aparece como uma segunda mãe.

No primeiro ano, Joaquim pensava em prestar o vestibular para o curso de Odontologia, no decorrer do ensino médio o seu interesse pelas disciplinas de exatas, principalmente, Física e Matemática o fez repensar sobre a escolha do curso. No terceiro ano, Joaquim decidiu fazer o vestibular para o curso de Engenharia Civil, para isso intensificou os estudos, “a gente montou grupos de estudos, passava o dia todo na escola, eu chegava na escola as 6:30 e voltava para casa de 22h”, aqui há um reforço na disposição à dedicação aos estudos. Ele lembra que sua mãe não entendia o motivo de tanto estudo, “o pensamento da minha mãe era tipo: terminou vai trabalhar”, no entanto, Joaquim planejava ingressar no ensino superior:

Então cheguei no terceiro ano, eu tinha consciência de que se não passasse no vestibular, teria que trabalhar e procurar outras coisas e que iria ficar difícil para mim voltar a estudar. Eu tinha consciência que era praticamente minha única chance, enfim, eu apostei todas as cartas para poder chegar (no ensino superior).

Joaquim, percebeu que essa era sua única chance de chegar ao ensino superior, pois ficaria difícil conciliar trabalho com estudo e não havia, para ele, a possibilidade de passar mais um ano de sua vida dedicando-se integralmente aos estudos, por isso, mobilizou-se de modo exaustivo para permanecer no sistema de ensino, incorporando assim uma disposição ascética ao empreender esforços contínuos e rigorosos em relação aos estudos.

Nessa perspectiva, Joaquim realizou o seu primeiro exame de vestibular para o curso de Engenharia civil na Universidade de Pernambuco (UPE), no Campus Recife, “quando chegou no terceiro ano, eu falei: vou fazer engenharia, vou fazer engenharia civil e vou fazer na UPE que é o vestibular mais difícil. É o vestibular mais difícil, é o que eu vou fazer”. Chama nossa atenção o de fato de Joaquim tomar o vestibular como um desafio a ser superado, parece-nos que para ele, não “bastava” ingressar no ensino superior, era necessário a aprovação em um dos

vestibulares considerado mais difícil em um curso de alta concorrência, contradizendo assim, a crença de que estudantes de meios populares e escolas públicas tendem a buscar cursos superiores de baixa concorrência e profissões de pouco prestígio social por considerarem o acesso “mais fácil”.

Decidido a prestar vestibular apenas para UPE, Joaquim se reuniu com outros colegas para articular a viagem para Petrolina onde realizaria a prova. Petrolina fica a 270km de distância de Araripina. O estudante conta que se reuniu com um grupo de 12 colegas para conseguir recursos para viajar: “a gente fez um monte de coisa lá, a gente fez rifa, essas coisas, pra conseguir dinheiro pra viagem, porque de lá pra Araripina é longe são umas 5h de viagem mais ou menos”.

Chegado o final de semana do vestibular da UPE, na sexta-feira antes da prova, Joaquim dormiu na casa de seu amigo Luiz em Araripina, pois iniciariam sua viagem à Petrolina no sábado à tarde, com previsão de chegada na noite do sábado, para realização da prova no domingo de manhã. Sendo assim, Joaquim passou duas noites dormindo fora de sua casa, para conseguir realizar a prova de seu primeiro vestibular, no qual foi o único estudante da escola a conseguir aprovação.

Da escola toda só quem passou na UPE fui eu. Aí, enfim, passei, engenharia civil, a família todo mundo animado, não tinha terminado o ensino médio ainda. Aí tudo assim, muito novo pra mim (sabe?) Aquela alegria, vou ser engenheiro. Aí pronto eu passei na UPE, a princípio eu não queria UFPE, enfim.

Em relação a sua aprovação, Joaquim destaca, que “na escola foi um negócio bem incrível, todo mundo me parabenizando, muito feliz e tudo mais, nesse tempo eu não tinha nem facebook, teve toda aquela reação!”, no entanto, na família, o estudante afirma que sua mãe parecia não entender a dimensão dessa conquista para seu filho,

Minha mãe não entendia muito bem o que tava acontecendo, e eu falava que ia passar e, não botavam muita fé (sabe?), aí e acho que quando saiu o resultado da UPE contei pra ela e ela ficou assim, ficou triste, pensando como é que ele vai sair daqui e ir pra Recife se a gente não tem condição? o que eu conseguia entender da fisionomia dela era isso, eu bem alegre, mas ela pensava como é que ele vai...

Apesar disso, Joaquim conta que sua mãe o apoiou, em nenhum momento o impediu de se mudar para estudar na Capital, para ele, o receio de sua mãe estava no medo de que ele sofresse, passasse por dificuldades, “mas eu queria e, então, ela me apoiava mesmo não entendendo o que tava acontecendo”. Destacamos o apoio familiar que Joaquim recebeu por parte da mãe que mesmo passando por um momento delicado com o divórcio e os problemas

financeiros não se opôs e deixou que o jovem seguisse o caminho que havia escolhido. “Hoje é diferente, eu tô me formando e tá todo mundo feliz!”. Outras pessoas que vibraram bastante com a aprovação de Joaquim em seu primeiro vestibular foram as suas amigas Gracinha e Das Neves,

Era como se eu fosse filho delas. Ficaram muito felizes. Me ajudaram bastante. Passei por um perrengue danado, mas elas tavam aí do meu lado. Eu até encontrei uma delas nas férias agora [...] Eu disse ó tô me formando daqui a pouco e ela (Das Neves) vai ser minha madrinha de formatura, era pra ser surpresa mas eu vou dizendo logo...

No início de 2013, Joaquim ingressou no curso de Engenharia Civil da UPE em Recife. Nesse mesmo ano seu pai, migrou para São Paulo e se separou da sua mãe, isso:

Foi bem complicado, minha mãe até fala as vezes com bastante mágoa porque, meu pai tinha trabalhado na Odebrecht um tempo, aí recebeu uns direitos, recebeu uma moeda boa, aí se separou da minha mãe e foi embora com todo o dinheiro que tinha, eu lembro que ele vendeu um monte de coisa de casa, foi uma sacanagem o que ele fez, e sumiu. Foi na época também que eu tive que viajar para Recife e tudo mais, então, foi um momento muito conturbado da minha vida. Aí foi complicado para gente se reerguer.

Joaquim reforça que 2013 foi um ano muito difícil em sua vida, com todos os problemas familiares pelos quais ele estava passando e a mudança para Recife com poucos recursos, com a separação de seus pais, sua família passou por momentos de dificuldade financeira. Esse momento de separação dos pais constitui-se em uma ruptura na trajetória de Joaquim, que poderia, inclusive ter o impedido de ingressar na universidade Lahire (2004) aponta que, esses momentos de ruptura biográfica “constituem modalidades de desencadeamento de experiências incorporadas” (LAHIRE, 2004, p. 35), toda essa situação poderia ter contribuído para que Joaquim desistisse de sua mudança para a Capital, interrompendo, assim, sua trajetória escolar, no entanto, ele mobilizou parte de suas disposições (autodeterminação, adaptação, dedicação, autonomia, iniciativa), reunindo os esforços necessários alcançou seus objetivos.

Mesmo com todas essas dificuldades o estudante conseguiu realizar a matrícula e iniciou o curso de graduação na UPE, para isso contou com ajuda financeira de Das Neves, Gracinha e Fernanda, como já mencionamos, “eu sou eternamente grato a elas porque eu não teria conseguido fazer nem minha matrícula na UPE”. Além do suporte financeiro recebido de suas amigas, Joaquim contou também com o suporte emocional, em muitos momentos Das Neves foi um porto seguro para o rapaz desabafar:

Quando eu tava mal desabafava com Das Neves, eu chegava à noite da UPE e ficava um tempão desabafando com Das Neves, pelo facebook, ela dava muito conselho. Na época do ensino médio também. Quero nem imaginar o

filme que vai passar na minha cabeça na minha formatura. É difícil você tá na universidade, eu passei por tanta coisa pra estar aqui, pra chegar até aqui que eu não consigo nem descrever isso aí.

Para permanecer estudando na UPE, em Recife, Joaquim precisou recorrer as políticas de assistência estudantil, e conseguiu uma vaga para morar na Casa do Estudante do Nordeste (CEN), onde ficou por algum tempo até mudar para a Casa do Estudante de Pernambuco (CEPE), de acordo com o estudante, a CEPE tinha uma melhor estrutura “todo mundo queria entrar porque lá era melhor, tinha alimentação, eles davam um ticket alimentação, era um valor de 200 e pouco, 150 não lembro mais, você podia se alimentar sabe, então isso ajudava bastante”, para ter acesso a CEPE Joaquim precisou participar de um processo seletivo, lá ele morou por 6 meses, e assim cursou os primeiros períodos do curso de Engenharia Civil na UPE.

Na universidade, Joaquim conheceu e fez amizade com um estudante do curso de Engenharia de Controle e Automação, chamado Gabriel, segundo Joaquim, “foi o meu primeiro amigo em Recife, me identifiquei muito com ele, a gente era muito parecido, ele era como um irmão pra mim, ele foi para Federal, e me incentivou”, por influência de Gabriel, Joaquim fez o seu segundo vestibular, desta vez para tentar ingressar na Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, “foi aí que eu pensei vou para Federal porque lá é melhor tem uma estrutura melhor, também vi que a UPE não era tudo aquilo”, com a experiência de estudante universitário, Joaquim realizou o vestibular da UFPE, e foi aprovado.

Em 2014, Joaquim ingressou no Centro de Tecnologia e Geociências (CTG) da UFPE, e escolheu fazer o curso de Engenharia Civil, como o currículo dessas universidades não era compatível, Joaquim não conseguiu aproveitar nenhuma disciplina do período de um ano em que estudou na UPE, mas ressalta que o que aprendeu como estudante da universidade estadual lhe serviu como base para as disciplinas cursadas na UFPE.

Durante o período em que estudou no CTG, Joaquim teve alguns problemas pessoais como o fim de um relacionamento, esses problemas contribuíram para mais um momento de ruptura biográfica. Com o início de uma depressão, Joaquim resolve mudar “os ares” e ir em busca de um lugar mais tranquilo para viver e concluir o seu curso. Ele aponta que tinha o hábito de fazer ENEM todos os anos e assim, decide fazer um novo vestibular, dessa vez mudando apenas de campus e vai cursar Engenharia Civil na cidade de Caruaru, no Centro Acadêmico do Agreste (CAA):

Eu sempre fazia Enem todo ano, eu pensei: não vou ficar mais aqui não eu abusei esse campus, as pessoas, enfim, eu tava um pouco perturbado (sabe?), e também não vou pra um lugar pior. Aí eu pesquisei direitinho e disse: não! eu vou mudar só o campus, vou pra Caruaru porque a cidade é mais tranquila, é menor e tal, menos estresse (sabe?). Foi aí que eu fiquei sabendo que o curso de engenharia do CAA é segundo melhor do Brasil.

No início de 2016, ele ingressou no curso de Engenharia Civil da UFPE/CAA, as disciplinas cursadas nos dois anos (2014/2015) na UFPE, campus Recife, foram dispensadas em Caruaru, uma vez que os currículos são semelhantes. Ele conta que se surpreendeu ao pisar no CAA pela primeira vez:

Eu vim, fazer minha matrícula aqui e, eu achei o campus muito atrasado, sabe? Porque tipo eu acostumado em Recife e tal, estudava no CTG também, cheguei aqui tive aquele impacto, tipo aqui era um sítio, cheio de mato (risos), aí fiquei tipo será que é aqui mesmo? Mas também eu não podia voltar atrás, aí teve o ponto positivo aqui a cidade é mais tranquila, dá pra pegar ônibus, em Recife era um estresse.

Para permanecer na UFPE, campus Caruaru, Joaquim conta com os auxílios financeiros concedidos pela Universidade aos estudantes provenientes de família economicamente desfavorecida, tais auxílios permitem pagar parte das despesas com moradia, transporte, alimentação, dentre outras: “hoje em dia faço minhas refeições no RU (Restaurante Universitário), almoço e janto, só no final de semana que eu como besteira porque não sei cozinhar, então, o que mais me ajudou mesmo foi o RU porque quando não tinha o RU era muito gasto com comida”. Além dos auxílios, Joaquim recebe ajuda financeira da sua mãe para complementar sua renda mensal e poder pagar a sua estadia na cidade de Caruaru.

Em relação ao ensino na universidade, Joaquim aponta que os professores da UFPE/CAA são mais exigentes “aqui é um pouco mais puxado, paguei algumas cadeiras em Recife e dispensei aqui, eu senti essa disparidade, aqui eles pegam mais pesado do que lá”. Porém, Joaquim afirma que alguns professores do CTG, em Recife, possuem um pouco mais de experiência se comparados aos professores de Caruaru:

[...]em Recife os professores eram mais experientes, eu sinto falta dessa coisa prática, por exemplo, estou pagando uma cadeira de construção civil 2, não é falando mal do professor, mas tipo é uma cadeira bem prática e ele é bem jovem e não tem experiência em obras. Lá em Recife os meus professores ou tinha empresa de engenharia, ou trabalhavam, as aulas eram bem práticas, tipo já vinha com algumas coisas que já tinha vivenciado em obra, porque construção civil é experiência em obra, e alguns professores aqui no CAA não têm essa experiência.

Sobre a relação com os colegas de curso, Joaquim afirma que não há um entrosamento no sentindo dos estudantes se ajudarem, “o pessoal é muito individualista, não está nem aí para

essa questão de se ajudar, isso é um ponto negativo”. Quanto a suas expectativas de carreira profissional, Joaquim explica que pretende retornar para a Capital com a intenção de ingressar no mercado de trabalho e ao mesmo tempo estudar para concurso, bem como dar continuidade a seu processo de formação intelectual e profissional no Mestrado, não para seguir carreira acadêmica, mas como uma exigência do mercado de trabalho, “vou fazer o mestrado por obrigação, até porque o mercado exige, a gente tava numa visita técnica, alguém falou: ‘oh o mestrado antes era mais para quem quisesse seguir vida acadêmica, mas hoje em dia é essencial, então vocês têm que fazer’, e eu vou fazer”.

4.4 Júlio

A primeira entrevista com Júlio aconteceu na UFPE/CAA, no final da tarde, após as suas aulas na ocasião, o estudante ainda participaria de uma atividade de capoeira na universidade, o que limitou ainda mais o tempo que tínhamos disponível para essa conversa, percebi que na medida em que o tempo avançava suas respostas iam sendo cada vez mais curtas, pois a capoeira iniciaria no início da noite, o tempo de duração da primeira entrevista foi de aproximadamente 40 minutos. A segunda entrevista ocorreu em uma praça pública localizada próximo à casa do estudante, após o seu estágio em uma empresa que presta serviço de Engenharia para a prefeitura, na ocasião, percebi que Júlio estava mais atento às perguntas, respondendo de forma mais atenciosa e abordando momentos particulares de sua vida (morte do pai, relação conturbada com o irmão), nossa segunda conversa durou cerca de 35 minutos.

Júlio, 24 anos, pardo, está no 14º período do curso de Engenharia Civil. Nasceu na cidade de São Paulo, onde viveu até os dois anos de idade posteriormente, sua família migrou para o município de Catende, Pernambuco, para o distrito de Lage Grande, onde morou até os seis anos, na casa de sua avó materna, Maria da Penha, agricultora aposentada e não escolarizada, atualmente mora em Caruaru com sua mãe Francisca. Sua renda familiar é de aproximadamente 1 (um) salário mínimo.

Em São Paulo, sua mãe Francisca conhece Leonardo (seu pai) seu colega de trabalho em um supermercado “meu pai quando conheceu a minha mãe e começaram a namorar foi o primeiro emprego após ele sair do presídio”. Júlio conta que seus pais iniciaram o namoro enquanto trabalhavam juntos, algum tempo depois eles casaram e a vida do casal mudou “eles namoraram, e ele mostrou ser uma excelente pessoa, aí quando eles se casaram de fato, ele

mostrou a outra face dele, demonstrou ser uma pessoa violenta, agressiva, e que tinha vícios em jogos”.

Juntos, Francisca e Leonardo tiveram três filhos, sendo dois homens e uma mulher, Júlio é o filho do meio, atualmente sua irmã mais velha trabalha como vendedora em uma loja de eletrodomésticos e tem o ensino médio completo, seu irmão mais novo foi preso, hoje eles não mantêm contato “o meu irmão ele é um caso complicado, ele puxou o sangue do pai, meu irmão tem o ensino fundamental incompleto, eu não tenho muitos detalhes sobre a vida dele, em 2010 a gente deixou de se falar, em 2015 ele foi preso, na prisão ele voltou a estudar e tava fazendo EJA”. Ele tem ainda uma irmã mais novo fruto de um segundo relacionamento de Francisca, essa irmã também concluiu o ensino médio e trabalha em uma academia de ginástica. Júlio é o único filho de Francisca que conseguiu acesso ao ensino superior.

Júlio afirma não ter detalhes sobre o período em que morou em São Paulo e nem sobre o seu pai que morreu quando o estudante tinha 4 anos de idade, no entanto, seus pais se separaram quando ele ainda tinha dois anos e sua mãe migrou com os três filhos pequenos para o Nordeste, mais precisamente para a cidade de Catende, Pernambuco, para o distrito de Lage Grande:

Aconteceu algum evento extremamente violento em São Paulo que minha mãe ficou com medo, assustada, parece que rolou um assassinato na casa onde ela morava. Se ela estivesse lá provavelmente teria levado um tiro e morrido por causa do meu pai, aí ela decidiu sair de São Paulo e vir para Pernambuco.

Em Pernambuco, Francisca deixa seus filhos sob os cuidados de sua mãe Maria da Penha, para trabalhar em Caruaru como empregada doméstica “lá em Lage Grande eu morei dos 2 aos 6 anos de idade”, Francisca passava a semana em Caruaru e aos finais de semana retornava a Lage Grande para ficar com os filhos. Desse modo, a inserção de Júlio no universo escolar ocorreu no distrito de Lage Grande, onde frequentou sua primeira sala de aula numa turma de alfabetização, a escola pertencia a rede municipal de ensino de Catende, “minha mãe já trabalhava em Caruaru e visitava os filhos nos finais de semana, ela ficava indo e vindo. [...] Aí ela decidiu vir morar aqui (em Caruaru) de vez, ela também teve um relacionamento e engrenou aqui”, decidida a morar com os filhos na cidade de Caruaru ela matriculou Júlio numa escola da rede municipal, na primeira série do ensino fundamental, já que ele havia cursado a alfabetização em uma escola em Lage Grande. A mudança de escola não foi fácil para Júlio, ele conta que as queixas da professora em relação ao seu desempenho em sala de aula eram constantes,

Assim que eu saí de Lage Grande eu fui pro colégio Elisete Lopes, aí minha mãe recebia bastante queixas de mim, diziam que eu era um aluno relapso que ficava olhando pra caneta, pro teto e pro chão. Minha mãe dava em mim, porque sabia do meu comportamento na escola, só que eu não tinha culpa de nada...

O desempenho abaixo do esperado na primeira série estava ligado ao fato de que Júlio não havia sido alfabetizado no ano anterior “eu terminei o ABC em Lage Grande, fui dado como alfabetizado, mas quando eu cheguei na primeira série, só chegava em casa e a minha mãe ouvia queixa do meu desempenho escolar”, ele conta que sua mãe o castigava devido as reclamações que recebia da escola. Levou um tempo até a escola reconhecer a origem da dificuldade do estudante “só que depois de muito tempo, acho que uns 6 meses, ela (a professora) percebeu que eu não era alfabetizado de fato”, a professora da primeira série conversou com Francisca sobre a situação escolar de Júlio e sugeriu um reforço por parte da família, como Francisca trabalhava nos horários da manhã e tarde, e não tinha tempo para auxiliar o seu filho na realização das tarefas da escola, resolveu matriculá-lo num estabelecimento de ensino particular próximo a sua casa, pois acreditava que assim o seu filho poderia ter um melhor acompanhamento, uma vez que na sala de aula da turma da primeira série da escola particular havia um número menor de estudantes, “fizeram uma promoção especial para minha mãe, aí tipo ela colocou todos os três filhos dela para estudar lá”.

Sobre sua trajetória escolar, Júlio traz poucos detalhes “já faz uma década que eu terminei o ensino fundamental, não lembro de muita coisa”. Na escola particular, ele cursou da 1ª até a 4ª série, ele lembra que quando estava na 4ª série teve dificuldades para aprender a disciplina matemática, isso quase resultou numa reprovação, tal situação fez Júlio intensificar os estudos em casa, “eu lembro que durante as férias, eu ficava resolvendo questões de matemática, contas de multiplicação de dois números”, isso nos revela uma disposição a autonomia e disciplina para os estudos, que pode ter sua gênese atravessada pelas dificuldades em acompanhar os conteúdos de matemática e que acabou levando ele a criar uma rotina de estudos complementares por conta própria para enfrentar os desafios da aprendizagem da matemática.

Nos anos finais do ensino fundamental, Júlio retornou para uma escola da rede municipal de ensino de Caruaru, onde cursou da 5ª série até a 8ª série. A partir da 5ª série, Júlio conta que teve um melhor desempenho em matemática.

Na 5ª série teve algo muito marcante, lembrei agora: eu fui o único aluno que tirei 10 numa prova de matemática, isso foi tipo assim, ali naquele

momento quando eu tirei 10 que a professora perguntou quem é Júlio? As pessoas lembraram “oh temos esse menino aqui, ele existe”.

Isso o trouxe reconhecimento e visibilidade dentro da sala de aula em relação a colegas e professores, colocando-o em posição de destaque e o estimulou a continuar aprendendo os conteúdos escolares da disciplina mencionada, ele conta ainda que sua mãe ao perceber seu jeito com os números o estimulava a estudar cada vez mais “minha mãe tinha notória dificuldade em matemática, só que ela me estimulou bastante a estudar matemática. Quando ela soube desse 10, na 5ª série, que é uma coisa de você se gabar pra mãe aí foi que começou esse estímulo de verdade”.

Júlio conta que quando ainda estava na 5ª série sua mãe foi novamente chamada a escola devido ao seu comportamento, dessa vez na disciplina de artes “minha mãe foi chamada porque a professora de artes disse que eu era um aluno aparentemente violento nos desenhos que eu fazia, porque eu colocava sangue e cara de raiva nos desenhos, não sei o que me passava na época, minha mãe foi chamada, falou comigo e eu parei com esse comportamento”, ele afirma que teve uma infância saudável ao se mudar para Lage Grande “eu tive uma infância normal, saia na rua, brincava com os amigos, tinha as brigas dentro de casa, mas nada realmente sério, embora a relação com meu irmão na adolescência foi bastante conturbada, teve bastante atrito”.

Outro elemento de destaque na narrativa de Júlio em relação aos anos finais do ensino fundamental são as aulas de educação física “uma das coisas que eu mais gostava de ir para a escola era por conta da educação física, no municipal você era obrigado a fazer educação física, logo na 5ª série tinha duas atividades que eu queria logo de cara: natação e futsal”, ele conta que a turma de natação era composta por um grupo seletivo de estudantes e que ele nunca soube ao certo qual o processo para fazer parte da equipe “não sabia qual era o critério, não tive a oportunidade de fazer pelo menos uma audição assim, ir lá nadar um pouco”, para integrar o time de futsal ele chegou a fazer alguns testes “no futsal eu fui cortado, eu ainda tive a oportunidade de mostrar as minhas habilidades, mas não produzi o suficiente lá”.

Impossibilitado de participar das atividades de sua preferência, Júlio buscou outras modalidades e assim começou a praticar xadrez e atletismo “em ambos os esporte eu me destaquei bastante, era o motivo de eu ir para a escola, eu ficava pensando justamente nesses momentos, eu era um aluno extremamente presente nas aulas de educação física”, ele não chegou a participar de nenhuma competição com o xadrez, mas, no atletismo ganhou medalhas “aí no atletismo as duas competições que eu fui foram lá no municipal [...] na 7ª série eu ganhei uma medalha e na 8ª eu ganhei três”.

Em relação ao seu desempenho escolar no ensino fundamental, Júlio afirmou que variava de acordo com a disciplina, “português eu era muito bom, mas sempre fui muito ruim em artes e geografia, por isso que eu fui para a área de exatas”, Júlio ainda acrescenta:

Na 5ª série eu reprovei inglês, aí na 6ª série eu recuperei inglês, da 6ª série em diante foram notas altíssimas em inglês. Eu lembro que eu fiquei em progressão parcial uma vez em geografia, recuperei no ano seguinte, mas eu tinha fortes dificuldades em geografia até a 7ª série, da sétima série em diante eu não tive mais dificuldade.

Um movimento que percebemos por parte de Júlio é o esforço para melhorar nas disciplinas em que apresenta dificuldades, assim como a partir da 4ª série ele busca reforçar os estudos em matemática, nas séries seguintes ele segue se recuperando em diferentes disciplinas em que não consegue atingir o desempenho esperado, nesse movimento vai criando disposições que o tornam um estudante responsável, autônomo e envolvido com seu processo de aprendizagem.

Sobre a participação da sua mãe em seu processo de escolarização básica, Júlio afirma que a rotina de trabalho de Francisca a impossibilitava de auxiliá-lo na realização das atividades escolares, “minha mãe não tinha tempo de me acompanhar”. Júlio explica que quando estava nos anos finais do ensino fundamental, Francisca resolveu retomar os estudos, nos horários da manhã e da tarde sua mãe trabalhava como empregada doméstica e a noite frequentava a escola, dessa forma, Francisca conseguiu concluir o ensino médio numa escola da rede pública. Júlio relata como era a dinâmica, “comecei a passar as manhãs em casa e a tarde ia para escola, quando eu voltava da escola minha mãe estava indo para a escola dela e ela também trabalhava, então não tinha momento de ajuda”.

Após concluir o ensino fundamental, Júlio decidiu estudar numa escola pública da rede estadual, “eu queria manter o núcleo de amigos que tinha no ensino fundamental, a maioria dos amigos que eu tinha na 8ª série foi o mesmo que tive no primeiro ano do ensino médio”. Segundo Júlio, havia, na época, a possibilidade de estudar numa escola próxima a sua casa, porém para manter sua rede de amigos ele foi para uma escola de ensino médio que ficava a aproximadamente 2km de distância de sua casa, o caminho até a escola era percorrido a pé, “eu fui estudar lá longe, lá longe... justamente para não sentir essa pressão, eu tinha essa ideia assim”, a pressão a qual ele se refere está ligada ao fato de iniciar o ano letivo em uma nova instituição sem nenhum vínculo com professores ou colegas de classe, sendo assim, o processo de transição do ensino fundamental para o ensino médio ocorreu sem dificuldade de adaptação devido a presença de seu grupo de amigos vindos da escola anterior.

Na transição do primeiro para o segundo ano do ensino médio, Júlio percebeu que o seu grupo de amizades aos poucos foi se desfazendo, alguns de seus amigos passaram a estudar em outro turno e aqueles que permaneceram foram aos poucos se afastando devido as mudanças de interesse em relação ao processo de escolarização, “meu grupo de amizades não era bem de pessoas muito estudiosas, e eu me desvinculei do grupo que estava e no terceiro ano fui para um grupo de pessoas mais estudiosas”. O estudante conta que ao longo de seu ensino médio teve a oportunidade de estudar com bons professores “tinha um professor de Português no terceiro ano, Heleno o nome dele, eu achava ele um excelente professor eu saia de casa para assistir a aula dele. Tinha outra professora também no segundo ano do ensino médio, excelente!”.

Outro professor que se destaca na narrativa de Júlio é o professor Bruno, de matemática, “ele era um dos poucos professores que falavam comigo fora da sala de aula”, o referido docente trabalhava na escola estadual que Júlio frequentava e paralelamente dava aulas em uma instituição superior privada em Caruaru no curso de Engenharia Civil, de acordo com Júlio as aulas de matemática do professor Bruno eram niveladas pelo conhecimento médio da turma “eu já era destaque assim em matemática, o pessoal com dificuldade nos assuntos e eu já queria tá estudando outros assuntos”, seu desejo era estudar com o professor Bruno na faculdade, onde o docente afirmava dar uma aula diferenciada e em nível mais elevado “eu disse a ele que queria fazer engenharia civil [...] queria estudar com ele engenharia civil na Favip porque lá ele bota o nível que ele gosta de dar aula, ele dizia: lá você vai experimentar como é minha aula de verdade”.

Durante o terceiro ano do ensino médio, Júlio tomou conhecimento da existência do Cursinho Pré-vestibular Superação da UFPE, através da visita dos coordenadores do referido cursinho em sua escola, “alguém foi na sala de aula avisar que ia ter o pré-acadêmico”, Júlio gostou da proposta e decidiu participar dessa atividade extracurricular nos finais de semana.

As orientações dos professores/monitores do pré-acadêmico possibilitaram a Júlio a ter uma noção de como funciona a vida acadêmica no interior da universidade, “a primeira aula foi uma introdução, falou dos auxílios, sobre como ficar aqui sendo aluno e deu encaminhamentos para o Enem e para o vestibular da própria universidade”, vale ressaltar que as aulas do projeto pré-vestibular Superação da UFPE/CAA, geralmente, eram ministradas por estudantes universitários dos diversos cursos de graduação da própria instituição de ensino superior, os encontros ocorriam nas salas de aula da universidade, isso possibilitou que Júlio tivesse um

primeiro contato com o universo acadêmico, de fato, tal experiência social possibilitou a constituição de disposições favoráveis a longevidade escolar, segundo Júlio:

[...] dava meio que uma experiência de universidade, tipo as aulas do pré-acadêmico era duas horas de aula assim como é na universidade. Por exemplo, me lembro que era duas horas de matemática das 8h às 10h, eles já davam espaço de você sentir a universidade você andar por ela e a estrutura de aula da universidade. Isso foi importante para eu não ter muito choque.

Participar dessa experiência foi de fato muito enriquecedor para a trajetória do estudante, “o pré-acadêmico foi uma coisa que eu acordava de manhã com alegria de ir, de assistir as aulas, eu tinha um contato com a universidade, lá era diferente”, dentre os monitores que o acompanharam durante o cursinho, ele destaca a prática de ensino de um estudante de engenharia civil chamado Everton, “era aquele esquema: ele passava o assunto teórico pegava uma questão geralmente de vestibular e respondia na sala de aula. Era esse o esquema de aula dele. Tinha algo na didática dele que me prendia, fazia eu prestar mais atenção na aula dele”.

No pré-Acadêmico, Júlio teve a oportunidade de conhecer estudantes de outros estabelecimentos de ensino, “eu me organizei com outros alunos que tipo também queriam Engenharia Civil dentro do pré-acadêmico, e falei: vamos fazer um grupo de estudo”, desse modo, Júlio foi até a secretaria de sua escola para solicitar o espaço da biblioteca para que o grupo de estudantes realizassem os encontros, segundo ele a funcionária da escola respondeu o seguinte: “depois a gente vê isso”, e não deu retorno. Diante disso, um outro estudante do grupo de estudos fez a solicitação no estabelecimento de ensino em que cursava o ensino médio e conseguiu acessar o espaço da escola, “alunos do Arnaldo Assunção foram lá falaram com a diretora e com os professores e eles decidiram ceder o espaço, começaram a ter as aulas pra gente fazer esse reforço”, ele explica que realizou seu vestibular após um período de greve na UFPE que resultou no atraso do vestibular “tinha saído do período de greve o vestibular foi bem longe assim, fevereiro, começo de janeiro não lembro ao certo”, desse modo, dois professores (de português e matemática) da escola Arnaldo Assunção se disponibilizaram a estudar com esse pequeno grupo de estudantes após o encerramento do ano letivo, no final do mês de dezembro e início de janeiro, para realização da prova específica do vestibular da UFPE.

Eu lembro no dia 2 de janeiro já tava começando as aulas do professor de matemática, tipo o professor também se engajou dentro desse projeto lá no Arnaldo Assunção. [...] todo mundo de férias, e a gente lá estudando, um professor tipo tirar seu momento de férias também, o professor de matemática para dar aula pra gente fazer o vestibular, foi uma coisa que eu achei muito importante também para eu ter entrado na UFPE. O professor de matemática deu aquela atenção especial pra gente. [...] Eu acho que esse apoio foi

realmente de fundamental importância para eu entrar dentro da universidade, isso e o pré-acadêmico.

As experiências sociais no pré-acadêmico e no grupo de estudos possibilitaram que Júlio aprofundasse alguns conteúdos escolares exigidos no vestibular, além disso Júlio conta que teve excelentes professores durante o ensino médio, sobretudo de português e matemática, tudo isso contribuiu para sua preparação tanto para o Enem quanto para o exame de vestibular, é importante destacar que quando Júlio realizou o processo seletivo da UFPE/CAA, a prova do Enem serviu como primeira etapa e a segunda etapa consistiu de uma prova de conhecimentos específicos elaborada pela Comissão de Vestibular da UFPE (COVEST).

Júlio estava decidido a cursar Engenharia, e além do vestibular da UFPE ele realizou concomitantemente as provas para o IFPE, campus Caruaru, para o curso de Engenharia Mecânica e também foi aprovado, ele lembra que ligou para Francisca e para um tio para comunicar o resultado do seu primeiro vestibular “foi bom, não é todo dia que você passa no vestibular”. Aprovado em ambos os vestibulares no qual se inscreveu, Júlio fez a escolha de cursar Engenharia Civil na UFPE/CAA, “passei também em engenharia mecânica, mas eu escolhi engenharia civil aqui, só por conta do ônibus, pra fazer engenharia mecânica eu ia pegar dois ônibus, esse foi meu critério de escolha”, Júlio é morador do Bairro Severino Afonso, localizado a aproximadamente 8km do campus da UFPE/CAA, a linha de ônibus para a instituição passa próximo de sua casa. O campus do IFPE em Caruaru fica localizado no bairro Alto do Moura distante aproximadamente 9km do bairro onde Júlio mora, no entanto, para chegar ao IFPE de ônibus é preciso pegar uma linha até o centro de Caruaru e outra até o bairro Alto do Moura, o que dobraria os gastos do estudante em relação ao transporte.

Esse episódio nos remete ao estudo publicado por Resende et al. (2011), que investigou cerca de 299 famílias de diferentes camadas sociais a fim de compreender os critérios de escolha dessas famílias em relação aos estabelecimentos de ensino cursados pelos filhos, dentre os resultados está o fato de que os pais menos escolarizados e de baixo nível socioeconômico tendem a valorizar critérios práticos ou funcionais para escolher a escola dos filhos, dentre estes critérios estão: proximidade da residência, facilidade de transporte e infraestrutura física, ao passo que, famílias socialmente mais bem posicionadas tendem a utilizar critérios internos como: a filosofia e os métodos pedagógicos, atividades oferecidas, clima do estabelecimento, dentre outros. Fazendo uma ponte com os critério de escolha de Júlio para a instituição na qual cursaria o ensino superior, percebemos que esta foi motivada por critérios práticos, devido as condições financeiras, locais e materiais do estudante, que contava apenas com o apoio de sua

mãe para se manter na universidade enquanto não acessava as políticas de assistência estudantil, destacamos desse modo, o peso que as desigualdades sociais têm na determinação das trajetórias escolares.

Em 2013, Júlio ingressou no curso de Engenharia Civil (UFPE/CAA), a escolha do curso superior decorreu de sua preferência curricular pela disciplina de matemática, sobre isso Júlio ainda acrescenta, “eu tinha essa meta, esse sonho, meu Deus ser engenheiro civil, vou me destacar, vai ser importante para mim, para minha vida”. Segundo ele na época em que iniciou o ensino médio o curso estava em alta, “se você pesquisa em 2010 o vestibular de engenharia civil aqui na UFPE/CAA a concorrência foi maior do que em Recife, porque foi o ‘boom’ da engenharia civil nessa época, tava no ápice...”, além do curso representar para ele a chance de ascensão social “eu queria ficar rico, na verdade. Ficar rico, ganhar dinheiro, ser engenheiro”.

Júlio relata que no primeiro período da graduação se dedicou integralmente a vida universitária, nos horários da manhã e da tarde ele assistia as aulas das disciplinas e realizava as atividades solicitadas pelos professores, quando chegava em casa, no horário da noite, ele ainda estudava para dar conta das demandas do curso, essa foi a dinâmica de Júlio no início do curso superior, foram momentos intensos de estudos, “foi complicado, sem noites de sono, tive que me dedicar totalmente a universidade”. No segundo período, Júlio teve uma grande decepção na sua vida acadêmica:

“[...] eu morri de estudar para uma prova e tirei 1.92, uma nota baixíssima, eu pensei não faz sentido esse estilo de vida, de você dedicar horas para você fazer uma prova e tirar 1.92 daí em diante eu estudava na medida do possível, para ver se dava para passar”.

Da mesma forma que a nota 10 na prova de matemática na 5ª série foi um grande estímulo para que Júlio se dedicasse cada vez mais aos estudos, ter um resultado tão abaixo do esperado no ensino superior o desmotivou completamente, “se eu não tivesse tirado 1.92 me dedicaria mais como estava no primeiro período, foi um trauma que me mudou”. Tal fato trouxe consequências subjetivas e isso se refletiu no seu desempenho acadêmico daquele momento adiante, segundo Júlio:

No quarto período eu reprovei 3 cadeiras; geografia descritiva, mecânica geral 1, e mecânica dos fluídos. Eu paguei três vezes mecânica geral, reprovei duas. Eu comecei a reprovar, senti a pressão depois do 4º período. Quando eu peguei as cadeiras da área de estruturas acho que paguei pelo menos mais de uma vez cada uma delas, exceto mecânica geral 2, eu consegui passar em mecânica geral 2. Mas tipo resistência 1 e 2, concreto 1, todas de estrutura a final foi garantida, na área de resistência eu sempre tive dificuldade.

Tais reprovações contribuíram para que Júlio atrasasse a conclusão do curso em 4 períodos a mais, ao invés de concluir sua formação no tempo previsto no currículo que seria de 10 períodos. Sobre a relação com os professores, Júlio considera que tem uma boa relação com os docentes, “na verdade tenho uma ideia consolidada de que você não briga com o professor, o professor dá 1.92 depois de você se dedicar ao máximo e você aceita”. Quanto a sua relação com os demais estudantes do curso, Júlio conta que no início da graduação fez amizade com João, estudante oriundo de escola pública, proveniente de família economicamente desfavorecida e que também havia participado do pré-acadêmico Superação junto com ele. Ele considera que o curso de Engenharia Civil “tem um certo elitismo”, para exemplificar, relata que no primeiro período interagiu naturalmente com outro estudante de sua turma, chamado Pedro. Pedro é branco, havia estudando toda a educação básica em escola particular e sua família tinha uma boa condição econômica, segundo Júlio:

[...] eu lembro que a gente (Júlio e João) conversava com Pedro normalmente, até que Pedro soube que a gente era oriundo de escola pública, a partir desse momento ele deixou de sentar perto da gente, e juntou com pessoas do mesmo nicho social dele, pessoas que são de classe alta, que vieram de escola particular, brancas, o meu amigo também era moreninho assim como eu.

Esse comportamento de Pedro explicitou a segregação no interior do curso de Engenharia Civil. Júlio ainda relata uma outra situação na qual se sentiu invisibilizado por Pedro, “na primeira visita técnica, em introdução a engenharia civil, a gente estava em círculo, em vez dele fazer uma pergunta no meio da gente, ele fazia questão de ficar na frente da gente e levantar a mão para fazer perguntas, meio que uma maneira de ofuscar a gente”.

Na universidade, Júlio participou de atividades extracurriculares como aulas de capoeira e dança, “eu sou partícipe dos projetos de extensão, eu via, me agradava, eu participava”. Júlio relata que um dos candidatos a diretoria do campus da UFPE em Caruaru, prometeu durante a eleição criar um projeto de extensão que contemplasse aulas de teatro, após eleito tal ideia não se concretizou, “seria algo que eu gostaria de participar se tivesse, o diretor chegou com essa ideia no grupo de Comunicação Social e eu gostaria que tivesse aqui para participar”. Por um curto tempo, Júlio também atuou como monitor do pré-acadêmico Superação, “eu era monitor de Filosofia e Sociologia, porque eu tive uma boa base”, ele relata que tentou contribuir com a formação dos estudantes do ensino médio que participaram do cursinho pré-vestibular da UFPE.

Sobre a sua permanência no ensino superior, Júlio conta que recebe os auxílios financeiros concedidos aos estudantes provenientes de família economicamente desfavorecida

que ingressam nos cursos de graduação da UFPE, “os auxílios são fundamentais para minha permanência aqui na universidade, me ajudam no transporte, alimentação, mas eu preciso de um complemento”, para complementar sua renda e dar conta de todas as despesas decorrentes da sua vida acadêmica, Júlio também conta com a ajuda financeira de sua mãe.

Ele afirma que o curso de Engenharia Civil corresponde as suas expectativas de formação profissional, “em questão de conhecimento é sensacional”, no entanto, para Júlio um dos problemas do curso é a falta de oportunidade para realizar os estágios obrigatórios nas empresas de construção civil, ele também chama a atenção para a sua dificuldade de inserção no mercado de trabalho:

“[...] a partir de 2017 eu pude colocar a disciplina de estágio, coloquei estágio, eu saí falando para as pessoas e não consegui estágio em lugar nenhum. Nem com horário batendo, nada. Só agora eu consegui uma vaga de estágio assim decente. Mas foi com muita sorte... A prefeitura está fazendo o sistema de esgotamento do lado da minha casa, isso foi a minha sorte, eu tive que apelar muito, tipo maior agonia para conseguir estagiar nessa obra”.

Portanto, somente no final de 2019, Júlio conseguiu uma vaga para realizar o estágio obrigatório exigido para concluir o seu curso superior. Ele conta que apesar da sua pouca experiência profissional na área da construção civil, já conseguiu uma ascensão dentro da empresa, na qual realiza o seu estágio graças a formação acadêmica no curso de Engenharia Civil da UFPE. Sobre a importância da universidade pública no interior de Pernambuco, Júlio relatou o seguinte:

É muito grande, é difícil de descrever. Veja, eu na minha condição: meu pai morreu quando eu tinha 4 anos, era ex-presidiário, era uma condição ruim, eu tinha um estereótipo de uma possível vítima para o crime, minha mãe empregada doméstica, minha vida seria totalmente outra se não tivesse essa universidade aqui.

A interiorização da universidade representou uma oportunidade para jovens como Júlio, com histórias de lutas e inúmeros desafios, que não tinham expectativas de acessar o ensino superior a mudarem o rumo da sua trajetória: “lutei e consegui”. Sobre o sentimento de sua mãe em ter um filho estudante universitário, ele explica que “ela se gaba”, por morar em um bairro considerado periférico e com poucas pessoas da região tendo acesso ao curso superior, sendo muitos deles trabalhadores não especializados na área da construção civil, Júlio se destaca na comunidade “lá em casa tem o lugar que geralmente eu estudo, a reação das pessoas quando sentam na minha cadeira é tipo ‘onde um engenheiro estuda’, elas ficam impressionadas assim: olha é aqui que o engenheiro estuda, é aqui que ele faz projeto, é aqui que isso, e isso... A minha mãe ergue o peito pra falar: é aí sim!”.

4.5 Genival

O primeiro encontro com Genival, para a entrevista, aconteceu na UFPE/CAA, no horário da tarde, após o seu almoço no restaurante universitário na ocasião, Genival portava uma caixa térmica da cor vermelha com a tampa branca, na qual estava escrito numa pequena folha de papel, “doces 2,50”. A segunda entrevista ocorreu no laboratório de informática do curso de Medicina, localizado no Polo Comercial de Caruaru, pela manhã, após uma de suas aulas. Genival mostrou ser um jovem tranquilo e simpático, ele respondeu às perguntas feitas durante as entrevistas de forma atenciosa, falou abertamente sobre sua trajetória individual e escolar, a primeira interação durou aproximadamente 1h e a segunda 30 minutos.

Genival, 24 anos, pardo, está no 8^a período do curso de Medicina. Natural da cidade de Alagoinha, Pernambuco, sua família reside no sítio Lage do Carrapicho, área rural do município, onde Genival viveu sua infância, adolescência e parte da sua vida adulta. Em 2016, ano em que ingressou na universidade, mudou-se para a cidade de Caruaru, Pernambuco (há aproximadamente 97km de Alagoinha) onde mora atualmente numa casa alugada que divide com outro estudante, ele costuma ficar em Caruaru durante a semana e retornar para junto de sua família aos finais de semana e feriados, sua estadia em Caruaru é mantida através de auxílio universitário e venda de doces e salgados na universidade.

Genival é filho de Nivaldo, 53 anos, agricultor que estudou até a 4^o série, e de Nilda, 48 anos, agricultora que cursou até a 3^o série do ensino fundamental, seus pais continuam morando no sítio Lage do Carrapicho, junto com Maria Rita, 13 anos, estudante da rede municipal de ensino, e filha mais nova do casal. Segundo Genival, Nilda e Nivaldo cresceram em contextos familiares nos quais haviam a necessidade de “ter que trabalhar para ajudar em casa”, atualmente, os pais de Genival trabalham com agricultura familiar com a plantação e cultivo de feijão, milho e mandioca, bem como desenvolvem a atividade leiteira, na qual são tirados leites de cinco vacas diariamente, a renda principal da família vem da venda do leite, e é de aproximadamente 2 salários mínimos. O avô paterno de Genival trabalhou como Pedreiro e teve 7 (sete) filhos. Seus avôs maternos eram Agricultores e tiveram 3 (três) filhos.

Seus pais não conseguiram como outros de sua geração e origem prosseguir nos estudos para além dos anos iniciais do ensino fundamental, Genival é o primeiro membro de sua família a alcançar longevidade escolar, isto é, conseguiu ir além do ensino médio e ingressar numa universidade pública federal num curso superior considerado de prestígio.

Inserido nesse universo familiar, Genival desde cedo passou a se interessar pelas atividades do campo, “eu também sempre gostava de ajudar eles, desde criança, com 5 anos de idade eu ia aprender a tirar leite, já trabalhava mais eles”, apesar de não ser uma obrigação imposta pelos pais ele fazia questão de auxiliar nas atividades do campo, pois achava prazeroso, “a minha obrigação era estudar”. Genival conta como era a sua dinâmica de atividades, “o nosso dia no sítio era acordar, tirar leite, vender o leite, e depois ir cuidar das coisas, isso todos os dias”. Apesar do filho apresentar uma pré-disposição na lida com as atividades do campo, Nivaldo sempre o incentivou a estudar, “vá estudar porque você vai ter um futuro melhor”, desejando para o filho um destino distinto do seu. Esse desejo provavelmente criou práticas de socialização em sua família que favoreceram a trajetória escolar de Genival.

Na época dos meus pais, tinha os irmãos e esses irmãos começavam a trabalhar com 7, 8 anos. E eles [os pais] logo em seguida iam também. Até acesso à escola era difícil porque não tinha transporte, até bicicleta realmente era uma coisa complicada, era caro pra ter na época, então eles não tinham também. Então era muita contramão e eles trabalhavam durante o dia e a única coisa que tinha era a possibilidade de estudar a noite, só que as vezes estavam cansados de ter trabalhado durante o dia, então eles tinham consciência que aquela vida não fazia progressão de nada, não tinha expectativa de melhora e sempre dependendo da chuva, da terra, então eles queriam que eu e minha irmã não precisássemos ter essa dependência, que tivesse mais liberdade e pudesse construir um futuro. Não precisar, por exemplo, ir pra São Paulo abandonar tudo pra trabalhar num local que não é da gente, eles queriam que a gente conseguisse continuar na nossa terra ganhando pelo menos o digno pra viver.

As experiências familiares de Genival sempre lembradas por seus pais ao terem que enfrentar os desafios do cotidiano marcado por dificuldades materiais e todo tipo de invisibilidades, mobilizava seus pais em torno da construção de possibilidades de vida diferenciadas para Genival e sua irmã. Fazer os filhos reconhecerem a necessidade de buscar outras possibilidades de existência, tenha sido, talvez, uma das estratégias utilizadas por seus pais. Segundo Genival “era diferente da realidade que eles tiveram quando eram crianças, na realidade que eles tiveram eles não conseguiram estudar, então eles queriam dar essa oportunidade a mim, e principalmente meu pai ele era o principal incentivador”, por conta do incentivo do pai, Genival se dedicava a escola e evitava faltar as aulas, mesmo quando estava doente: “mesmo me sentindo um pouco mal eu ia, eu nunca deixei de ir à escola por causa de alguma coisa ou por preguiça ou por algo do tipo, eles sempre me apoiaram bastante”. Esse investimento da família de Genival, de início, não tinha como objetivo o acesso ao Ensino Superior, o pai dele desejava apenas que o filho conseguisse um emprego que não dependesse das condições climáticas que castigam a região com duros períodos de seca.

O que ele [o pai] dizia era que o trabalho no campo era um trabalho muito de risco, porque tinha ano que dava, tinha ano que não dava, e ele dizia que: você terminando os estudos arrumando um emprego, que não dependesse da chuva, não dependesse do clima, que não fosse uma coisa variável, você teria mais estabilidade, e poderia também ajudar a família né, então eu acho que ele acreditava mais nisso, na época que eu era criança não tinha expectativa de fazer faculdade, a gente nem sabia o que era isso, mas o incentivo era estudar pra conhecer e ter conhecimento. E o resto era por conta da pessoa.

Ele destaca que esse incentivo dos pais consistia, basicamente, em encaminhá-lo a escola, não havia no entanto, uma rigorosidade em relação a cobranças de atividades feitas e exigências de notas altas, o que Genival encara como algo positivo para sua trajetória “achei a meu favor, eles não ficaram cobrando nota, nem ficavam perguntando direto, então eu tive a liberdade de me aventurar na escola, no conhecimento (...) eu não tinha aquela pressão e nem ficava ansioso com essas coisas e, eu acho que isso me ajudou muito”, dessa forma, ele pôde dedicar seu tempo a estudar conteúdos para além daqueles vistos na escola, que lhe despertava interesse e os quais ele poderia relacionar com o seu cotidiano no campo, como veremos adiante.

Nessa perspectiva, a primeira sala de aula frequentada por Genival foi numa turma de alfabetização, entre os 5 e 6 anos de idade, durante seu processo de alfabetização Genival também contou com o apoio de seus pais em casa, “já aprendi a ler logo no primeiro ano, eu chegava em casa e quem me ajudava as vezes era minha mãe e meu pai”, apesar do baixo capital escolar da família de Genival, seus pais desenvolveram uma prática educativa que o auxiliou no desenvolvimento da habilidade de leitura. A mobilização dos pais em relação a escolarização de Genival constitui um aspecto importante de sua trajetória escolar, na alfabetização e nos anos iniciais do ensino fundamental, tal mobilização se traduziu em uma prática educativa familiar que auxiliou Genival a aprender a ler e escrever e a realizar algumas atividades escolares, nos anos finais do ensino fundamental e durante o médio as práticas familiares foram mais no sentido de criar condições objetivas e subjetivas para a permanência de Genival no sistema de ensino, ou seja, Genival teve um contexto familiar favorável a longevidade escolar.

Segundo Genival, em seu contexto familiar havia pouco recurso de leitura (livros, jornais, revista, etc.), “o único livro que tinha era a bíblia, tanto que quando eu era criança até os 8 anos eu acho que tinha lido a bíblia umas 2 (duas) vezes”, ele conta que a medida que foi aprendendo a ler, foi tendo curiosidade e como a Bíblia era o único livro disponível em sua casa, foi o primeiro livro que ele leu, outros livros aos quais ele tinha acesso, eram os livros didáticos de seus primos mais velhos que ele visitava aos finais de semana “aí eles tinham livros da 8ª série, da 7ª série, da 5ª série, aí eu também pegava livros didáticos só era o que eu

realmente pegava, aí eu pegava história pra estudar civilizações antigas, civilização grega, geografia e ciências”, aos poucos Genival foi adquirindo o hábito de ler, isto, por sua vez, constituiu-se numa disposição por ele incorporada durante seu processo de socialização primária e secundária, que o favoreceu em seu processo de escolarização, haja vista que “a escola é um universo de cultura escrita” (LAHIRE, 1997, p. 20), e se apropriar do sistema de escrita alfabética é uma competência necessária para se ter êxito escolar.

A gênese do hábito de ler ocorreu na infância, contribuíram para isso tanto a família como a escola. É importante destacar que no âmbito da socialização familiar havia pouco recurso, no entanto, no decorrer do processo de socialização escolar Genival frequentou bibliotecas, nas quais encontrou capital cultural objetivado, fez uso dos livros, desenvolveu uma prática de leitura e se apropriou desse tipo de recurso, “só que depois eu comecei a ir pra rua a partir da 5ª série, foi aí que tinha uma biblioteca na escola, na escola rural não tinha biblioteca, aí foi onde eu tinha disponibilidade de pegar um livro pra ler, tirar alguma curiosidade”. Segundo Lahire (1997), “um capital cultural objetivado não tem efeito imediato e mágico para a criança se interações efetivas com ele não a mobilizarem” (LAHIRE, 1997, p. 343), as idas a biblioteca, as leituras em casa dão pistas da relação que Genival vai desenvolvendo com os livros.

A trajetória escolar de Genival teve início numa escola localizada em Lage do Carrapicho, onde estudou da alfabetização até a 4ª série do ensino fundamental, a escola ficava a aproximadamente 5km de distância de sua casa, o percurso era feito de bicicleta, diariamente, “o que eu sempre me lembrava era da trajetória de meu pai e minha mãe me levando de bicicleta para a escola”, Genival tinha entre 5 e 6 anos, e seus pais se reversavam para levá-lo e buscá-lo na escola, dependendo da disponibilidade de cada um, portanto, a mobilização dos pais marca o início da trajetória escolar de Genival.

A partir da 1ª série, “eu comecei a ir de bicicleta sozinho, minha mãe comprou uma bicicleta para mim”, apesar do pouco recurso econômico de sua família, a mãe de Genival fez a aquisição da bicicleta para que ele pudesse ir para a escola, desse modo, ele cursou a 1ª e a 2ª séries indo de bicicleta para a escola. Quando Genival estava na 3ª série sua família mudou de casa, “a gente foi para um local que ficava mais perto, ficava a 1km da escola, foi na época que passava uma Van, uma Besta que passava lá e eu ia para escola e voltava nela”, durante bastante tempo a escola foi o principal espaço de socialização de Genival com outras crianças.

Genival explicita como era sua rotina diária no sítio, “eu lembro que no horário da manhã ia para escola, a tarde a gente estava na lida com os animais e, a noite o entretenimento que tinha era a televisão”, ele conta ainda que as casas no sítio eram afastadas umas das outras e que ele passava a maior parte do tempo brincando sozinho, pois sua irmã nasceu quando ele já tinha 10 anos de idade, “eu sempre tava sozinho, aí as vezes eu brincava com os animais, fazia uns bonequinhos de barro pra ficar brincando ou chutava uma bola na parede, era o que tinha”.

A partir da 5ª série, Genival mudou para uma escola da rede estadual, localizada na área urbana, na qual estudou até o terceiro ano do ensino médio. Segundo ele, “quando a gente terminava a 4º série era obrigado a ir estudar na zona urbana do município de Alagoinha”, sobre o processo de transição da escola do campo para escola urbana, Genival explica que encarou a mudança de forma natural “sempre gostei de mudanças, nunca fui uma pessoa que tive receio de ah vou me mudar pra algum lugar, aí fico naquela expectativa ou fico com medo, eu particularmente gostei muito”, no entanto, ele percebeu que alguns membros da comunidade escolar tinham um certo preconceito em relação a sua capacidade cognitiva por ele vir de uma área rural, “infelizmente o que era uma realidade, não sei se ainda é, mas é que o pessoal muitas vezes tinha preconceito com o pessoal do sítio, de dizer que era mais burro, que não tinha capacidade, ou então que era o pessoal de pés descalços”, diante disso, a figura do pai mais uma vez é apresentada como pilar de incentivo e motivação, que através de conversa franca e conselhos o ajuda a superar as visões preconceituosas das pessoas, “[...] meus pais sempre me diziam que não importasse o que os outros falassem, se você tivesse se sentido bem onde está, siga. Em relação aos professores o tratamento era igual, então eu não me sentia muito diferente”.

Quanto a relação com os professores no contexto escolar, Genival explicou o seguinte, “eu fui criado por meu pai e minha mãe e eles incentivavam o respeito pelo professor, então minha relação era basicamente de respeito, e eu sempre procurava fazer amizade”, a lição dos pais em relação ao respeito pelo professor, remete a dimensão da *ordem moral doméstica* (Lahire, 1997), pois consiste numa dimensão do universo familiar com implicações importantes no universo escolar, isto é, a atitude dos pais de Genival de valorização e respeito aos profissionais da educação influenciou em sua maneira de agir na escola, portanto, essa foi uma disposição incorporada por Genival que o favoreceu diante da escola.

Quanto ao processo de ensino e aprendizagem formal, Genival relatou que sempre teve curiosidade em aprender, principalmente, assuntos relacionados as áreas de Ciências como, por exemplo, o corpo humano, e a Matemática, uma vez que tinha facilidade em aprender, “acredito

que por conta da prática que eu tinha”, ele se refere as operações básicas de matemática aprendidas na prática através da experiência social com a venda de leite:

“[...] meu pai sempre vendeu leite, e eu fazia as contas de leite em centavos, por exemplo, 60 centavos que na época era tantos litros, aquilo ali foi me ajudando a ter prática nas operações básicas, e isso me deu um empurrão para matemática avançada.”

A experiência social advinda das atividades do campo possibilitou que Genival desenvolvesse uma prática que o auxiliou no processo de ensino e aprendizagem escolar, uma vez que ele conseguia relacionar as aprendizagens escolares as práticas sociais de seu cotidiano no campo, Genival enfatiza em seu relato que sempre gostou de Matemática e Ciências, estas sem dúvida foram as matérias que ele mais gostava, no entanto, não eram as únicas disciplinas que despertavam o seu interesse em aprender, ele explica que também gostava de Inglês, História e Geografia, “eu gostava da geografia porque envolvia principalmente a geografia de relevo, de planície, aquela coisa de terra, de sistema relacionada com a ciência, a parte de meio ambiente”, as explicações dadas por Genival nos ajudam a entender a sua relação com o saber, haja vista que os conteúdos transmitidos pela escola foram significativos para ele:

Era uma coisa que eu via muito passarinho, tiú, camaleão, reptéis e cobras também via muito lá. Eu sempre gostava de estudar, será que essa aqui é venenosa, será que não é?! Essa aqui se morder a gente o que é que faz?! Tinha galinha, por que que é que a galinha consegue voar só um pouquinho e o passarinho consegue voar até tal coisa?! Essas coisas ficavam, eu ficava me questionando aí eu ia atrás pra procurar saber eu acho que por isso que eu gostava. E eu gostava do corpo humano porque quando eu comecei a estudar os animais, eu via o funcionamento, por exemplo, a vaca tinha 4 estômagos funcionando eu via lá e como é que será o ser humano aí eu ia atrás, depois eu via o osso da galinha eu ia procurar, isso foi me fazendo ter curiosidade.

Em relação ao desempenho escolar, Genival considera que no ensino fundamental o seu desempenho foi de bom para excelente, pois não há em seu histórico escolar nenhuma reprovação, ele ainda afirma que nunca chegou a fazer prova de recuperação ou final, “minhas médias sempre foram de 8 (oito) e meio para cima”, mesmo tendo um excelente desempenho escolar ao longo da primeira etapa do seu processo de escolarização, Genival não vislumbrava que poderia chegar aos níveis mais altos do sistema de ensino, “eu não tinha o objetivo de crescer, de ir para uma faculdade, tanto que quando eu terminei a 8º série vieram me perguntar se eu queria fazer vestibular, e eu nem sabia o que era vestibular”.

Eu não tinha acesso à internet, não tinha nada, até quando terminei o ensino médio, então o que eu mais queria era adquirir o conhecimento. Aí eu não tinha essas expectativas até porque eu não sabia que existia, eu realmente não sabia que existia faculdade, não tinha essas informações ainda...

Essa lacuna na sua formação foi sendo preenchida a partir do segundo ano do ensino médio. O processo de transição do ensino fundamental para o médio para Genival ocorreu sem grandes preocupações, “eu tinha a ideia que ia me mudar pro novo, mas não era nada pra eu me assombrar, de ficar me cobrando ou de ficar ansioso por nada disso não, eu sempre encarei isso como necessário”, o primeiro ano do ensino médio foi cursado no turno da tarde. A partir do segundo ano a disponibilidade de horário era somente manhã e noite, Genival relata que pela manhã não havia, na época, a possibilidade de estudar por conta da indisponibilidade do transporte, “eu era da zona rural e não tinha transporte, eu tinha que estudar a noite, a noite eu comecei a estudar com pessoas mais velhas do que eu”, o fato de estudar a noite também foi encarado com bastante naturalidade:

Nisso eu tinha muita experiência de conversar com pessoas mais velhas que já trabalhavam e me marcava muito porque tinha gente lá que encarava a escola como, por exemplo, tinha um lá que ele trabalhava, mas ele só tinha feito até o ensino fundamental e estava tentando concluir o ensino médio porque ele queria subir de carreira na profissão.

Essa experiência escolar estimulou Genival a fazer uma reflexão acerca dos diferentes propósitos que a educação escolar pode assumir na vida de cada pessoa, “eu fui prestando atenção de como a educação podia dar mais valor a meu futuro, foi onde eu também fui tendo conhecimento de faculdade e das outras coisas, eu fui sendo informado”, a interação com pessoas mais experientes permitiu que Genival ampliasse sua visão de mundo e de sociedade, “eles estavam ali porque realmente tinham um objetivo de vida, de se formar”.

Em relação ao seu desempenho no ensino médio Genival reafirmou que “foi muito bom, acho que até um pouco melhor do que no ensino fundamental”, sobre a relação com os professores, esta continuou sendo de respeito e amizade. Os avanços de Genival nas diferentes etapas de seu processo de escolarização se deram acompanhados das atividades desenvolvidas no campo, algo que ele sempre realizou por vontade própria, sem nenhuma cobrança por parte de seus pais, ele era movido pelo desejo de ajudar a família nas atividades diárias e também para ter um dinheiro para comprar bens materiais:

[...] à medida que eu fui crescendo eu fui passando a lidar mais com as atividades do campo, eu já tinha começado a limpar mato, tirava leite frequentemente, teve um tempo também que eu lembro que eu fui juntar estromo porque eu queria comprar um vídeo game pra mim, um Playstation 1, isso foi na época de 2010 na virada do ensino médio eu trabalhei um tempo também por conta própria que era a atividade que o pessoal fazia muito por lá. Você trabalhava o dia e ganhava acho que era 20 reais na época, eu fui juntando e comprei esse vídeo game que eu queria.

A rotina no campo contribuiu para que Genival desenvolvesse uma postura de determinação, organização e autonomia frente a situações cotidianas. Ele relata que sempre ajudou seus pais nos afazeres do sítio, e lembra que com 12 ou 13 anos de idade acordava às 5h da manhã para tirar leite e buscar pão, mandioca e água, ele ainda destaca que no período em que os reservatórios de água por perto da sua casa secavam era preciso se deslocar para lugares um pouco mais distante para pegar água, ele explica como fazia para dar conta das demandas da família e da escola:

Era um ponto também que, infelizmente, eu tenho que destacar na escola pública porque o conteúdo que a gente via era muito restrito, então, não me atrapalhou principalmente por esse ponto porque como o conteúdo era pouco e eu sempre encarava isso como uma coisa gostosa de aprender, eu tinha facilidade, aprendia as coisas rápido e não precisava me dedicar tanto tempo aos estudos.

Vale ressaltar que para driblar o problema apontado, sobre a restrição dos conteúdos vistos na escola, Genival fez estudos complementares durante grande parte do seu processo de escolarização básica, “eu gostava muito realmente de ler, tanto a literatura brasileira, mas eu também gostava de pegar livros didáticos de séries avançadas, por exemplo, tinha material didático, eu estava na 8ª série, eu pegava livros do ensino médio”, esse hábito de ler livros didáticos se iniciou ainda nos anos iniciais do ensino fundamental quando ele costumava pegar os livros dos primos mais velhos para praticar a leitura e aprender sobre temas que ainda não havia visto na escola. Para ter acesso aos livros, Genival frequentou tanto a biblioteca da escola quanto a biblioteca comunitária da comunidade onde morava:

Eu as vezes na hora do recreio, no intervalo, eu acabava pegando um livro dando uma lida, e depois eu procurava algo relacionado, por exemplo, a literatura, eu gostava muito de ficção científica, aí eu ia pra biblioteca da zona rural, tinha uma biblioteca na zona rural e era de livre acesso né, você poderia pegar de tudo.

Na biblioteca da comunidade Lage do Carrapicho, Genival teve acesso e efetivamente leu livros de ficção científica de Dan Brown e livros de literatura brasileira como, por exemplo, “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos, “Morte e vida Severina”, de João Cabral de Melo Neto, “Capitães de Areia”, de Jorge Amado, dentre outros. O hábito de frequentar espaços como bibliotecas escolares e comunitárias não só acompanhou como possibilitou a Genival ampliar seu capital cultural.

O interesse e a dedicação aos estudos fizeram com que Genival se tornasse um estudante de destaque na escola, “começaram a dar premiações para os alunos que se destacavam, e eu mesmo sem saber acabei ganhando uns anos seguidos e isso foi me incentivando, como se

aquilo fosse me dizendo que eu tinha capacidade de tentar”, dessa forma ele foi acreditando cada vez mais em suas potencialidades:

A partir do momento que eu comecei a ver que a minha capacidade de estudar estava me dando algum retorno, eu fui vendo também e recordando do passado, daquela coisa que meu pai dizia que estudando teria com ter um futuro melhor, então a partir desse momento foi me incentivando cada vez mais.

Genival se refere ao retorno simbólico advindo da sua capacidade cognitiva e da sua desenvoltura escolar. Ele conta que participou e ganhou dois concursos de redação, um no ensino fundamental e outro no ensino médio, sendo um deles um prêmio em dinheiro que o possibilitou a trocar de bicicleta, participou ainda de diferentes edições das olimpíadas brasileira de matemática, passando sempre para a segunda fase, no entanto, como as provas da segunda fase aconteciam aos sábados e nos finais de semana não havia transporte escolar, ele não chegou a participar de nenhuma dessas provas.

No ensino médio, Genival contou com o apoio e incentivo de seus professores, por ter estudado da 5ª série do ensino fundamental até o 3º ano do ensino médio na mesma escola, os professores eram basicamente os mesmos e já conheciam o histórico escolar do estudante.

Alguns professores começaram a me incentivar bastante. Porque como eu falei até o primeiro ano do ensino médio, eu não tinha muita ideia do que ia fazer não, não tinha nem expectativa, primeiro porque eu não sabia como era o processo de faculdade, não sabia o que era vestibular, não sabia o que era uma prova, nunca tinha ouvido falar de Enem, então foram os professores que foram me incentivando bastante.

No terceiro ano do ensino médio, Genival ainda não tinha perspectiva de cursar o ensino superior e nem vislumbrava nenhum curso em específico, “eu não tinha contato com internet, nem celular, nem nada, aí um professor de biologia conhecido por Robinho chegou pra mim e disse: o que é que você vai fazer?”. Ele relata que em 2012 (ano em que concluiu o ensino médio) houve um período de seca e que sua família passou por muita dificuldade, “na época eu me lembro que meu pai a gente tinha 18 cabeças de gado, tanto que teve que vender e só ficou com 8, por conta da seca”, esse episódio por pouco não causou uma ruptura na trajetória escolar de Genival que estava no terceiro ano do ensino médio, pois Nivaldo chegou a cogitar a possibilidade de mudar para São Paulo com a família:

Eu tava até com medo que meu pai tinha uns irmãos que trabalhavam em São Paulo, e ele tinha até falado que talvez fosse pra São Paulo, cheguei até a falar com alguns professores sobre isso e tinha um professor também que se chamava Geraldo de matemática que ele conversou comigo sobre o IFPE de pesqueira, cidade vizinha a 12km, tinha dois cursos bem interessantes que era matemática e licenciatura em física, eu disse, mas como é que eu vou fazer

que eu não sei nem acessar a internet, o professor de biologia foi e fez a inscrição pra mim.

Para prestar o seu primeiro vestibular Genival contou então com a colaboração dos professores: Geraldo de Matemática e Robinho de Biologia, o estudante lembra que não tinha como pagar a sua taxa de inscrição que custava na época aproximadamente vinte reais, “parece pouco, mas naquela época tava muito ruim porque tava numa seca, e a gente era tudo regrado lá”, ele ressaltava a dificuldade financeira da sua família. O professor Robinho, tomou conhecimento através de um ex-aluno que estudava no IFPE/Pesqueira que havia um período para solicitação de isenção na taxa de inscrição, junto com o referido professor, Genival organizou a documentação necessária para efetuar sua inscrição, “ele (o professor Robinho) pegou a fichinha e mandou os documentos pra mim e, disse: leva isso e isso! Eu fui lá no IFPE levei os documentos, recebi a isenção e foi aceita e eu fiz a prova”, ele contou ainda com o auxílio desse professor para efetuar sua inscrição no Enem “na época também esse mesmo professor fez a inscrição pra mim do Enem aí era de graça também o Enem e como eu tava concluindo, ele fez a inscrição pra mim e eu fiz as duas provas [ENEM e IFPE]”. Genival fez a prova do IFPE e passou para o curso de Licenciatura em Física, isso fez com que seu pai repensasse a ideia de mudar para Sudeste do país:

Eu iniciei logo de cara. Aí esse professor meu [Robinho] disse que lá ganhava bolsa de estudo, foi isso que eu falei pro meu pai e meu pai disse, quem sabe a gente não se ajeita, o ano melhora, e a gente não precisa ir pra São Paulo. Eu comecei estudando, procurei o auxílio emergencial logo de cara, recebi, já foi me ajudando a pagar despesas com transporte, e despesas com outras coisas.

Faltando cerca de 4 dias para concluir o ensino médio, Genival foi contemplado com um programa do governo estadual de Pernambuco que concedia tablets aos estudantes da rede, ele ressaltava que essa aquisição foi importante para sua trajetória, inclusive, esse é o único equipamento próprio com o qual ele pode contar atualmente no curso de Medicina, “eu nunca tinha mexido em nada, tinha feito um curso básico pela caritas diocesana de Pesqueira [...] acabei fazendo o curso, mas não tinha aonde praticar, aí foi quando eu ganhei esse tablet e até hoje tô com ele”. Quando conseguiu o tablet Genival ainda não contava com acesso à internet no sítio onde morava, “eu tinha acesso à internet quando eu ia pro IFPE, aí eu levava ele [tablet] e lá fazia algumas coisas, aí depois quando eu comecei a ganhar a bolsa permanência mesmo, eu consegui comprar um modem com internet móvel [...] em 2015 eu instalei aquela internet fixa rural, como eu ganhava bolsa eu pensei: vou investir”.

A família de Genival permaneceu morando em Lage do Carrapicho, e ele deu continuidade a seus estudos cursando 6 (seis) dos 8 (oito) períodos da Licenciatura em Física

no IFPE, campus Pesqueira, no decorrer do curso de graduação, Genival conta que participou por dois anos da realização das provas do Enem, “eu fui fiscal do Enem que ganhava um trocadinho bom, fui chamado, eu digo bora”. No ano de 2014, Genival começou a trabalhar como agente de saúde numa unidade de saúde num sítio vizinho ao seu, essa experiência profissional o influenciou na escolha do curso de Medicina, “ eu comecei a trabalhar e na época tinha uma médica cubana, e ela sempre foi muito atenciosa com todo mundo, eu fui gostando da área e pensei porque não tentar”, a experiência social e a interação tanto com a médica quanto com as pessoas fizeram com que Genival despertasse o interesse pela profissão de médico:

[...] desde criança eu nunca tive o sonho de ter uma profissão. Depois foi que me falaram que eu podia ser professor, pensei no caso e por isso que acabei fazendo a licenciatura em física, mas eu acho que acabei fazendo mais por conta da facilidade do acesso, pra fazer um curso superior por conta da proximidade da cidade. Mas só que quando eu comecei a trabalhar como agente de saúde, comecei a ter contato com a área e tudo mais, eu fui me instigando.

Genival relata que no posto de saúde teve experiências socializadoras bastante significativas que o influenciaram na escolha do curso de Medicina, ele conta que a médica cubana ainda não tinha o domínio de nossa Língua, por isso ela solicitava a presença de Genival em algumas consultas para que ele fizesse a intermediação com os pacientes atendidos no posto de saúde do sítio “as vezes ela [a médica] me ensinava a fazer exame e eu fui pegando gosto pela coisa, eu ia explicando as coisas, orientando as pessoas, explicava como tomar uma medicação, pegava um estetoscópio e escutava o coração de uma pessoa, então isso foi me despertando”. A partir dessas interações, Genival vivenciando práticas de cuidados próprias do campo da saúde, segundo ele,

É uma coisa assim que acontece na zona rural é que entra um médico e com dois meses ele sai, o pessoal fica desassistido, aí tem que esperar contrato para chamar outro médico, o pessoal não tem remédio para tratar, aí eu fui vendo isso, isso foi me dando uma vontade de querer ajudar.

As experiências vividas nesse período o motivaram a fazer o vestibular para o curso de Medicina, “eu nunca quis encarar a medicina como um status, como algo de dar poder, sempre vi como uma profissão que quer ajudar as pessoas”. O principal objetivo de Genival com o curso de Medicina é de ajudar as pessoas carentes de sua comunidade ou de comunidades com as mesmas características, ajudar o outro foi sua motivação para ingressar no curso e ter em mente o quanto ele poderá ajudar pessoas depois de formado é o que o ajuda a permanecer,

Eu já entrei com a cabeça formada de que eu queria terminar e voltar pra lá e, ainda hoje eu continuo com a mesma ideia. Eu quero terminar meus estudos e voltar pra lá pro interior, mesmo que não seja no local, mas eu quero atender

no local que tenha esse problema do médico ir e voltar, eu quero ficar, eu quero voltar pra ajudar a população que mais tá precisando. Foi isso que me despertou assim e, é a vontade que eu tenho de continuar.

Nessa perspectiva, em 2014, Genival começa a se preparar para realizar o Enem no ano seguinte com o objetivo de ingressar no curso de Medicina. Ele conta que ao falar para as pessoas que objetivava tal curso superior em uma universidade pública, a maioria das pessoas não acreditavam que seria possível que ele pudesse alcançar seu objetivo, “muita gente mandava eu desistir porque eu não ia conseguir, porque eu não ia fazer cursinho, porque muita gente que fazia cursinho não passava quanto mais eu que morava na zona rural” no entanto, Genival não deu ouvidos as afirmações negativas e decidiu estudar por conta própria “eu vou calar minha boca e vou estudar, aí parei de dizer pra todo mundo que eu estava estudando pra Medicina, vou ficar no meu canto estudando e depois a gente vê”, ele afirma que criou uma metodologia de estudo para dar conta do conteúdo programático do Enem “quando eu fui ver a gama de assuntos que tinha eu não ia dar conta só, então eu formei um jeito, que eu não sei explicar direito, de aprendizado”, para se preparar para a prova Genival baixou todas as provas do Enem desde 1998 e começou a responder as questões “sei que eu cheguei a fazer mais de 100.000 (cem mil) questões, aí eu fazia elas e fazia a prova aí quando eu ia corrigir eu via as questões que eu errava aí eu anotava as questões que eu sabia o assunto e as questões que eu não sabia”, as questões que ele tinha dificuldade em responder, ele focava na revisão do conteúdo e tentava novamente.

Paralelo a preparação para o vestibular, Genival continuou estudando no IFPE “lá no curso de física eu tinha um conhecimento bem mais avançado de matemática e física, aí eu digo pelos menos uma porcentagem das questões eu já garanto, aí nisso tudo fui treinando os pontos que eu tinha mais defasagem”, tomando como ponto de partida o resultado das notas do Enem que realizou em 2012, Genival percebeu que precisava melhorar a nota da redação “eu sabia que tinha que melhorar bastante se que quisesse passar aqui em medicina, aí eu começava a toda semana tirar uma redação, toda semana uma redação”.

Ele assim o fez e conseguiu obter uma nota no Enem que lhe possibilitou a aprovação no curso de Medicina para duas universidades públicas diferentes, uma em Caruaru e a outra em Campinha Grande, “como são duas opções, primeiro passei em Campina Grande e aqui eu fiquei por duas vagas, aí fiz a matrícula lá só que com 15 dias eu vi que fui chamado pra cá, eu cancelei lá e fiz a matrícula aqui e iniciei o curso”, em suma Genival obteve aprovação em sua primeira tentativa nos processos seletivos que realizou tanto na licenciatura em Física no IFPE quanto no curso de Medicina da UFPE/CAA.

Quando questionado sobre a reação de sua família com a aprovação, o estudante ressalta que a ficha demorou a cair, e que seus pais não tinham a dimensão dessa conquista para a vida do filho, mas sentiam muito orgulho.

Eu primeiro não acreditei. A gente lá não acreditava no que tinha acontecido, meu pai, minha mãe, minha irmã a gente nem sabia, sei lá, fazer faculdade já era uma coisa tamanha, aí medicina que era uma coisa que todo mundo bloqueava, meu pai também, muita gente falou pra ele que não ia dar certo. Então foi uma coisa que a gente não acreditou, aí depois quando eu vim pra cá, comecei a estudar, aluguei um quarto e não sei o quê, foi que a gente foi caindo a ficha.

Ele destaca que sempre foi muito reservado em relação a demonstração de alegria e que o contentamento de seus pais está no fato de o ver bem e feliz, “eu, particularmente, me sinto muito feliz por ter dado uma realização pra eles”.

Na universidade, Genival diz que nos períodos iniciais do curso de Medicina sentiu dificuldade, pois considerava que não teve base suficiente no ensino fundamental e médio, ele faz uma comparação entre a sua formação e a de seus colegas de curso que estudaram em escola particular.

O pessoal que estuda comigo já tinha visto sistema circulatório, respiratório e nervoso no ensino médio, e eu não tinha conhecimento de nada, acabei pegando do zero, foram momentos que eu tive que me desdobrar realmente, foi mais intenso de estudos, mas graças a Deus eu consegui passar, não precisei fazer prova final, nem recuperação, nem nada não. Mas foram os mais difíceis, necessidade de mais engajamento.

Ele ressalta que apesar da necessidade de se desdobrar para dar conta das demandas dos professores da universidade, continua levando tudo com naturalidade e buscando dar o seu melhor sempre “até hoje eu levo a faculdade nesse mesmo sentido, de não ter aquela cobrança de me autocobrar, eu digo: não, eu vou dar o meu melhor e vamos seguir o caminho, o que for aparecendo eu vou fazendo”. Genival conta que usa o tablet que ganhou do governo do estado de Pernambuco em 2012 para baixar os livros da internet e estudar, “isso porque um livro de medicina custa 500, 600 reais eu não tinha condições de comprar não”.

Como eu já fazia curso superior eu tinha o conhecimento dos livros em PDF, então, quando começou eu sempre procurava o pessoal e perguntava: vai estudar por qual livro? Aí eu ia e pesquisava na internet livro tal em PDF, aí ia baixando e guardava e como era mais prático porque por exemplo, tinha livro lá que é 1.200 páginas é bem mais fácil eu transportar 15, 20 livros no pendrive e usar no computador do que eu transportar aquele peso todo. Eu já era adaptado a estudar pelo computador mesmo, aí não tive dificuldade não.

Sobre a sua relação com os estudantes do curso, Genival considera que no curso existe um certo individualismo e uma competitividade entre os estudantes, ele conta que em alguns

momentos precisou pedir alguns livros emprestados a colegas de turma e sua solicitação foi negada, “foi complicado, eu me virava com o que dava, tinha uma pessoa ou outra que era amigo e ajudava, mas a grande maioria é individualista, infelizmente”.

Quanto a relação com os professores na universidade, Genival conta que tem uma relação muito boa, ressaltando que o método de ensino do curso possibilita um contato maior entre estudante e professor, uma vez que o curso funciona na forma de tutorias

Uma coisa que eu acho bem diferente do curso tradicional pra o curso aqui de Medicina é a proximidade com o professor: ela é maior, então, até pra tirar dúvida, tem um professor lá que a gente chama de tutor, é bem mais íntima, bem mais próxima, então, pra tirar uma dúvida, pra lhe corrigir de uma fala errada, ou de um erro que talvez você cometesse, ele vai vim de uma forma bem mais adequada não tem aquela rigorosidade de um professor tradicional, eu encarava muito isso na licenciatura em física.

Ele ainda fala sobre a perspectiva de formação do curso que consiste numa formação humanizada e tem o objetivo de formar profissionais para atuar no interior, em relação as expectativas profissionais, Genival explica que ingressou no curso de Medicina com o pensamento de se formar e retornar para Alagoinha e exercer a profissão de médico, “eu quero terminar meus estudos e voltar para o interior, eu quero voltar pra ajudar a população que mais tá precisando”. Genival teve a oportunidade de participar de atividades de monitoria e de projetos de extensão na sua experiência como estudante universitário.

Para permanecer na universidade Genival conta com o auxílio financeiro concedido aos estudantes provenientes de família economicamente desfavorecida, o valor recebido possibilita o pagamento de parte das despesas com aluguel, transporte e alimentação. Além disso Genival vende doce de leite na universidade como forma de complementar sua renda mensal e ter condições de arcar com outras despesas do curso superior, quando “sobra” dinheiro ele ainda ajuda financeiramente a sua família.

Essa renda extra também já me ajuda a pagar , por exemplo, comprar um jaleco, comprar um estetoscópio, uns aparelhos que eu também vou precisar, por exemplo, agora vou entrar no internato, vou ter que comprar uns materiais, também já estou juntando um dinheiro dessas minhas vendas para comprar uma coisa que vai me ajudar quando eu tiver em atividade prática.

Os doces são produzidos em Alagoinha por sua madrinha de batismo, sempre que retorna a Lage do Carrapicho Genival traz os doces de leite para Caruaru, os quais são vendidos nos dias de aula. Vale ressaltar que, atualmente, Genival tem suas aulas no polo comercial, onde está instalado o curso de Medicina, porém ele realiza suas refeições no restaurante universitário do CAA, desse modo, a comercialização dos doces ocorre nesses dois espaços.

4.6 Violeta

A primeira entrevista com Violeta aconteceu, no horário da manhã, em dois espaços distintos, começamos a nossa conversa no auditório do curso de Medicina, no qual ficamos cerca de 25 minutos, no entanto, haveria uma atividade nesse espaço, diante disso, fomos para um banco de praça que fica dentro do Polo Comercial de Caruaru, onde demos continuidade a nossa entrevista, Violeta demonstrou ser uma pessoa bastante comunicativa, ela respondeu às perguntas de forma detalhada abordando os aspectos de sua vida escolar e familiar, sem dificuldade, o primeiro encontro teve duração de cerca de 1h. A segunda entrevista ocorreu em uma sala de estudo do curso, no final da tarde, após uma de suas atividades em um hospital da cidade de Caruaru, Violeta segurava em sua mão um jaleco, nossa segunda interação durou aproximadamente 30 minutos.

Violeta, 23 anos, parda, está no 8º período do curso de Medicina. Natural da cidade de Caruaru-PE, mora no primeiro distrito, área rural do município, com seu pai Nildo, 53 anos, agricultor que cursou até a 4ª série do ensino fundamental, e sua mãe Aparecida, 46 anos, dona de casa que também estudou até a 4ª série. Violeta é a filha primogênita do casal, o segundo filho Pedro, atualmente mora na cidade de João Pessoa-PB, e está cursando o 5º período de Filosofia na Universidade Federal da Paraíba.

Proveniente de família cuja renda mensal é de aproximadamente dois salários mínimos, Violeta conta que seus pais são de origem rural, seu pai ainda jovem trabalhou como servente de pedreiro, algum tempo depois, conseguiu um emprego numa loja de material de construção, na qual trabalhou como carregador, passou para auxiliar de vendas e depois vendedor, em 2016 o dono da loja decretou falência e seu pai ficou desempregado. Atualmente, Nildo produz e vende material de limpeza e trabalha na agricultura como forma de complementar a renda da família. Sua mãe Aparecida aos 15 anos de idade foi morar em Maceió para trabalhar como babá, retornou a Pernambuco e trabalhou como balconista, atualmente ela é dona de casa.

Violeta explica que quando seus pais casaram e ela nasceu, eles moravam na área urbana da cidade de Caruaru, quando ela tinha 9 anos seus pais decidiram mudar para a área rural porque o seu irmão vivia doente, “o médico falou que o melhor era a gente ficar no local que fosse com um ar mais puro, mais aberto e a gente foi morar lá (no primeiro distrito)”, aos poucos o seu irmão melhorou dos problemas de saúde e sua família continuou morando na área rural. Essas mudanças de local de residência devido aos problemas respiratórios de seu irmão

trouxeram implicações para a vida escolar de Violeta, que mudou algumas vezes de escola ao longo de sua trajetória, certamente favoreceu a criação de algumas disposições como capacidade de adaptação, criação de autonomia e gosto para aprender.

Sobre a relação com seus pais, Violeta afirma que sempre teve uma relação muito boa, “a gente nunca teve nenhuma briga, nenhum problema e com a minha mãe eu sou muito apegada, mas com meu pai, meu deus do céu, a gente é um só”. O relato de violeta apresenta um universo familiar permeado de relações e interações afetuosas. Essas relações apoiadas em afetos positivos certamente foram importantes para que violeta pudesse se afirmar na vida como alguém determinada, pois seus pais sempre foram suporte para ela e o irmão tanto no que diz respeito ao acompanhamento da escolarização e da rotina escolar, quanto em outros âmbitos de suas vidas, as mudanças de residência pela qual a família passou devido ao estado de saúde de Pedro revelam relações familiares de muita afetividade, solidariedade, zelo e cuidados na família. Os pais percebiam que a menina levava jeito com os estudos e a incentivavam “aí como eles sempre notaram: essa menina tem algo diferente, e eles tinham uma escolaridade baixa né, aí eles nunca sabiam muito o que fazer comigo e então eles me deixavam livre, então a gente sempre teve uma relação muito boa”.

Na família de Violeta, observamos ainda a presença de práticas ancoradas num gosto e prazer mobilizados pela música, ela relata que seu pai sempre gostou de cantar e que por isso a música sempre está presente entre eles, o repertório de músicas envolve cantores como Zezé de Camargo e Luciano, Leonardo, Kid Abelha, Djavan, dentre outros, “ele tocava violão e a gente cantava, eu, minha mãe e meu irmão, a gente não convidava ninguém, era só a gente mesmo”, percebemos a música possibilidade para encontros que reafirmam laços entre Violeta, seus pais e irmão. “Eles sempre estão cuidando de mim, e a gente sempre teve uma relação muito boa e continua até hoje, também com meu irmão, aí acaba que também fecha muito pra outras pessoas, chega gente lá a gente começa a rir do nada e ninguém sabe por quê: é piada interna...”

Em seu relato percebemos a influência do seu pai sobre ela, “por causa dele todo mundo lá em casa gosta de cantar e de técnica musical”, a esse respeito, cabe ressaltar que o seu pai toca diversos instrumentos musicais como violão, baixo, guitarra, triângulo, dentre outros, Violeta e o irmão não tocam nenhum instrumento. Por incentivo do seu pai ela desenvolveu a habilidade de cantar, “[...] eu gosto muito de cantar na igreja, os instrumentos larguei todos porque não tinha muita paciência para aprender, embora o meu pai tenha tentado me ensinar”. Violeta destaca que desenvolveu um gosto musical incomum para sua idade, “eu também gosto muito dessa parte tradicional, e aí eu acho que eu tenho problema porque eu não gosto do que

todo mundo gosta”, como exemplo ela cita que não gosta de sertanejo universitário e prefere ouvir rock e “gosto de ópera também, gosto muito de música instrumental a mais clássica mesmo”, ela também gosta de cinema, dentre seus filmes preferidos estão: O Poderoso Chefão, E o Vento Levou e Harry Potter, “eu gosto muito de Harry Potter, não é exatamente uma obra prima do cinema, mas eu amo Harry Potter eu gostou muito desses filmes mais cultos, tipo, o poderoso chefão eu recomendo pra todo mundo, muito bom a trilogia inteira”.

Violeta frequenta junto com a sua família a igreja Católica no primeiro distrito e participa ativamente das atividades da comunidade religiosa a qual faz parte. É na sua fé católica que Violeta encontra forças para enfrentar as adversidades do dia-a-dia, “a religião dá uma outra dimensão pra gente, a gente consegue imaginar um motivo por trás de um sofrimento [...] eu acho que é a melhor coisa da minha vida, minha fé, minha igreja”.

Identificamos também a presença de práticas familiares de incentivo à leitura, o pai apesar de não ter o hábito de ler, frequentemente ganhava revistas sobre material de construção e as levava para a Violeta, desse modo, ele a incentivava a ler. A mãe, habitualmente lia a bíblia e sempre incentivou Violeta a praticar a leitura. Aparecida costumava contar histórias para seus filhos, “tinha a história do Sapo que virava príncipe, da Menina que tinha uma estrela na testa, história de Pedro Malazarte, Luiz Camões”, dentre outras, algumas dessas histórias são de origem portuguesa, Violeta explica que sua avó materna tinha descendência portuguesa e costumava contar tais histórias para Aparecida, esta por sua vez contava aos filhos, “ela (a mãe) conhecia muitas histórias e contava todas para gente e eu achava aquilo muito legal, e ela dizia: eu sei essas, mas tem livro que tem mais”.

Outro aspecto importante presente na vida familiar de Violeta foi o uso informal da escrita, cotidianamente, pai e mãe incentivavam a filha a escrever cartas e bilhetes para pessoas da família (mãe, pai, irmão, primos etc.), “sempre que eu dizia mãe quero deixar um recado, então ela dizia: escreva você”, tal prática familiar também reflete positivamente no contexto escolar, haja vista dominar a leitura e a escrita são habilidades importantes no processo de apropriação dos saberes escolares.

A primeira sala de aula frequentada por Violeta foi numa instituição de ensino próxima a sua casa, na área urbana de Caruaru, onde permaneceu dos quatro até os seis anos de idade, foi nessa escola que ela foi alfabetizada. Violeta conta que ganhou a sua primeira revista de seu pai, trazida da loja de material de construção em que trabalhava, tratava-se de uma Revista Exame com a temática voltada para empreendedorismo, ela explica que durante o seu processo de alfabetização aprendia as letras do alfabeto com sua professora na escola e ao chegar em sua

casa abria a referida revista para procurar as letras que havia aprendido, foi realizando esse movimento que Violeta aprendeu a ler as primeiras palavras. É possível perceber que o hábito de ler foi sendo incorporado precocemente por Violeta e seus pais contribuíram no processo de constituição dessa disposição favorecedora da aprendizagem escolar:

[...] meus pais sempre compravam livros para mim, eu sempre tive muito livro em casa, se me perguntassem você quer boneca ou livro, eu queria livros, tinha coleções de livros infantis, estão guardadas até hoje...

De início (com cerca de 4 anos) Violeta se contentava com as revistas trazidas pelo pai da loja em que trabalhava, a partir dos 6 anos ela passou a pedir aos pais livros de presente, “conforme eu ia pedindo eles iam sempre juntando algum dinheiro e comprando pra mim, eram livros pequenos, mas eles sempre me incentivavam”, esses livros eram basicamente de histórias de princesas e tinham poucas páginas, “só que a partir de 10 anos a literatura infantil não me satisfazia mais, aí eu passei pra infanto-juvenil, acho que com 14 anos eu tava lendo literatura adulta”, para acessar esses livros de literatura infanto-juvenil e adulta, Violeta contava com os acervos das bibliotecas municipal e escolar, “aí eu fui para as bibliotecas e comprar também. Só que comprar eu já era quase adulta”. Com todo o suporte e incentivo dos pais, Violeta desenvolveu uma forte disposição à leitura, a qual foi sendo atualizada constantemente ao longo de sua escolaridade.

Nos primeiros anos de sua escolaridade, Violeta e sua família moravam no bairro Santa Rosa, próximo ao centro de Caruaru, onde se respirava um ar poluído por conta da circulação de veículos. Conforme já mencionamos, nesse período o seu irmão vivia doente, com problemas respiratórios e o médico que o atendeu sugeriu que a família de Violeta procurasse morar num local onde o ar fosse um pouco mais puro, sem tanta poluição. Diante disso a sua família mudou para o bairro do Inocoop, um pouco mais afastado do centro urbano, com a mudança seus pais buscaram matricular a filha na 1ª série do ensino fundamental, em uma outra escola da rede pública, porém a instituição de ensino informou aos pais de Violeta que não poderia matricular a estudante na série desejada por conta de sua idade (Violeta tinha 6 anos) e sugeriu que os pais a matriculassem em uma das turmas de alfabetização, no entanto, ela já havia sido alfabetizada na escola anterior.

Aí foi quando eu me mudei pro Inocoop, só que como a gente não dava pra mudar para um colégio particular porque a renda não permitia, ainda por cima eram dois filhos, e nessa época minha mãe deixou de trabalhar ficou só meu pai. E o colégio público não pegava ainda, aí eu fiquei de 6 até 7 anos sem estudar, até pegava só que era alfabetização, mas eu já sabia ler e escrever perfeitamente aí não tinha necessidade

Diante da impossibilidade de matricular a filha na 1ª série, Aparecida resolveu não realizar a matrícula na escola, “minha mãe me deixou em casa e ela ensinava a mim e a meu irmão”. Apesar da pouca escolaridade, Aparecida desenvolveu uma prática educativa, uma vez que ensinava os filhos a ler e a escrever em casa, “aí a gente aprendia com ela pelo pouco que ela sabia, mas ela conseguia ajudar a gente a escrever direitinho”, inclusive, Pedro foi alfabetizado por ela e por Violeta, assim, quando entrou na escola Pedro já havia aprendido a ler e a escrever. Violeta ressalta que sempre que possível a mãe tentava elaborar atividades mais “complexas”, “mas como ela só foi até 4ª série também não dava pra fazer muita coisa aí ela sempre dava textos pra gente ler das revistinhas [...] e pro meu irmão ela dava uns caderninhos pra ele escrever”, eram momentos do dia que Violeta gostava bastante, segundo ela, sua mãe sempre teve muita paciência para ensinar.

Aos sete anos, Violeta foi novamente matriculada numa escola da rede municipal, onde cursou a 1ª e 2ª série do ensino fundamental, na sala de aula da turma da 1ª série apenas ela e outro estudante sabiam ler e escrever, por um lado, esse retorno à escola foi complicado porque enquanto a professora ensinava as outras crianças a ler e a escrever, Violeta deixava de avançar no aprendizado, por outro lado, isso a favoreceu pois a docente ao perceber que a estudante estava sendo prejudicada na aprendizagem, começou a propor atividades complementares, “ela (a professora) acabava passando uns deveres a mais para gente não ficar ocioso”, desse modo, Violeta relata que sempre estava um pouco mais adiantada em relação aos demais alunos de sua turma, inclusive, havia um concurso para escolher os melhores alunos da escola e ela ganhou por dois anos, “todo mundo dizia que eu era uma excelente aluna”. Ela conta que além das atividades complementares a professora ocupava o seu tempo em sala de aula colocando-a como monitora para auxiliar os demais colegas nas atividades, “então vamos pegar o seu tempo ocioso e vamos ajudar Gislaine aí eu sentava junto com Gislaine e a ensinava a escrever direito [...] ficava insistindo até que no final do ano ela conseguiu passar”.

Mais uma vez os livros ganham destaque na narrativa de Violeta, “toda quinta-feira era a quinta da leitura eu chegava pra ela (a professora) e dizia, mas a gente só vai ler um? Mas é tão pequeno! Um só? Aí ela acabava me dando outros livros pra eu levar pra casa”, nessa época suas autoras preferidas eram Ruth Rocha e Ana Maria Machado.

Acreditamos que as práticas de incentivo à leitura e a escrita no seio da família de Violeta refletiram significativamente em seu desempenho escolar, apesar de ter passado um ano em casa, sem acesso à escola devido a idade e a mudança de bairro, ela não se prejudicou em relação a sua escolaridade pois sua mãe estabeleceu horários de estudos para ela e seu irmão e

mesmo com a pouca escolaridade conseguiu manter um modo escolar de aprendizagem na rotina de Violeta, “ela ficava dando algumas tarefinhas pra gente, e assim era mais brincar do que aulas sabe, a gente tinha minutos de aula”, o que contribuiu para que a menina mantivesse o ritmo de aprendizagem e se destacasse em relação aos demais colegas. Sua desenvoltura escolar fez com que a sua professora da 2ª série procurasse a direção da escola para ver a possibilidade de transferir Violeta para uma série mais avançada, pois a estudante dava conta das atividades com muita facilidade, porém, não foi possível atender a solicitação da professora por conta da idade da menina e Violeta terminou o ano letivo na mesma turma.

Como a mudança de bairro, mencionada anteriormente, não foi suficiente para que o seu irmão melhorasse dos problemas de saúde, seus pais decidiram mudar para a área rural da cidade, mais uma vez o problema de saúde do irmão trouxe implicações para a vida escolar de Violeta que já estava adaptada a antiga escola, inclusive se destacando, e mudar para uma escola diferente com uma nova configuração e organização das turmas. Na escola do campo, Violeta cursou a 3ª e 4ª série do ensino fundamental em turmas multisseriadas, isso “era horrível porque a professora passava dever para todo mundo junto assim, e pra mim era uma coisa que eu já tinha visto na 2ª série, por exemplo”, no entanto, Violeta entendia que a professora não dava conta de atender individualmente os estudantes que eram muitos e estavam em diferentes níveis de aprendizagem, “não dava pra fazer deveres adicionais comigo porque ela (a professora) não tinha tempo pra isso”, diante dessa situação, a estudante desenvolveu o hábito de estudar sozinha os conteúdos escolares, “aí acabava que eu já pegava muitos livros da 4ª série e fazia sozinha”, Violeta conta que teve a oportunidade de acessar algumas poucas vezes uma biblioteca municipal e conseguiu fazer cópias de livros para estudar em casa, percebemos aqui a constituição de uma disposição a autonomia e iniciativa a aprendizagem. Esse esforço de Violeta não passa despercebido a sua professora que a incentiva a continuar através de conselhos e palavras de apoio.

[...]do jeito dela, ela conseguia também incentivar a gente, ela sempre me dizia que não me via como dona de casa, embora fosse a realidade de todo mundo lá praticamente, hoje eu acho que juntando todo mundo da 3ª e 4ª série dá umas três creches porque todo mundo foi pra esse rumo, e ela sempre via que eu conseguiria mais, não dava pra fazer coisas adicionais comigo porque ela não tinha tempo pra isso. Ela não tinha ensino superior, tava fazendo ainda...

A partir da 5ª série, Violeta voltou a estudar numa escola da área urbana, pois a escola do campo só ofertava até a 4ª série, o fato de morar no campo implicou em mais uma mudança de escola, isso nos revela uma disposição a adaptação por parte de Violeta, pois, em nenhum

momento em sua narrativa ela destaca dificuldades em se adaptar a diferentes contextos escolares, ao longo de sua escolarização ela estudou em 5 diferentes escolas.

O percurso até a escola da cidade era feito de ônibus e durava aproximadamente uma hora e meia, “eu saía de casa as onze e trinta e chegava de treze horas, as vezes chegava atrasada”, além da distância, a escola não possuía uma estrutura adequada as atividades de ensino “e lá não tinha biblioteca e era horrível isso”, foram momentos difíceis em sua trajetória escolar, apesar disso, ela ressalta que teve bons professores, sobretudo, de Português e Matemática. Desse modo, Violeta frequentou assiduamente a escola até a conclusão do ensino fundamental, a partir da 6ª série as coisas começaram a melhorar, com a mudança da gestão municipal realizaram uma reforma na escola e para alegria de Violeta abriram a biblioteca, “isso foi a melhor coisa da vida, eu passava mais tempo na biblioteca do que na sala”, foi nesse período que ela teve o primeiro contato com as obras do escritor Mario Quintana, Violeta o considera, “o melhor escritor de todos os tempos”, ela afirma que leu bastante as obras do autor e que a literatura sempre foi sua paixão.

Lembro até o livro, o livro era “o espelho mágico”, foi o primeiro livro dele que eu peguei. Eu gostei do título, fui ler e achei maravilhoso [...] aí eu acabei pegando outros livros dele me apaixonei por “Caderno H”, uma ironia que é assim uma coisa maravilhosa pra você ler, muito fino, mas muito irônico, e coisas mais do dia-a-dia mesmo eu acho que ele é minha alma gêmea, por isso que eu não caso mais.

Até a 6ª série, Violeta tinha acessado uma biblioteca municipal apenas duas vezes, com a abertura de uma biblioteca em sua escola ela pôde frequentar esse espaço diariamente e ter acesso a livros cujo os quais seus pais não poderiam comprar o que ampliou significativamente as possibilidades de acesso a diferentes livros de literatura infanto-juvenil e adulta, reforçando ainda mais sua disposição a leitura.

Ainda na 6ª série, Violeta interessou-se por disciplinas como Matemática, História e Artes, e pensava em fazer Faculdade de Arquitetura. Adaptada à rotina escolar, ela afirma que passou a se relacionar melhor com os demais estudantes da escola, “na 7ª série eu conheci várias pessoas, que inclusive trago até hoje”, desse grupo de pessoas tem uma amiga formada em Química, e outros formados em Administração, porém ela aponta que é a única que ingressou em Medicina. A relação com os colegas só entrava em conflito nas atividades em grupo, pois, Violeta costumava tomar o controle da situação com a intenção, segundo ela, de garantir o bom andamento do trabalho, “eu gostava muito de mandar, trabalho em grupo: você vai fazer o que eu quero! Enfim o trabalho era meu praticamente e as pessoas colaboravam com o que eu

queria”, ela afirma que sempre queria liderar o grupo, não com o objetivo de fazer os trabalhos sozinha, mas, como forma de mobilizar todos a contribuírem, percebemos nessas situações uma disposição a liderança “eu percebia que quando eu não tomava a frente ninguém fazia nada, aí eu acabava puxando todo mundo”.

O relato de Violeta é constituído de detalhes sobre o papel dos professores no seu processo de escolarização básica, ela conta que na 8ª série havia um docente que a incentivava a participar de concursos de redação e matemática, “ele (o professor) sempre me incentivou a ficar participando dessas coisas”, Violeta resume o seu desempenho escolar no ensino fundamental da seguinte forma: “eu fazia o que eles me mandavam e fazia muito bem, eu acho que conseguia coisas a mais realmente, e conseguia buscar por mim mesma”.

Na mudança da 7ª para a 8ª série a escola adotou o ensino fundamental de 9 anos, tal mudança gerou uma confusão na matrícula de Violeta, que foi transferida para o 1º ano do Ensino Médio em uma escola estadual.

deu um problema na matrícula eu acabei indo ir assistir aula no 1º ano do ensino médio durante duas semanas, porque pra eles 8º série já tinha sido 9º ano e eles acabaram me colocando no 1º sem querer, eu não avisei porque eu achei que conseguiria terminar mais cedo, só que descobriram e me voltaram.

Com o equívoco solucionado Violeta foi estudar em outra turma, diferente da qual havia estudado até então, ela destaca que na 8ª série a organização das turmas era algo que a incomodava profundamente, “sempre falam que os últimos anos são os piores e nesse local, eles me colocaram na 8º série D, era a última 8º série, e eles colocavam os estudantes da zona rural junto com os estudantes que vinham de áreas mais periféricas, eu achava discriminação mesmo”, de acordo com ela era uma turma muito barulhenta e com estudantes pouco comprometidos, “era muito ruim, você demorar uma 1h e meia pra chegar na escola, isso era horrível, eu não aprendia nada”.

Violeta conta que na 7ª série, ainda na escola municipal, ela ganhou manuais de redação e de gramática, “eu amava aquilo, eu acho que eu aprendi mais com aqueles manuaizinhos do que com a minha professora da 8º série, embora ela se esforçasse pra caramba, mas a turma realmente não ajudava de jeito nenhum”, mais uma vez, o esforço da estudante foi notado pela professora, “ela não conseguia fazer muita coisa, mas ela me falava: continua, vai estudando isso é ótimo, desse jeito você vai conseguir ser chefe de todo mundo aqui da sua sala, e eu achava isso maravilhoso”. Foi nessa época que ela fez amizade com uma bibliotecária chamada Vilma que a ajudava com as atividades de português e permitia o acesso de Violeta a diferentes

materiais da biblioteca “na 8º série terminou que eu estudei literatura dos 3 anos, do 1º, 2º e 3º. E foi maravilhoso [...] Eu escrevia bastante e ela (Vilma) corrigia, levava pra associação caruaruense de letras, era muito bom, saudades de Vilma”.

Insatisfeita com a turma na qual cursou a 8ª série no turno da tarde, Violeta pede a sua mãe que a matricule no turno da manhã, essa mudança de turno foi vantajosa para a estudante, não só pela mudança de turma em si, mas também pelo transporte, pois, o ônibus da manhã fazia um percurso mais curto e conseqüentemente reduzia o tempo de estrada de Violeta para chegar a escola:

Eu levava cerca de meia hora pra chegar no colégio. O ônibus sempre ia muito cheio, mas eu conseguia ir e ia sentada, aí eu conseguia ler no ônibus, nessa época foi o momento que eu devorava mais os livros e, enfim, eu acho que eu lia cerca de 2 livros por semana, e não eram livros finos, eram livros bem grossos.

Violeta concluiu o ensino fundamental em 2010, cursou o ensino médio numa escola da rede estadual, também localizada na área urbana de Caruaru, no primeiro ano do ensino médio a leitura de livros era uma prática habitual para ela, a frequência regular a biblioteca da escola fez com Violeta se tornasse conhecida entre as bibliotecárias, “inclusive a regra era levar só um livro, e eu levava três ou quatro porque elas (as bibliotecárias) sabiam que um não ia ser suficiente para mim nas férias”, em seu relato, Violeta ressalta a relevância dessas pessoas em seu processo de formação intelectual.

No ensino médio, Violeta também teve bons professores, sobretudo de Química, Física e Matemática, “os professores eram maravilhosos”, ela explica que estudava em casa os conteúdos das três disciplinas mencionadas por conta própria antes de chegar no ensino médio, porém não conseguia entender alguns assuntos, quando começou a estudar tais disciplinas na escola pôde contar com a ajuda e mediação dos professores e conseguiu aprender mais sobre tais matérias, destacando a atuação desses profissionais nos processos de ensino e aprendizagem. No segundo ano, Violeta ainda pensava em fazer Faculdade de Arquitetura, no entanto, a falta de habilidade para desenhar fez com que ela desistisse de buscar o objetivo de ingressar no referido curso, “embora eu tenha feito alguns cursos, tentando de todas as formas, as minhas mãos não me obedecem, não tinha muito bem esse talento”, diante disso, ela pensou em outras possibilidades de formação de nível superior, por influência de seu professor de Sociologia, Violeta se interessou em fazer o curso de Direito, fez pesquisas sobre essa área de formação, viu quanto ganhava um juiz(a), leu livros que conseguiu baixar da internet, porém, chegou à seguinte conclusão, “não era exatamente o que eu queria fazer na minha vida”.

Diante disso, pensou em desistir de buscar uma formação de nível superior, “não vou fazer faculdade nenhuma, quando terminar (o ensino médio), vou trabalhar”, no entanto, esse pensamento logo mudou, pois, segundo Violeta, “sempre gostei muito de estudar e eu queria ter dinheiro, e uma situação melhor”, por isso, ela buscou alternativas para sua emancipação cultural e social, para isso contou com a ajuda de Patrícia, uma amiga do ensino médio, Patrícia queria fazer o curso de Medicina e conversou com Violeta sobre suas pretensões, “aí eu pensei, acho que vou tentar também”, por influência de Patrícia, Violeta pensou na possibilidade de ingressar no ensino superior, na área de saúde.

Na metade do segundo ano do Ensino Médio, Violeta fez um estágio no banco do Nordeste influenciada pela ideia de fazer o curso de Direito, “eu fui para esse estágio, que eu queria fazer direito econômico e achava que seria uma coisa legal, no banco”, assim Violeta trabalhou 1 (um) ano e dois meses na referida instituição bancária, porém essa experiência profissional fez com que ela desistisse definitivamente da ideia de fazer um curso superior na área do Direito, “a gente tinha que trabalhar com metas, e eu nunca fui muito boa com esse negócio as pessoas me olhando, e também nunca fui muito boa com público”, apesar disso, Violeta relata que o retorno econômico a possibilitou arcar com despesas imediatas e futuras como, por exemplo, quando precisou comprar material para estudar, já no ensino superior.

Para conciliar trabalho e estudo, Violeta teve que se adaptar a uma rotina intensa de atividades diárias, no horário da manhã estava na escola realizando as atividades escolares solicitadas pelos professores, no horário da tarde realizava as atividades do estágio no banco, “ficava até muito tarde lá (no banco), aí eu madrugava, as vezes minha mãe chegava na cozinha três horas da manhã e eu estava estudando”, nos finais de semana a estudante fazia um cursinho pré-vestibular, o “Superação”, promovido pela UFPE, no campus da universidade em Caruaru, para Violeta essa experiência foi importante para conhecer a universidade e as diferentes formas de ingresso no ensino superior,

“eu não sabia nada sobre o ensino superior, eu não sabia o que era FIES, PROUNI o que era ENEM, e lá (no pré-vestibular Superação) eu consegui aprender não só a parte mais teórica de assuntos, de exercícios que eu conseguiria fazer em casa sozinha, mas esse ponto aí realmente foi muito importante”.

Ela conta que tomou conhecimento da existência do cursinho “Superação” através da divulgação na escola, mas de imediato não pensou em se inscrever pois estava conciliando o trabalho no banco com a escola e um curso de informática, além do fato de morar na área rural e o cursinho acontecer aos sábados quando não há o transporte escolar cedido pelo prefeitura,

“eu falei com o professor Toni, ah professor é porque eu moro muito longe e não dá, ele falou: não interessa você pode morar no inferno, mas você vai fazer esse cursinho porque vai ser importante pra você”, motivada pelo professor ela realizou a inscrição no cursinho e ficou aguardando a confirmação da vaga, pois eram bem limitadas, “fui dar uma olhadinha como era a UFPE fiquei encantada porque eu nunca tinha ido numa universidade, aí fiz a inscrição”. Foi durante as aulas do cursinho que Violeta conheceu uma ex-aluna de escola pública, chamada Rafaela, que havia sido recentemente aprovada no vestibular de medicina, como só iniciaria suas aulas no semestre seguinte Rafaela ajudava no Superação e foi uma grande motivação para Violeta “eu pensei: poxa se ela conseguiu eu também consigo era a nossa estrela a minha e a de Patrícia [...] ela ficou 6 meses indo lá (no curso Superação) pra ajudar a gente ela incentivava dizendo: vamos lá gente! Foi uma pessoa que me incentivou”.

Nesse período ela ainda estava concluindo um curso de informática. Com todos esses compromissos, Violeta não conseguiu manter o mesmo desempenho escolar dos anos anteriores:

[...] como eu falei no ensino médio, nos últimos dois anos deu uma defasada em algumas notas, eu sempre fui a primeira da sala... No ensino médio eu colocaria de bom para regular, no início no primeiro ano bom e nos outros dois anos regular.

Foi um período marcado por renúncias, para conseguir dar conta de todos os compromissos que havia assumido, Violeta se afastou um pouco das atividades na igreja, cortou momentos de lazer com amigos e familiares, e passou a ter poucas horas de sono, “diversão era zero, festa com família era zero, e sono também era pouco, era assim que eu conseguia manter os quatro”, percebemos nessas diferentes situações a disposição ao asceticismo e a disposição a realização de diferentes tarefas ao mesmo tempo.

Após a conclusão do ensino médio, Violeta não tinha certeza da profissão a qual queria seguir, motivada pela amiga Patrícia ela decide prestar vestibular para Medicina, “mas era assim uma coisa muito frouxa, acabou que chegou o final do 3º ano e eu não sabia muito bem o que é que eu queria, testei. Foi o último vestibular físico que a UFPE teve, não passei, a nota foi horrível [...] eu não fiquei triste porque não tinha me preparado muito para aquilo”, ela prestou também o vestibular para o curso de Engenharia Mecânica no IFPE e foi aprovada, a escolha por esse curso foi motivada pela aproximação da estudante com as disciplinas Química, Física e Matemática ao longo do Ensino Médio.

No IFPE, a estudante permaneceu apenas uma semana, pois não se identificou com o curso, Violeta conta que nos primeiros dias como estudante do curso de Engenharia Mecânica teve uma aula prática, na qual foi ensinado como funciona o motor de um automóvel:

[...] eu sempre detestei oficina, cheiro de combustível, não sei o que eu fui fazer lá não, enfim, a primeira coisa que eles fizeram foi ligar aquele motor, aquele cheiro de diesel pelo ar, já estava começando a desmaiar, fui a primeira a sair dessa aula...

Então, Violeta resolveu desistir do curso de Engenharia Mecânica do IFPE, “meus pais ficaram um pouco tristes porque eu era a primeira pessoa a entrar no ensino superior”, no entanto, os pais de Violeta respeitaram a decisão da filha bem como a apoiaram a tentar mais uma vez ingressar no curso de Medicina, “fiquei em casa só estudando, eles não me forçaram a trabalhar”, diante dessa situação favorável aos estudos, violeta pôde se preparar melhor para tentar, pela segunda vez, ingressar no curso de Medicina, a estudante conta que teve aproximadamente 1 (um) ano de preparação, para isso, estabeleceu horários de estudo diário, pela manhã ajudava sua mãe nas atividades domésticas, fazia leituras deleite de livros e praticava a escrita de redações, a tarde se dedicava integralmente a estudar conteúdos de Física, Química, Biologia, dentre outros, vale ressaltar que a UFPE já havia adotado o Enem/Sisu como forma de selecionar os estudante de graduação, desse modo, Violeta fez a prova do Enem e colocou Medicina na UFPE como sua primeira opção no vestibular, no entanto, não conseguiu aprovação

Aí acabou que de outra vez eu acabei não passando pra Medicina, dessa vez foi horrível porque eu achava que tinha estudado o suficiente e que merecia passar. Aí foi muito ruim, aí pensei: meu Deus o que é que eu vou fazer agora da minha vida? Porque não dá pra passar outro ano em casa estudando né, e o que é que eu vou dizer pra minha família? Que eu vou passar o resto da minha vida sem passar em nada. Aí eu coloquei Engenharia Civil, já tinha colocado uma exata, já tinha visto que não deu certo, e o que é que a pessoa faz: repete exatas, coloquei Engenharia Civil

No curso de Engenharia Civil, Violeta teve aula da disciplina de Materiais de Construção e lembra que tinha familiaridade com o assunto, pois o seu pai durante muito tempo trabalhou na construção civil e na loja de materiais de construção, além disso a estudante vislumbrava a possibilidade de fazer uma especialização ligada a área de Arquitetura, seu primeiro curso de interesse quando ainda estava na 6ª série, até que: “chegaram as aulas de desenho, e eu não era exatamente muito boa, e as aulas de cálculo, eu era péssima”, no primeiro período do curso ela reprovou praticamente todas as disciplinas “terminou que em Cálculo eu não passei, em física eu não passei, em química eu não passei, em desenho eu passei, mas foi na final”, todas essas dificuldades começaram a desestabilizar Violeta “era uma coisa

totalmente desnecessária”. Sendo assim, no segundo semestre ela resolveu usar sua nota do Enem para tentar ingressar no curso de Direito de uma instituição de ensino superior privada, foi aprovada, porém, não realizou a matrícula, mesmo desestimulada continuou fazendo o curso de Engenharia Civil na UFPE e decidiu que tentaria mais uma vez passar no vestibular de Medicina:

Eu ficava estudando mais ou menos pro vestibular e mais ou menos pra faculdade, e quando chegou o dia do Enem eu falei: meu Deus eu vou fazer o quê lá, se eu não estudei, se das vezes que eu estudei eu não passei, o que vou fazer se não estudei.

Ela declara que se matriculou em poucas disciplinas de Engenharia no segundo período, pois tinha medo de reprovar muitas disciplinas novamente e correr o risco de ser jubilada, no entanto as disciplinas nas quais Violeta se matriculou contribuíram para um bom desempenho na prova do Enem “fiz física, mas praticamente só pra estudar pro Enem”. Apesar de afirmar que não teve tempo para se preparar para a prova do Enem, como havia feito no ano anterior, indiretamente ao realizar as atividades do curso ela pôde aprofundar assuntos relacionados a algumas disciplinas.

Assim, Violeta realizou mais uma vez as provas do Enem com o objetivo de ingressar no curso de Medicina, esta foi a sua terceira tentativa, Violeta conta que na prova do Enem haviam questões de Física, Química e Biologia de assuntos que ela havia estudado no curso de Engenharia Civil, isto a ajudou a responder tais questões, “fiz a prova de ciências da natureza, [...] e era praticamente o que eu tinha visto em química 1, então pensei isso é um sinal, física caiu bastante coisa que eu tinha estudado na prova de física e tinha passado, biologia a parte de biologia relacionada a natureza era o que eu tinha estudado em ciências da natureza”. Em História e Geografia, Violeta conta que sempre foi muito boa nessas matérias e também respondeu as questões com tranquilidade, na prova de Inglês ela acertou a grande maioria das questões, “eu falei: esse ano é meu”, e realmente foi, pois Violeta teve um bom resultado na prova do Enem e foi aprovada para o curso de Medicina da UFPE, campus Caruaru, “mas foi exatamente o que eu precisava, sabe o que é você não ter um ponto a mais, nas cotas que eu coloquei foi a última entrada, não fui pro remanejamento, mas em compensação foi nem um ponto a mais, aí passei e vim pra cá”.

Na terceira tentativa Violeta conseguiu a aprovação em Medicina, “eu achava que eu ia pular, chorar, morrer, não! Eu olhei e pensei: poxa tenho que começar a estudar”, ela conta que sentiu que tinha uma responsabilidade e que sabia que precisaria se dedicar, a reação de seu pai, no entanto, foi de muita alegria,

Quando eu vi, liguei para meu pai, para ele ligar pra minha mãe porque lá não dava área e ele conseguiu contato com ela. Eu falei olha eu consegui, eu passei, acho que até chorar ele chorou. Aí contou pra todos os colegas, não podia chegar ninguém na porta da loja que ele contava que eu tinha passado em Medicina...

Sua mãe, apesar de também ter muito orgulho da filha age de forma mais contida, mais fechada pois ela quer que Violeta continue mantendo sua simplicidade e os pés no chão “ela não quer me subir muito a cabeça”. Violeta não costuma divulgar suas conquistas, “e até hoje quando eu falo tô fazendo medicina, as pessoas falam com espanto: nossa, quando você tirou no Enem? Eu nem lembro mais” ela afirma que as pessoas encaram essa como uma grande conquista, algo conseguido apenas por pessoas muito inteligentes “elas falam: mas foi muito difícil? Na federal, nossa! Eu falo: era pra todo mundo tá lá sabia? Era pra universidade ser pra todo mundo. Enfim as pessoas endeusam demais”.

Ao ser questionada sobre o que representava para sua família ter uma filha cursando Medicina, Violeta conta que algo que aborrece profundamente seus pais é questionarem se o curso dela não é enfermagem, “quando a gente fala é medicina, o povo diz: mas é medicina mesmo ou é enfermagem? Eu tô falando que é medicina, pelo amor de Deus!”, para ela isso reflete pensamentos misóginos e de preconceito racial “se eu fosse branca, rica e homem: pronto!”. Esse é um exemplo da estrutura da sociedade brasileira machista, racista e classista por isso é comum encontrar quem partilhe da ideia de que jovens com a origem social de Violeta não podem fazer parte de cursos considerados de prestígio como se ali não fosse o espaço desses sujeitos, haja vista que, historicamente espaços de prestígios na sociedade são ocupados predominantemente por homens, brancos, e de classe média e alta.

Outro destaque feito por ela refere-se ao fato de que no primeiro distrito, onde mora, ela se tornou referência quando o assunto é problemas de saúde, “minha mãe não pode ver ninguém com problema que manda me chamar pra ver a pessoa”, de acordo com ela toda a família entra em contato pra tirar dúvidas e os vizinhos a procuram com frequência “antes de levar na UPA a criança, perguntam: e você acha o quê?”, ela inclusive tem auxiliado de maneira informal a enfermeira do posto local “ela me pede pra fazer algumas coisas, aplicar injeção, por exemplo, dar uma olhadinha em alguém que tá precisando”.

Na universidade, Violeta teve dificuldade para se adaptar ao método de ensino do curso de Medicina da UFPE/CAA, “até pensei em fazer vestibular de novo, passei uma vez, passo de novo, vou fazer para Recife”, no entanto, desistiu dessa ideia e deu continuidade a graduação,

pois entendeu que os professores, além de realizarem as tutorias presenciais estão disponíveis na universidade para tirar dúvidas quando necessário:

No clico básico, no PBL eu achava que não era legal, me achava um pouco perdida, tinha semana que chegava lá, eu sabia, estudei, mas não sabia exatamente se era isso que era pra estudar, teve uma semana que estudei distúrbios da fala, mas era distúrbios neurológicos, mas acabou que depois me incorporei tão bem as tutorias que acho que é o ambiente que tenho as melhores notas.

Os primeiros dois anos na universidade foram de adaptação e de muita dificuldade que geraram, inclusive, dúvidas para Violeta “eu não sabia bem o que fazer, foi um período que eu realmente tava pensando em largar a faculdade, será que é isso que eu quero? Isso no primeiro e segundo ano foi mais difícil”. Com o tempo a estudante conseguiu se adaptar à realidade do curso de Medicina, no entanto, se ao longo de sua educação básica ela não teve dificuldades em fazer e manter amizades, no Ensino Superior esse foi mais um desafio “e ainda por cima eu não conseguia fazer muitas amizades aqui na faculdade porque eu achava todo mundo meio nariz empinado, e eu não tava acostumada com isso”. Durante a seu processo de escolarização básica, Violeta conviveu com estudantes da sua classe social, na universidade, convive com colegas que são considerados, por ela, ricos em termos de capital econômico. Diante dessa diferença, Violeta afirma que somente no 8º período encontrou um grupinho para chamar de seu, antes disso, “eu achava horrível atividades que tinha que escolher grupo porque eu sabia que eu ia ser a pessoa que ia ficar sobrando”, a esse respeito ela ainda acrescenta o seguinte:

Mesmo em engenharia civil, tinha muita gente de nível econômico, tinha, muita gente de escolar particular, gente muito boa no ponto da inteligência, mas a gente se ajudava muito, e aqui, embora todo mundo fosse muito simpático, eu sentia muita competição. Então eu acabava querendo me afastar um pouco mais. Aí eu tive muitos problemas de ansiedade nesse período...

Ela passou a desenvolver muita dificuldade na realização de trabalhos em grupo, segundo ela, o curso de Medicina é um ambiente de muita competitividade primeiro pelo perfil dos estudantes de modo geral e segundo pela forma como o currículo do curso está estruturado “aqui a maioria são os melhores alunos de suas escolas, aí as pessoas querem se manter assim aqui e ainda a gente tem uma grade curricular que é meio agressiva a gente tem que fazer 540h adicionais, isso é praticamente uma faculdade a distância”, diante da carga horária complementar exigida há uma competição pelas vagas em disciplinas eletivas que são limitadas, bem como para a participação em atividades de monitoria, pesquisa e extensão, além disso, ela ainda ressalta que há entre os estudantes uma competição para receber a láurea, “tem uma competição muito grande que é pra saber quem é que vai ser laureado, eu descobri um dia desses

que isso existia, pra ver quem é que tem o maior coeficiente de rendimento”. Essas experiências contribuíram para que Violeta desenvolvesse crises de ansiedade e procurasse apoio profissional com uma psicoterapeuta, ela afirma que considera seu rendimento na universidade de ruim para regular, embora seus pares e professores afirmem que é de bom para ótimo “aqui eu desenvolvi uma inferioridade, mas assim, eu acho que ruim é uma palavra muito forte acho que fica em regular, consigo cumprir as minhas atividades e muita coisa eu consigo fazer bem”.

Diante desse ambiente considerado por ela como estressante e completamente diferente do qual ela está habituada, é na família que Violeta encontra apoio e acolhimento “eu tô até mais apegada a eles porque a gente passa muito tempo fora de casa lidando com todo tipo de gente e etc. uma rotina muito estressante e quando eu chego em casa: tem comidinha feita, tem minha mãe que cuida de mim”.

Quanto a sua permanência na universidade, no que se referem as despesas com o curso, Violeta relata que recebe a bolsa permanência concedida pela universidade aos estudantes provenientes de famílias economicamente desfavorecida, com esse recurso, ela custeia as despesas com alimentação e transporte. As despesas com materiais como: livros, apostilas, cópia de livros, jaleco, estetoscópio, dentre outros, são pagos com as economias que ela fez durante o estágio no banco,

Os materiais realmente são muito caros, e são necessários pra você ter um bom aprendizado, um estetoscópio normalzinho você consegue comprar por R\$ 35,00 só que não serve muito e um bom é R\$730,00 é muito caro. Kit de estrutura eu comprei um completo por R\$230,00 a gente realmente tem que fazer muitas economias e eu consigo pagar só com meu dinheiro, não peço aos meus pais.

Em relação aos livros, Violeta ressalta que alguns livros digitais são compartilhados entre professores e estudantes “todo mundo compartilha o material aí acaba que eu comprei só um livro de exames e um de neonato, aí também compartilhei com eles”, alguns dos livros disponíveis na biblioteca da universidade são pouco utilizados, pois, encontram-se desatualizados “tem livro de 2004, se você colocar numa postagem que é a nossa avaliação semanal, o professor vai te dar um zero em referência porque em 15 anos o tratamento já mudou 2 ou 3 vezes”. Essas atividades semanais são postadas em uma página na internet, de início Violeta enfrentou algumas dificuldades para cumprir com essas atividades pois, o acesso à internet no distrito onde ela mora é algo muito difícil, “nos primeiros períodos foram bem difíceis porque a gente tem que fazer postagens do que tinha aprendido ao longo da semana, e

assim as vezes eu tinha que sair com o computador no meio da rua pra tentar encontrar um local onde tinha sinal de internet, era tenso. Foi um período complicado”.

Violeta conta que no primeiro ano da graduação realizou um estágio numa unidade de saúde de um bairro considerado periférico, na cidade de Caruaru, a experiência de estágio foi significativa para ela [...] “as pessoas respeitavam muito, sabiam que a gente era estudante e a comunidade muito acolhedora”. Tendo preferência pelas atividades práticas, a estudante afirma não se identificar com atividades de monitoria e pesquisa, no entanto, nos primeiros anos de curso se engajou em diferentes atividades de extensão.

De extensão eu já participei de várias, a gente tinha uma que era de humanização aqui no Hospital Mestre Vitalino, que era com crianças e também com adultos, eu gostava mais da área infantil, a gente ia brincar com as crianças doentes, conversar com os adultos, aí fiquei um ano e meio mais ou menos nesse projeto, aí depois eu participei de uma liga de nefrologia muita gente conhece, isso tudo mais no início, só serviu pra eu ver que eu não quero nefrologia na minha vida, mas a gente tinha muitas atividades, por exemplo, a gente ia pro SOS Rim pra aprender como funciona a máquina de hemodiálise.

Ela conta que a participação na Liga de Nefrologia a garantiu um status positivo entre os estudantes e professores, pois eram apenas 7 vagas e ampla concorrência, para participar desse projeto ela realizou uma prova “eu sabia a diferença entre síndrome nefrítica e síndrome nefrótica e fiz minha prova toda em cima disso e passei, e isso me trouxe um pouquinho de status, um pouquinho mais de confiança com os professores”. Ela destaca ainda a participação em outras atividades promovidas pelo curso, como por exemplo, o laboratório de sensibilidade “a gente tinha filmes que a gente assistia, muito bons, e que realmente ajudavam a gente a despertar: e se você fosse o paciente? E a ética? e coisas que realmente a gente não ia pensar ao longo do tempo”. Ela destaca ainda que apresentou um excelente trabalho sobre queimaduras e que se surpreendeu ao ser convidada pelo professor para auxiliar na aula sobre esse tema em outra turma, “alguns trabalhos muitos bons que eu consegui apresentar, um trabalho de queimaduras, inclusive passou agora o módulo e o professor me chamou pra ajudar ele na aula”.

No que se refere as suas expectativas em relação ao curso, ela afirma que foram correspondidas e ressalta que a profissão de médica é complexa e que seria impossível o curso atender a todas as necessidades de aprendizagem de forma abrangente, no entanto, ela considera que está tendo uma boa formação “eu vou conseguir sair daqui com capacidades técnicas”, a estudante destaca ainda que a parte prática é muito contemplada no curso, bem como as atividades de pesquisa “a gente faz aqui um artigo por semestre, faz artigo e relato de caso o

tempo todo, esse semestre a gente vai fazer dois artigos, [...] essa parte mais de prática a gente tá sempre nos estágios, sempre vendo e isso é importante”.

Por fim, mesmo com todas as demandas de uma estudante universitária Violeta encontrou uma forma de se manter próxima aos livros, ela participa de um clube do livro: “Viagens Literárias” junto com professores, estudantes e técnicos da universidade. Ela afirma que tomou conhecimento dessa atividade por meio de um anúncio no mural do corredor, a dinâmica do grupo consiste na leitura e discussão de contos da literatura brasileira com o foco na Medicina “o último conto que a gente leu foi “O Alienista” de Machado de Assis e tinha outro do Lima Barreto “Diários do Hospício” aí a gente lê, estuda um pouquinho sobre o autor e discute umas ideias sempre ligadas a Medicina”

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso trabalho teve como objetivo compreender a trajetória escolar e a experiência universitária de estudantes provenientes de famílias socioeconomicamente desfavorecidas que ingressaram nos cursos de graduação mais seletivos da UFPE, campus Caruaru. A reconstrução da trajetória escolar dos estudantes nos permitiu identificar as principais práticas sociais constituidoras de disposições favoráveis a uma escolarização considerada de longa duração e analisar a trajetória escolar e a experiência universitária dos estudantes nos cursos de graduação mais seletivos da UFPE/CAA.

No que se refere a relação família e escola, Lahire (1997) aponta a família como uma instância de socialização definidora para a trajetória escolar dos estudantes, pois as relações estabelecidas no seio da família desde os primeiros dias de vida da criança vão contribuir para a criação de uma série de disposições que podem favorecer esse sujeito na escola (LAHIRE, 1997). Ao tratarmos das trajetórias dos estudantes entrevistados identificamos alguns aspectos importantes para a discussão proposta em nosso estudo, dentre eles, está o fato de que tais estudantes rompem ciclos que se repetem ao longo das diferentes gerações de suas famílias ao concluírem a educação básica e acessarem o ensino superior. Tais rupturas vêm do desejo dos pais de que os filhos tenham melhores condições de vida no futuro.

Os filhos dos meus pais, eu e meus irmãos, já foram criados noutro contexto, assim já não tinha mais essa lógica de que mulher não precisa ir pra escola, tinha que ir, era o contrário, eles criaram justamente ao contrário, tinha que ir pra escola mesmo (ASA, 2019).

Era diferente da realidade que eles tiveram quando eram crianças, na realidade que eles tiveram eles não conseguiram estudar, então eles queriam dar essa oportunidade a mim, e principalmente meu pai, ele era o principal incentivador (GENIVAL, 2019)

Essas falas ilustram o importante papel da família na formação precoce de disposições mentais e comportamentais de seus filhos (LAHIRE, 2011). Essas famílias tomam a educação como forma de ascensão social para seus filhos e como possibilidade para que eles obtenham uma ocupação profissional que lhes garanta estabilidade e boa remuneração. Diante disso, os filhos tomam a escola como espaço no qual poderão construir as bases que lhes permitirão alcançar melhores condições de vida. Observamos que se por um lado os pais e/ou responsáveis reafirmam práticas de acompanhamento da escolarização em torno de expectativas acerca da mobilidade social de seus filhos, estes criam disposições que visam longevidade escolar para além do desejo de conseguir apenas mobilidade social, querem reconhecimento do direito de

ser quem são e quem quiserem vir a ser. Lacerda (2006) aponta que trajetórias escolares de sucesso podem ser construídas a partir da mobilização familiar e dos próprios sujeitos, fundamentados nos sentidos intergeracionais atribuídos à escolarização, como podemos perceber na fala de Nina ao se referir aos seus avós maternos “eles sempre incentivaram porque eu acredito que eles também já tinham a visão de que o estudo seria a melhor maneira de chegar a algum lugar para nós pobres” (NINA, 2019).

Percebemos ao longo das entrevistas e da construção dos retratos sociológicos algumas práticas familiares que contribuíram na construção de disposições favoráveis que permitiram a esses estudantes o acesso e a permanência na universidade, apesar das dificuldades por eles enfrentadas ao longo de todo o processo de escolarização. Baseados na pesquisa de Costa (2017) e nos escritos de Lahire (1997) identificamos as seguintes práticas familiares: de acesso à cultura escrita; de incentivo e visão de futuro; de ordem moral doméstica e formas de autoridade familiar; de solidariedade familiar e de mobilização escolar. No relato de cada estudante, tais práticas aparecem com maior ou menor intensidade e estão constantemente imbricadas.

No que se refere às práticas familiares de acesso à cultura escrita, destacam-se as narrativas de Joaquim, Genival e Violeta. Ao tratar dessa dimensão Lahire (1997) reforça que é fundamental compreender como as práticas de leitura e escrita são vivenciadas em casa, pois tais práticas têm impacto na escolarização da criança. Nessa direção, vale ressaltar que quando nos referimos a essas práticas não focamos apenas nos usos formais da leitura e da escrita, mas de toda e qualquer prática cotidiana e informal, como: agendas, calendários, listas, dentre outros.

O primeiro contato de Joaquim com o universo da cultura escrita se deu através de uma brincadeira de escolinha com suas primas mais velhas que já frequentavam a escola, essas experiências socializadoras contribuíram para que ele incorporasse gostos e interesses favoráveis à escolarização. Lahire (1997), ao tratar da “ordem escolar das qualidades” aponta que a escola exige determinados comportamentos para além das questões cognitivas e intelectuais, o que nos faz acreditar que a experiência de brincar de escola possibilitou a Joaquim compreender a postura comportamental exigida naquele ambiente. Esse episódio com as primas parece-nos ainda contribuir para a incorporação do hábito da leitura e escrita na vida de Joaquim, disposição que o acompanhou em todo o seu percurso escolar.

Com relação as práticas de leitura na família de Genival, identificamos que o estudante teve acesso a pouco capital cultural familiar objetivado, “o único livro que tinha era a bíblia,

tanto que quando eu era criança até os 8 anos eu acho que tinha lido a bíblia umas 2 (duas) vezes”. Além da Bíblia o estudante tinha acesso aos livros didáticos de seus primos mais velhos, e como sempre foi uma criança curiosa utilizava os recursos disponíveis para aprender conteúdos que ainda não havia estudado na escola. Essas práticas contribuíram para a construção da disposição à leitura e escrita, que se intensificou quando o estudante passou a ter acesso as bibliotecas escolares e comunitárias.

No caso de Violeta, as experiências familiares com o universo da cultura escrita são marcadas pela forte influência de seus pais, que desde muito cedo possibilitaram à filha pequena acesso a livros e revistas que contribuíram para a construção da disposição à leitura e escrita. Apesar de não serem adultos leitores, seus pais a incentivavam nesse universo, em relação a isso Lahire (1997) aponta:

[...] encontramos outras famílias em que, mesmo que os próprios pais quase não leiam (não passando assim a imagem de uma prática natural da leitura), eles, entretanto, desempenham um papel de intermediários entre a cultura escrita e seus filhos. (LAHIRE, 1997, p. 343)

Essa intermediação dos pais de Violeta acontece de diferentes formas, desde o incentivo da mãe para que a filha acessasse os livros para conhecer outras histórias “ela [a mãe] conhecia muitas histórias e contava todas para gente e eu achava aquilo muito legal, ela dizia: eu sei essas, mas tem livro que tem mais” (VIOLETA, 2019), até as revistas trazidas pelo pai e o incentivo à escrita de cartas e bilhetes para os familiares “sempre que eu dizia mãe quero deixar um recado, então ela dizia: escreva você” (VIOLETA, 2019).

Com isso, essas práticas familiares contribuíam no processo de escolarização de Violeta, “as crianças socializadas em famílias em que há uma maior presença da cultura escrita tenderiam a ter maior facilidade na escola, não apenas no que se refere as atividades diretamente ligadas ao aprendizado e uso da língua, mas em relação ao conjunto de atitudes e comportamentos valorizados pela instituição” (NOGUEIRA, 2013, p. 08). Desse modo, podemos concluir que a familiaridade com a leitura e escrita teria o potencial de contribuir com o desenvolvimento de competências e habilidades da criança na medida em que se torna uma prática habitual para ela.

Outras práticas identificadas foram a ordem moral doméstica e as formas de autoridade familiar que estão relacionadas às atitudes dos pais ou dos responsáveis pelo processo de escolarização da criança, de valorização da escola e de respeito aos profissionais que atuam no contexto escolar. Essa dimensão do universo familiar tem implicações importantes no universo

escolar, isto é, a atitude dos pais de valorização e respeito aos profissionais da educação influencia a maneira que esses estudantes agem na escola, contribuindo para a incorporação de disposições que os favorecem nesse ambiente. Essa dimensão visa incentivar valores e costumes tanto no ambiente doméstico quanto no escolar: lidar com limites e rotinas; respeito aos mais velhos; cuidados com o comportamento em sala de aula; dentre outros. De acordo com Lahire (1997), “as diferentes formas de exercício da autoridade familiar dão relativa importância ao autocontrole, à interiorização das normas de comportamento” (LAHIRE, 1997, p. 28), e a forma pela qual tal autoridade é exercida pode se dar através de sanções físicas ou verbais.

Minha mãe dava em mim, porque sabia do meu comportamento na escola (JÚLIO, 2019).

Como meus avós passavam acredito que uma cultura de medo que tem na minha casa de você sempre ser obediente ao mais velho ou ao que sabe mais eu acho que na escola foi bem assim sabe, da gente ser submisso (NINA, 2019).

Tais ações buscam controlar o comportamento das crianças com o objetivo de lhes garantir uma boa educação, pois como afirma Lahire (1997), a “autodisciplina corporal” que é o controle dos impulsos, dos momentos de fala ou silêncio e de se movimentar ou ficar quieto, e a “autodisciplina cognitiva” que consiste na capacidade de realizar as atividades por conta própria, de planejar e organizar múltiplas tarefas e de iniciativa nos estudos, são elementos valorizados na escola.

Outra prática observada nos relatos se refere ao acompanhamento e supervisão por parte de pais e/ou responsáveis dos percursos de escolaridade de seus filhos. Nessa direção, percebemos a influência da família no desempenho escolar desses estudantes e identificamos práticas de solidariedade familiar nas narrativas de Genival e Violeta.

No caso das relações familiares de Genival estas têm suas bases firmadas no diálogo entre pais e filhos e no incentivo aos estudos, destacamos como práticas de solidariedade: a não obrigatoriedade nos serviços do campo e a motivação e incentivo através de conversas francas e conselhos “meus pais sempre me diziam que não importasse o que os outros falassem, se você tivesse se sentido bem onde está, siga” (GENIVAL, 2019).

As relações familiares de Violeta são baseadas em muita afetividade “a gente nunca teve nenhuma briga, nenhum problema e com a minha mãe eu sou muito apegada, mas com meu pai, meu Deus do céu, a gente é um só” (VIOLETA, 2019), as práticas de solidariedade dessa família ganham destaque ao longo da narrativa da estudante, por exemplo: as diferentes

mudanças de casa por conta da saúde do irmão, o convívio dos integrantes da família e o apoio para que ela se dedicasse integralmente para o vestibular de medicina.

Essas interações entre pais e filhos constituem uma importante mediação na transmissão dos capitais familiares, uma vez que os pais atuam como mediadores nos processos de ensino e aprendizagem informal. Com isso, “acreditamos na importância da solidariedade familiar ao fornecer as bases para a existência de todas as outras práticas identificadas. Ela oferece as oportunidades de incentivo de diálogo e da imposição de regras e limites” (COSTA, 2017, p. 48).

Identificamos ainda práticas de mobilização escolar que dizem respeito às ações efetivas de apoio e investimento na escolarização dos filhos, que não se limitam ao diálogo (COSTA, 2017), são práticas diversas em que a família mobiliza tempo e recursos para a educação dos filhos, alguns exemplos de práticas de mobilização escolar são: ajudar nas tarefas escolares: “já aprendi a ler logo no primeiro ano, eu chegava em casa e quem me ajudava às vezes era minha mãe e meu pai” (GENIVAL, 2019); participar das reuniões escolares: “ela [a mãe] nunca deixou de ir pra reuniões” (NINA, 2019); comprar livros e material escolar: “minha mãe ia pra feira atrás de jornal porque a gente fazia muitos trabalhos com jornais, com outras coisas, com outros materiais ela dava um jeitinho de arrumar” (NINA, 2019); “conforme eu ia pedindo eles iam sempre juntando algum dinheiro e comprando pra mim, eram livros pequenos, mas eles sempre me incentivavam” (VIOLETA, 2019); colocar em escola particular: “fizeram uma promoção especial para minha mãe, aí tipo ela colocou todos os três filhos dela para estudar lá” (JÚLIO, 2019); alfabetizar os filhos em casa: “minha mãe me deixou em casa e ela ensinava a mim e a meu irmão” (VIOLETA, 2019), acompanhar o filho à escola: “todos os dias ela [a mãe] me levava e buscava na escola, às vezes chegava um pouco atrasada porque ela era faxineira, diarista, e lavava roupas quando veio para Caruaru, fazia esses bicos” (NINA, 2019), “o que eu sempre me lembrava era da trajetória de meu pai e minha mãe me levando de bicicleta para a escola” (GENIVAL, 2019).

Tais práticas além de contribuírem com a trajetória escolar desses estudantes demonstram o quanto essas famílias apostam na escolarização de seus filhos e têm perspectivas de que a educação garanta um futuro promissor para eles. Esses exemplos, contradizem os modos de olhar para essas famílias, geralmente com base em preconceitos de classe que identificam desleixo, desinteresse e incapacidades dos pais e/ou responsáveis que possuem baixo nível de escolaridade e renda, no acompanhamento da escolarização dos filhos, que se pensa deixando-os fazer as coisas por si mesmos, sem a sua intervenção ou acompanhamento. Nos relatos,

observamos o contrário, as práticas de mobilização escolar identificadas em nossa pesquisa reforçam que “qualquer que seja a situação escolar da criança, [os pais] têm o sentimento de que a escola é algo importante e manifestam a esperança de ver os filhos “sair-se” melhor do que eles” (LAHIRE, 1997, p. 334).

No que se refere aos estabelecimentos de ensino frequentados pelos estudantes entrevistados foi possível a identificação de uma heterogeneidade nas escolas públicas, que tem relação com diferentes fatores. De fato, para a grande maioria dos estudantes das classes menos favorecidas as escolas públicas estaduais e municipais são a única opção, e apesar dos problemas comumente associados a tais instituições, algumas conseguem se destacar pela qualidade do ensino. Além disso, questões mais amplas da estrutura desigual da sociedade muitas vezes expõe esses jovens a situações de evasão, abandono e reprovação escolar, condenando-os a uma curta escolarização. As escolas frequentadas pelos estudantes aqui retratados possuíam organizações didático-pedagógica diversas, de modo que, as atividades escolares por eles realizadas contribuíram na promoção de diferentes experiências socializadoras que se constituíram enquanto elemento importante na construção de seus patrimônios de disposições.

Em relação ao fluxo das trajetórias aqui analisadas, observamos diferentes perfis de instituições escolares públicas, por exemplo, a escola frequentada por Nina entre a 1ª e a 7ª série do ensino fundamental condiz com o perfil de escola pública na qual havia falta de professores, aulas vagas, professores ministrando aulas sem ter a formação adequada, relação conturbada entre professores e estudantes e violência dentro da escola, “tem uma cena que eu me lembro muito, é bem forte assim, era uma professora de matemática, ela não era de matemática, mas como não tinha professor, então ela acabava sendo responsável por essa disciplina, ela parava assim e ia fumar dentro da sala, e isso me incomodava muito” (NINA, 2019).

No entanto, outros entrevistados tiveram a oportunidade de frequentar escolas públicas com boa estrutura e ensino, como é o caso de Júlio que estudou da 5ª a 8ª série do ensino fundamental em uma instituição escolar onde haviam bom professores, atividades extracurriculares, biblioteca com amplo acervo de livros, quadras poliesportivas, piscina, dentre outros, “uma das coisas que eu mais gostava de ir para a escola era por conta da educação física, no municipal você era obrigado a fazer educação física, logo na 5ª série tinha duas atividades que eu queria logo de cara: natação e futsal” (JÚLIO, 2019). Vale ressaltar que ambos estudantes, Nina e Júlio frequentaram escolas públicas da cidade de Caruaru, no entanto, a escola frequentada por Nina estava localizada no Bairro Santa Rosa, considerada área periférica

do município, ao passo que a escola de Júlio estava localizada no Bairro Maurício de Nassau uma das áreas nobres da cidade. O fato de Nina mudar de bairro quando iniciou a 8ª série a permitiu ter acesso a uma instituição escolar pública de melhor qualidade “aí já foi melhor, a gente já viu, vamos dizer, uma preocupação a mais da diretora, dos professores de encaminhar os alunos pra educação, era mais organizada, não tinha como a gente não ter aula porque sempre tinha um professor” (NINA, 2019).

Ao analisarmos os itinerários escolares percorridos por estes estudantes percebemos alguns pontos em comum, dentre eles: o fato dos estudantes de escolas do campo passarem a estudar em escolas urbanas a partir da 5ª série; o fato desses estudantes se destacarem em disciplinas específicas e/ou competições escolares; e, a fluência e a linearidade ao longo dos anos de escolarização (com exceção de Asa que reprova a 5ª série).

Em relação aos estudantes de escolas do campo, percebemos que a transição para estudar em escolas da área urbana se colocou como um desafio por diferentes motivos, um deles é a discriminação advinda por parte dos colegas e da escola. As diferenças no contexto escolar existem e a atenção dada a elas é muitas vezes secundária, pois tais diferenças em algumas situações estão camufladas ou passam despercebidas, no entanto, as narrativas de Genival e Violeta, por exemplo, evidenciam o campo minado de discriminações e preconceitos que geriam as escolas pelas quais eles passaram nos anos finais no ensino fundamental, isso corrobora com a ideia desenvolvida por Bourdieu e Champagne (2001) sobre os “excluídos do interior”, numa alusão aos alunos que são excluídos dentro do espaço escolar, sendo assim, se reserva aos estudantes oriundos de escolas rurais as turmas consideradas inferiores (compostas por estudantes repetentes, problemáticos, descompromissados e oriundos de regiões urbanas periféricas), essa organização procura manter a hierarquia social dentro da escola.

Outro aspecto que nos chama atenção é a importância de espaços como as bibliotecas escolares e comunitárias para essas trajetórias, muitos desses estudantes não dispunham de livros em casa, tal realidade porém não impediu o acesso as bibliotecas possibilitando por sua vez a ampliação de seus capitais culturais no que se refere as práticas de leitura, bem como contribuíram na ativação de disposições leitoras, disposições fundamentais a escolarização. Importante ressaltar a importância de equipamentos culturais seja nas escolas ou cidades, os relatos apontam que poder ter acesso a bibliotecas foi fundamental na medida em que o acesso aos livros era impedido pelas condições financeiras das famílias. Embora, muitas vezes se pense o contrário, a biblioteca escolar é frequentada pela maioria dos estudantes de escolas públicas

contribuindo com a ampliação do ensino formal, uma vez que, é de sua competência grande parte das atividades que contribuem para o desenvolvimento de disposições a leitura.

Tais espaços se constituíram como ambientes de formação intelectual e de sociabilidade para esses estudantes. Muitas foram as redes de apoio formadas por nossos estudantes durante seu período de escolarização, tais redes são constituídas por professores, colegas e outros funcionários da escola (bibliotecárias, coordenadoras pedagógicas, dentre outros). Tais redes de apoio contribuíram na constituição de disposições favoráveis a longevidade escolar de diferentes modos: auxílio financeiro, conselhos, incentivo, apoio e informação, favorecendo o estudante com colaborações distintas das que eles encontravam nas relações familiares, Viana (1998) aponta que certas oportunidades exteriores ao universo familiar permitiram êxitos parciais em relação à escolarização bem como foram fundamentais para a prolongação dos estudos.

Sobre o histórico de rendimento escolar dos estudantes, observamos que suas impressões em relação a esse desempenho escolar divide-se em dois grupos: estudantes que se consideram acima da média (que se destacavam entre os colegas e tinham notas altas: Violeta, Genival, Júlio e Joaquim) e estudantes que se consideram regulares (que apesar de terem um bom desempenho escolar acreditam que estavam abaixo do esperado para suas turmas: Nina e Asa). No grupo dos que se consideram acima da média, identificamos um empoderamento desses sujeitos em relação a sua autoimagem como estudantes, pois apesar das inúmeras dificuldades enfrentadas eles têm noção de suas habilidades frente à escola, esses estudantes participaram mais ativamente de atividades extracurriculares e tiveram a oportunidade de estudar em boas escolas públicas, com bons professores e acesso a diferentes recursos disponibilizados pela instituição escolar.

No grupo dos estudantes que se consideram regulares, percebemos uma baixa autoestima desses sujeitos em relação as suas experiências escolares, foram estudantes que não tiveram a oportunidade de participar, por exemplo, de atividades extraescolares, olimpíadas de Português e Matemática, competições escolares, etc., devido a diferentes fatores: trabalhar desde criança, estudar em escolas com pouca estrutura, situações de ruptura biográfica, dentre outros.

As relações estabelecidas nas instituições escolares frequentadas estão ligadas diretamente ao modo como esses sujeitos constroem suas identidades enquanto estudantes, percebemos assim, o quanto as instituições socializadoras (família, escola, igreja, etc.) atuam

na formação da identidade dos sujeitos, “o indivíduo não a constrói sozinho porque depende dos juízos dos outros e de suas próprias orientações e autodefinições, isto é, a identidade é construída e (re)construída, e não dada” (SILVA FILHO, 2018, p. 28).

Com relação as informações voltadas para o vestibular e o ingresso na universidade alguns estudantes relataram que tiveram acesso a esse capital informacional através da escola, por meio de professores e colegas, Portes (1993, 2001) identificou que as redes de relações sociais estabelecidas por estudantes de meios desfavorecidos os permitiu através de apoios, incentivos e informações o conhecimento sobre o funcionamento do sistema de ensino, em nossa pesquisa também identificamos que essas redes de apoio foram fundamentais para que os estudantes tivessem acesso as informações acerca do vestibular, as narrativas dos estudantes entrevistados reforçam o importante papel da escola na formação dos sujeitos não apenas no que se refere ao conteúdo do currículo, mas também na contribuição para a construção de diferentes disposições e acesso à informações, as quais suas famílias não podem contribuir, pois pouco conhecem sobre o funcionamento do sistema de ensino, o capital informacional “refere-se à detenção, pela família, de um conjunto de conhecimentos e informações pertinentes sobre a organização e o funcionamento interno da instituição escolar, seus valores e hierarquias, seus métodos e linguagens, etc.” (ALVES et al, 2013, p. 578), conforme observamos nos retratos, as famílias desses estudantes detinham poucas informações e conhecimentos, seja pelo baixo nível de escolaridade dos pais ou pelos meios de comunicação aos quais tinham acesso, que em alguns casos o acesso a informação limitava-se ao uso da rádio. Além da escola e dos professores, esses estudantes tiveram acesso ao capital informacional sobre o vestibular através de outros meios: cursinhos pré-vestibulares, programas de rádio e televisão, internet, dentre outros.

Os elementos trazidos nas falas de alguns estudantes revelam dois importantes aspectos para compreendermos como estudantes menos favorecidos construíram o capital informacional que os auxiliou na conquista de uma vaga no ensino superior, o primeiro aspecto diz respeito a importância dos meios de comunicação na disseminação de informações sobre o vestibular e as políticas de ações afirmativas (cotas) para diferentes estudantes (pretos, indígenas, deficientes, estudantes de escola pública, etc.). Setton (2005) ao abordar o surgimento de outras instâncias (para além da família e escola) que compartilham a responsabilidade na formação da subjetividade e das representações dos indivíduos no mundo contemporâneo, destaca uma nova ordem sociocultural marcada pela presença de uma maior circularidade de experiências e referências identitárias, desse modo, aponta o importante papel dos meios de comunicação

como instância desse universo cultural plural e diversificado que contribui no diálogo e nas relações de interdependência entre indivíduo e sociedade.

O segundo aspecto está relacionado aos diferentes espaços de socialização frequentados por esses estudantes ao longo de suas trajetórias (cursinho pré-vestibular, grupos de estudos, ambiente de trabalho, dentre outros), Lahire (2002) aponta que o princípio da socialização está ligado as situações heterogêneas com as quais os indivíduos são levados a conviver, tais situações são concorrentes e as vezes contraditórias, um ator plural é então produto de experiências de socialização em contextos sociais múltiplos. Como já mencionado, os estudantes retratados em nossa pesquisa frequentaram diferentes espaços de socialização que contribuíram significativamente na construção de disposições favoráveis a longevidade escolar.

Dentre os espaços de socialização mencionados, destacam-se nas narrativas aqui analisadas os cursinhos pré-vestibular populares, que são ofertados para os estudantes de baixo nível econômico e oriundos de escolas públicas estaduais ou municipais. De acordo com Zago (2008), os cursinhos populares fazem parte de uma mobilização coletiva que vem sendo desenvolvida nos últimos anos pela democratização do ensino no país, nesse sentido, tais cursinho surgem como forma de auxiliar os estudantes de escola pública nesse contexto contraditório do sistema educacional brasileiro que possui profundas desigualdades no que se refere ao acesso ao ensino superior.

Ao longo das entrevistas foram mencionados dois cursinhos populares que funcionam em Caruaru: o Pré-Acadêmico Superação promovido pela UFPE – Campus Agreste e o Cursinho Popular Edilson de Góis promovido pela Secretaria de Educação da prefeitura de Caruaru, tais cursinhos se destacam pela qualidade do ensino ofertado, no Superação as aulas acontecem no campus da própria universidade e são ministradas por estudantes dos cursos de graduação, no Cursinho Popular as aulas acontecem na escola municipal Professor Machadinho e são ministradas por professores que trabalham em outros cursinhos e escolas particulares.

Os dados que emergem das nossas entrevistas, revelaram que os cursinhos populares tem um papel importante no acesso desses estudantes ao ensino superior, as falas dos entrevistados apontam que essas experiências socializadoras contribuíram significativamente nas trajetórias escolares desses sujeitos, por diferentes motivos, Júlio por exemplo, aponta que a oportunidade de participar do Pré-Acadêmico Superação o permitiu maior proximidade com a universidade seja através do espaço físico, da organização das aulas ou do capital informacional sobre auxílios, ENEM e vestibular da UFPE. Para Nina, a participação no

cursinho Popular permitiu a retomada dos estudos, possibilitando assim uma formação suplementar que lhe auxiliou na conquista de uma vaga no ensino superior. Um elemento comum as falas de Nina e Júlio é o fato de destacarem os cursinhos como “algo diferente”, acreditamos que eles se referem à escola, a forma como as aulas dos cursinhos aconteciam diferenciava-se das atividades escolares que eles realizavam o que contribuiu para que eles participassem de diferentes experiências socializadoras e ampliassem seu patrimônio de disposições.

Com relação a realização das provas de vestibular, percebemos que as trajetórias aqui retratadas são marcadas por múltiplas tentativas, sejam elas concomitantes (prestar mais de um vestibular em diferentes instituições ao mesmo tempo) ou ao longo do tempo (prestar mais de um vestibular para diferentes cursos em anos diferentes), identificamos que esses movimentos dividem-se basicamente em três grupos: no primeiro grupo estão os estudantes que têm a aprovação para o curso que desejavam já no primeiro vestibular realizado (Joaquim e Júlio – estudantes de Engenharia Civil); no segundo grupo estão os estudantes que passam em seus primeiros vestibulares mas não para o curso desejado e iniciam assim diferentes graduações (Genival e Violeta – estudantes de Medicina), e, no terceiro grupo estão os estudantes que não ingressam na universidade assim que terminam o ensino médio e levam alguns anos para acessar o ensino superior (Asa e Nina – estudantes de Comunicação Social). Independentemente dos grupos que estes estudantes pertençam, suas trajetórias escolares são marcadas por inúmeras desigualdades, muita luta individual, dificuldades de diferentes ordens, redes de apoio familiar e extrafamiliar e diferentes experiências de socialização.

No que se refere as escolhas dos cursos de graduação percebemos diferentes motivações para estes estudantes, tais motivações vão desde a preferência por determinadas disciplinas até a possibilidade de ascensão social pela profissão escolhida “eu queria ficar rico, na verdade. Ficar rico, ganhar dinheiro, ser engenheiro” (JULIO, 2019); no entanto, também identificamos a influência de gostos pessoais “eu gosto dessa área, eu sempre acompanhava a rádio, e sempre ligava pra rádio, eu queria acessar as últimas notícias, novidades e tal. Eu achava que era uma área que eu iria gostar, que eu ia me sentir bem” (NINA, 2019); e da possibilidade de contribuir socialmente com seu meio de origem “eu quero terminar meus estudos e voltar para o interior, eu quero voltar pra ajudar a população que mais tá precisando” (GENIVAL, 2019). Percebemos que o processo de decisão desses estudantes por seus cursos de graduação e consequentemente pelas profissões que teriam no futuro, orientou-se pelas percepções, valores e interesses individuais dos mesmos (NOGUEIRA, 2007).

Nogueira (2007) aponta que diferentes pesquisas internacionais e nacionais sobre escolhas de cursos superiores trazem duas conclusões básicas, primeiro, que o perfil dos estudantes varia de acordo com o curso frequentado, e este perfil está ligado a questões como renda, gênero, idade, nível de formação e tipo de ocupação dos pais, tipo de estabelecimento escolar frequentado anteriormente (pública ou privada) e nível de desempenho escolar, em nossa pesquisa, percebemos que os estudantes do curso de Medicina, por exemplo, são filhos de pais que exercem atividades profissionais de alta remuneração, estudaram em sua maioria em escolas particulares e têm renda familiar superior a 4 salários mínimos. E a segunda conclusão é de que existe um importante e complexo processo de auto-seleção na escolha do curso, ou seja, baseados nesses perfis acima mencionados alguns estudantes desistem de tais cursos antes mesmo de realizar a prova do vestibular e optam por cursos considerados de acesso mais fácil, menos onerosos e menos exigentes academicamente.

No entanto, os estudantes aqui retratados contradizem essas afirmações, pois apesar das desigualdades, das dificuldades e desafios enfrentados, escolheram cursos considerados de prestígio que recebem um público com perfil diferente de sua origem social “quando chegou no terceiro ano, eu falei: vou fazer engenharia, vou fazer engenharia civil e vou fazer na UPE que é o vestibular mais difícil. É o vestibular mais difícil, é o que eu vou fazer” (JOAQUIM, 2019); “quando a gente [ela e seus pais] fala é medicina, o povo diz: mas é medicina mesmo ou é enfermagem? Eu tô falando que é medicina, pelo amor de Deus!” (VIOLETA, 2019). Isso reforça o quanto as trajetórias aqui retratadas são consideradas trajetórias excepcionais nos meios populares (ZAGO, 2006). Vale ressaltar que embora estes estudantes tenham se empoderado e decidido fazer o vestibular para cursos de prestígio isso não impediu que alguns deles tivesse pensamentos de autoexclusão, haja vista que no processo seletivo de admissão dos estudantes nas universidades, principalmente as públicas, há uma maior participação de estudantes “que podem custear melhores escolas, o que aponta para a prevalência do fator renda e consequente seletividade econômica e social no âmbito da educação superior” (ARRUDA; GOMES, 2015, p. 555).

Quando a UFPE possuía apenas o campus em Recife, as opções dos estudantes do interior que desejavam ingressar no ensino superior, limitavam-se as faculdades particulares locais ou a mudança para a capital que muitas vezes não era financeiramente viável, com o processo de interiorização da UFPE o impossível tornou-se possível para esses estudantes. A chegada da UFPE à Caruaru ampliou as oportunidades de acesso ao ensino superior para estudantes de escolas públicas e de famílias menos favorecidas, pois além de sua gratuidade a

instituição destaca-se pela qualidade do ensino. As falas dos estudantes entrevistados reforçam a importância e o valor da interiorização da universidade na mudança de rumo de suas trajetórias de vida. A expansão das universidades para o interior possibilitou que estudantes até então excluídos do ensino superior tivessem oportunidade de ingressar em diferentes cursos de graduação, a interiorização democratizou o acesso e a permanência no ensino superior, além de aumentar as possibilidades de se fazer estudos longos. Esse processo de democratização da educação tem sido fundamental para a sociedade “por aumentar o capital social da população” (DUBET, 2015, p. 256), uma vez que a universidade forma mais Professores, mais Médicos, mais Engenheiros, dentre outros especialistas que atuarão qualificando os serviços ofertados, trazendo assim benefícios para a toda a população.

A interiorização da universidade possibilita o acesso a esse espaço para centenas de estudantes que até então não tinham a oportunidade de realizar um curso superior, no entanto, entendemos que acesso e permanência são indissociáveis, e na medida que constrói-se políticas públicas que ampliam as possibilidades de acesso à educação superior a estudantes provenientes das classes sociais menos favorecidas, tais ações devem ser acompanhadas de políticas que também possibilitem que os estudantes possam permanecer até a conclusão de seus cursos de graduação, uma vez que os estudantes precisam cotidianamente suprir necessidades básicas como alimentação, moradia, transporte, internet, aquisição de livros, apostilas, materiais, dentre outras despesas decorrentes de sua formação de nível superior.

Todos os estudantes que entrevistamos recebem algum tipo de auxílio financeiro da universidade, no entanto, essa ajuda ainda não é suficiente para mantê-los na instituição o que faz com que eles busquem outros meios de complementar a renda, seja conciliando estudo e trabalho (caso de Nina), realizando diferentes “bicos” e estágios remunerados (caso de Asa), contando com auxílio financeiro de parentes (caso de Júlio e Joaquim), fazendo uso de economias feitas em trabalhos anteriores (caso de Violeta) ou vendendo doces aos colegas e funcionários na universidade (caso de Genival).

Se enquanto estavam na educação básica esses estudantes tinham como desafio o acesso à universidade, agora que conquistaram esse espaço, lutam cotidianamente por sua permanência nele “eu estou falando dos meus pares dentro do curso de comunicação, alguns chegaram e acabaram saindo justamente porque a bolsa não era suficiente para deixá-los aqui, então eles saíram” (ASA, 2019). Para além das condições financeiras os desafios enfrentados por esses estudantes para permanecer na universidade também estão ligados as relações interpessoais que eles estabelecem com colegas e professores. Alguns estudantes de Medicina e Engenharia Civil

relataram situações em que se sentiram invisibilizados por colegas de turma, os motivos para que situações como essas aconteçam dizem respeito principalmente a raça e a origem social desses estudantes:

[...] eu lembro que a gente (Júlio e João) conversava com Pedro normalmente, até que Pedro soube que a gente era oriundo de escola pública, a partir desse momento ele deixou de sentar perto da gente, e juntou com pessoas do mesmo nicho social dele, pessoas que são de classe alta, que vieram de escola particular, brancas, o meu amigo também era moreninho assim como eu (JÚLIO, 2019)

Como já mencionamos, os cursos supracitados apresentam perfil de estudantes oriundos em sua maioria de escolas particulares, brancos e com renda familiar superior a 4 salários mínimos. O relato de Júlio ilustra algumas das relações mencionadas ao longo das entrevistas.

Os estudantes retratados não se limitam as atividades de ensino, algo que chama atenção em sua vida acadêmica é que são altamente engajados em atividades extracurriculares, principalmente as atividades de extensão, se destacando, inclusive entre os demais colegas de turma. Têm como hábito aproveitarem as oportunidades que lhes são oferecidas pela universidade, de modo que possam transitar por diferentes espaços de socialização que lhes garantirá múltiplas experiências e uma formação cada vez mais plural. Cabe salientar que as atividades de extensão contemplam um número limitado de estudantes e que em alguns casos são realizados processos seletivos simplificados o que reforça mais uma vez o potencial dos estudantes que aqui retratamos.

Acreditamos que nosso objeto de estudo é amplo e complexo e que as discussões sobre essa temática não se esgotam aqui, consideramos necessário pensarmos novas investigações para “responder” questões que emergiram ao longo de nosso estudo e que ampliem ainda mais as discussões aqui traçadas, dentre elas o debate sobre gênero e raça no ensino superior, por exemplo, questões que envolvam a discussão sobre a presença de mulheres em cursos predominantemente masculinos como Engenharia Civil; as políticas de assistência/permanência voltadas para as mulheres mães no ensino superior; as trajetórias universitárias de estudantes pretos em diferentes cursos de graduação; os desafios enfrentados pelos estudantes pretos para ingressar e permanecer na universidade, dentre outras questões.

Enfim, compreendemos que ainda há muito a ser estudado/pesquisado sobre as trajetórias escolares de estudantes oriundos de famílias desfavorecidas economicamente, bem como sobre as experiências desses jovens no ensino superior e após sua graduação, pois o desenvolvimento e divulgação de pesquisas sobre essa temática contribuem na disseminação

de informações sobre políticas educacionais voltadas para estudantes pertencentes a grupos minoritários. Os dados do estudo nos permitem compreender a importância das políticas de democratização da universidade, o valor de sua interiorização para a sociedade que a cerca e a relevância de políticas de assistência estudantil, ações afirmativas, isenção de taxa de inscrição em vestibulares, reserva de vagas para estudantes de escola pública em universidades, dentre outras políticas públicas.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Wilson Mesquita de. **USP para todos?: Estudantes com Desvantagens socioeconômicas e educacionais e fruição da universidade pública**. São Paulo: Musa Editora, 2009.
- ALVES, Maria Teresa Gonzaga. NOGUEIRA, Maria Alice. NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins. RESENDE, Tânia de Freitas. **Fatores familiares e desempenho escolar: uma abordagem multidimensional**. In. Dados – Revista de Ciências Sociais. Rio de Janeiro, vol. 56, n. ° 3, 2013.
- ARRUDA, Ana Lúcia Borba de. **Expansão da educação superior: uma análise do programa de apoio a planos de reestruturação e expansão das universidades federais (REUNI), na Universidade Federal de Pernambuco**. Tese (doutorado). Doutorado em Educação, do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Pernambuco. Pernambuco, 2011.
- ARRUDA, Ana Lúcia Borba de. **Expansão da educação superior no Brasil e os desafios para a gestão**. Anpae, 2012.
- ARRUDA, Ana Lúcia Borba de. GOMES, Alfredo Macedo. **Democratização da educação superior: um estudo sobre a política REUNI**. In. Currículo sem Fronteiras, v. 15, n. 2, p. 543-561, maio/ago. 2015.
- BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Censo da Educação Superior 2018: notas estatísticas. Brasília, 2019.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean Claude. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Tradução: Reinaldo Bairão. 7. ed. Petrópolis, RJ, 2014.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean Claude. **Os herdeiros: os estudantes e a cultura**. Tradução: Ione Ribeiro Valle e Nilton Valle. Florianópolis: ed. da UFSC, 2015.
- BOUDIEU, Pierre. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In. **Escritos de educação**. NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (org.). 16. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- BOURDIEU, Pierre. Os três estados do capital cultural. In. **Escritos de educação**. NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio Mendes (org.). 16. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- BOURDIEU, Pierre. CHAMPAGNE, Patrick. **Os excluídos do interior**. In. BOURDIEU, Pierre. A miséria do mundo. 4º ed, Petrópolis/RJ: editora Vozes, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. **Sociologia**. ORTIZ, Renato (org). São Paulo: Ática, 1983
- BROCCO, Ana Karina. ZAGO, Nadir. **Condição do estudante de camada populares no ensino superior**. In. X ANPED SUL, Florianópolis, outubro de 2014.
- CATANI, Afrânio Mendes. **Origem e destino: pensando a sociologia reflexiva de Bourdieu**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2013.

CATANI, Afrânio Mendes, et. al (orgs). **Vocabulário Bourdieu**. 1. ed. Belo Horizonte. Autêntica, 2017.

CATANI, Afrânio Mendes. OLIVEIRA, João F. MICHELOTTO, Regina Maria. **As políticas de expansão da educação superior no Brasil e a produção do conhecimento**. Série-estudos – Periódico do Programa de Pós-Graduação em Educação da UCDB, Campo Grande/MS, n. 30, p. 267-281, jul./dez. 2010.

COSTA, Jackson Barbosa da. **Práticas familiares e desempenho escolar em estudantes de baixo nível socioeconômico**. Dissertação (mestrado). Mestrado em sociologia, do Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco. Pernambuco, 2017.

CUNHA, Luiz Antônio. **O legado da ditadura para a educação brasileira**. In. Educação & Sociedade, Campinas, vol. 35, n. 127, abr/jun. 2014.

CUNHA, Maria Amália de Almeida. **O conceito “capital cultural” em Pierre Bourdieu e a herança etnográfica**. In. Perspectiva. Florianópolis, SC, v. 25, n. 2, p. 503-524, jun./dez. 2007.

DUBET, François. **Qual democratização do ensino superior?** In. Caderno CRH. Salvador, v. 28, n. 74, p. 255-265, maio/ago. 2015.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3º ed. Porto Alegre, Artmed Bookman, 2009.

LACERDA, Wânia Maria Guimarães. **Famílias e filhos na construção de trajetórias escolares pouco prováveis: o caso dos iteanos**. Tese (doutorado). Doutorado em Educação, do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2006.

LAHIRE, Bernard. **Sucesso Escolar nos Meios Populares: as razões do improvável**. São Paulo: Ática, 1997.

LAHIRE, Bernard. **Homem Plural: os determinantes de ação**. Petrópolis/RJ: editora Vozes, 2002.

LAHIRE, Bernard. **Retratos Sociológicos: variações e disposições individuais**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LAHIRE, Bernard. **Patrimônios individuais de disposições: para uma sociologia à escala individual**. In. Sociologia, problemas e práticas. N.º 49, p. 11-42, 2005.

LAHIRE, Bernard. **A transmissão familiar da ordem desigual das coisas**. In. Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Vol. XXI, pág. 13-22, 2011.

LAHIRE, Bernard. **A fabricação social dos indivíduos: quadros, modalidades, tempos e efeitos de socialização**. In. Educação e Pesquisa. São Paulo, v. 41, n. especial, p. 1393-1404, dez, 2015.

LOPES, João Teixeira. COSTA, António Firmino de. **Desigualdades de percurso dos estudantes do ensino superior**. In. Anais do VII congresso Português de Sociologia, Porto, 2012.

MINAYO, Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 32. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins. **O processo de escolha do curso superior: análise sociológica de um momento crucial das trajetórias escolares.** In. Anais da 30ª Reunião Anual da Anped. Caxambu/MG, 2007.

NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins. **A abordagem de Bernard Lahire e suas contribuições para a sociologia da educação.** – UFMG, 36ª Reunião Nacional da Anped. Goiânia/GO, 2013.

NOGUEIRA, Maria Alice; NOGUEIRA, Claudio Marques Martins. **Bourdieu & a educação.** 4. ed. Belo Horizonte: autêntica editora, 2016.

NOGUEIRA, Claudio Marques Martins; NOGUEIRA, Maria Alice. **A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições.** In. Educação & sociedade, ano XXIII, n. 78, abril/2002.

NOGUEIRA, Claudio Marques Martins; NOGUEIRA, Maria Alice. **Os herdeiros: fundamentos para uma sociologia do ensino superior.** In. Educação e Sociedade. Campinas, v. 36, nº. 130, p. 47-62, jan/mar, 2015.

NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins. FORTES, Maria de Fátima Ansaloni. **A importância dos estudos sobre trajetórias escolares na Sociologia da Educação contemporânea.** In. Revista Paidéia, ano III, nº 2, 2004.

PIOTTO, Débora Cristina. **As exceções e suas regras: estudantes das camadas populares em uma universidade pública.** Tese (doutorado). Doutorado em Psicologia, do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007.

PORTES, Écio Antônio. **Trajetoórias e estratégias escolares do universitário das camadas populares.** Dissertação (mestrado). Mestrado em Educação, do Programa de pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 1993.

PORTES, Écio Antônio. **Trajetoórias escolares e vida acadêmica do estudante pobre da UFMG: um estudo a partir de cinco casos.** Tese (doutorado). Doutorado em Educação, do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2001.

RESENDE, Tania de Freitas. NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins. NOGUEIRA, Maria Alice. **Escolha do estabelecimento de ensino e perfis familiares: uma faceta a mais das desigualdades escolares.** In. Educação e sociedade. Campinas, v. 32, n. 117, p. 953-970, 2011.

RISTOFF, Dilvo. **O novo perfil do campus brasileiro: uma análise do perfil socioeconômico do estudante de graduação.** In. Avaliação, Campinas; Sorocaba, SP, v. 19, n. 3, p. 723-747, nov. 2014.

SILVA, Tatianne Amanda Bezerra da. **Interiorização da Universidade Federal de Pernambuco e suas implicações para as condições de trabalho docente: um estudo do Centro Acadêmico do Agreste.** Dissertação (mestrado). Mestrado em Educação Contemporânea, do Programa de Pós-graduação em Educação Contemporânea da Universidade Federal de Pernambuco. Caruaru, 2018.

SILVA FILHO, Ivon Rodrigues. **“Tudo por uma experiência”: a socialização, construção da identidade e trajetória de jovens diante da experiência de aprendizagem profissional.**

Tese (doutorado). Doutorado em Sociologia, do Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2019.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. **Um novo capital cultural: Pré-disposições e disposições “a cultura informal nos segmentos com baixa escolaridade**. In. Educação & Sociedade. Campinas, São Paulo, v. 26, n. 90, p. 77-105, jan/abr 2005.

SETTON, Maria da Graça Jacinto. **Família, escola e mídia: um campo com novas configurações**. In. Educação e Pesquisa. São Paulo, v. 28, n. 1, p. 107-116, jan/jun 2002.

SOUSA, Maria do Socorro Neri Medeiros de. **Do seringal à universidade: o acesso das camadas populares ao ensino superior público no Acre**. Tese (doutorado). Doutorado em Educação, do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2009.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO (UFPE). Resolução 14/2018, de 24 de outubro de 2018. Fixa o quantitativo de vagas a serem oferecidas aos candidatos selecionados pelo SiSU, com base no resultado do ENEM 2018, no processo seletivo UFPE/SISU 2019 para acesso aos cursos presenciais de graduação da UFPE, no ano de 2019, nas Unidades Acadêmicas de Recife, Agreste e Vitória. Disponível em: Acesso em: <<https://www.ufpe.br/documents/40780/1684204/Resolu%C3%A7%C3%A3o+14.2018-CCEPE.Vagas.pdf/f05fff8c-a4af-4acc-985f-ac21fb119030>>. Acesso em 15 de jan. 2019.

_____. Resolução 12/2018, de 24 de outubro de 2018. Estabelece os pesos e notas mínimas para o Processo Seletivo UFPE/SISU 2019. Disponível em: Acesso em: <<https://www.ufpe.br/documents/40780/1684204/Resolu%C3%A7%C3%A3o+12.2018-CCEPE.Pesos+e+notas+m%C3%ADnimas.pdf/ba94246b-0227-4878-9f5e-68d5c6b1aa04>>. Acesso em 15 de jan. 2019.

_____. Termo de Adesão ao Sistema de Seleção Unificado. Disponível em: Acesso em: <https://www.ufpe.br/documents/38970/1811278/termo_adesao_28_11_2018.pdf/a25ad4fa-ae68-4849-851c-576a6353f309>. Acesso em 16 de jan. 2019

_____. Concorrência SISU dos cursos de graduação presencial da UFPE. Disponível em: Acesso em: <<https://www.ufpe.br/documents/40780/839971/Concorr%C3%Aancia+SISU.pdf/7dd15f6c-3feb-4a8f-9412-efca90e11c8a>>. Acesso em 15 de jan. de 2019.

VIANA, Maria José Braga. **Longevidade escolar em famílias das camadas populares: algumas condições de possibilidade**. Tese (doutorado). Doutorado em Educação, do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 1998.

ZAGO, Nadir. Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares. In. **Revista Brasileira de Educação**, v. 11, nº 32, maio/ago/2006, páginas 226-370.

ZAGO, Nadir. **Cursos pré-vestibulares populares: limites e perspectivas**. In. Perspectivas. Florianópolis, v. 26, n.º1, p. 149-174, jan./jun., 2008.

APÊNDICE A - QUADROS DE CLASSIFICAÇÃO DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO

Quadro 2 - Classificação dos cursos por nota de corte de acordo processo seletivo
UFPE/CAA/SISU 2016

Curso	Turno	Modalidade de concorrência	Nota mínima	Nota máxima
Medicina	Integral	A/C	814,1	862,06
Engenharia civil	Integral	A/C	750,17	810,4
Comunicação social	Integral	A/C	726,95	797,47
Engenharia de Produção	Integral	A/C	716,19	791,43
Física	Noturno	A/C	691,75	845,55
Administração	Noturno	A/C	691,55	763,95
Administração	Matutino	A/C	688,28	808,69
Economia	Noturno	A/C	687,49	779,04
Matemática	Noturno	A/C	681,49	802,08
Design	Noturno	A/C	663,25	731,18
Design	Integral	A/C	663,22	732,99
Química	Noturno	A/C	652,37	730,79
Pedagogia	Noturno	A/C	645,87	714,95

Fonte: UFPE

Quadro 3 – Classificação dos cursos por nota de corte de acordo processo seletivo
UFPE/CAA/SISU 2017

Curso	Turno	Modalidade de concorrência	Nota mínima	Nota máxima
Medicina	Integral	A/C	829,47	882,77
Engenharia civil	Integral	A/C	765,47	822,81
Comunicação social	Integral	A/C	734,4	805,06
Engenharia de Produção	Integral	A/C	731,71	812,49
Matemática	Noturno	A/C	706	811,73
Administração	Noturno	A/C	702,03	790,17
Administração	Matutino	A/C	698,32	779,76
Economia	Noturno	A/C	693,31	797,5
Física	Noturno	A/C	690,24	898,14
Design	Integral	A/C	687,61	780,03
Design	Noturno	A/C	687,26	771,44
Química	Noturno	A/C	671,79	784,18
Pedagogia	Noturno	A/C	665,92	749,46

Fonte: UFPE

Quadro 4 – Classificação dos cursos por nota de corte de acordo processo seletivo
UFPE/CAA/SISU 2018

Curso	Turno	Modalidade de concorrência	Nota mínima	Nota máxima
Medicina	Integral	A/C	841,27	878,53
Engenharia civil	Integral	A/C	751,33	833,27
Engenharia de Produção	Integral	A/C	721	791,97
Comunicação social	Integral	A/C	715,81	775,27
Matemática	Noturno	A/C	707,52	862,96
Administração	Noturno	A/C	702,02	747,54
Administração	Matutino	A/C	700,16	817,67
Economia	Noturno	A/C	699,3	847,75
Física	Noturno	A/C	693,12	842,24
Design	Noturno	A/C	682,63	778,82
Química	Noturno	A/C	678,5	740,71
Design	Integral	A/C	673,2	754,35
Pedagogia	Noturno	A/C	655,29	715,89

Fonte: UFPE

Quadro 5 - Classificação dos cursos por nota de corte de acordo processo seletivo
UFPE/CAA/SISU 2019

Curso	Turno	Modalidade de concorrência	Nota mínima	Nota máxima
Medicina	Integral	A/C	853,09	883,12
Engenharia civil	Integral	A/C	738,94	826,86
Comunicação social	Integral	A/C	720,61	811,62
Economia	Noturno	A/C	716,54	825,28
Administração	Noturno	A/C	714,18	799,25
Matemática	Noturno	A/C	709,51	848,93
Engenharia de Produção	Integral	A/C	709,40	826,90
Administração	Matutino	A/C	708,59	792,65
Design	Noturno	A/C	697,10	796,86
Física	Noturno	A/C	693,35	821,52
Design	Integral	A/C	679,86	806,30
Pedagogia	Noturno	A/C	663, 07	773,89
Química	Noturno	A/C	656,29	759,04

Fonte: UFPE

APÊDINCE B - QUESTIONÁRIO SOCIOECONÔMICO

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA
CURSO DE MESTRADO**

Questionário nº. _____

1. **Nome:** _____
2. **Sexo:**
 - A) ☐ Masculino
 - B) ☐ Feminino
3. **Cidade onde você nasceu?** _____
4. **Idade:** _____
5. **Você se considera:**
 - A) ☐ Branco(a)
 - B) ☐ Negro(a)
 - C) ☐ Pardo(a)
 - D) ☐ Indígena
 - E) ☐ Outra Qual? _____
6. **Estado civil:**
 - A) ☐ Solteiro(a)
 - B) ☐ Casado(a)
 - C) ☐ Separado(a)/divorciado(a)
 - D) ☐ Viúvo(a)
7. **Você tem filho/a(s)?**
 - A) ☐ Não
 - B) ☐ Sim Quantos? _____
8. **Bairro e cidade onde você mora atualmente?**

9. **Com quem você mora atualmente?**
 - A) ☐ Sozinho(a)
 - B) ☐ Com Pai e Mãe
 - C) ☐ Com Pais e parentes
 - D) ☐ Somente com meu Pai
 - E) ☐ Somente com minha Mãe
 - F) ☐ Com irmãos e/ou irmãs
 - G) ☐ Com cônjuge e/ou filhos
 - H) ☐ Com parentes
 - I) ☐ Com outras pessoas
10. **Quantas pessoas moram em sua casa (contando com você)?**
 - A) ☐ Uma
 - B) ☐ Duas
 - C) ☐ Três
 - D) ☐ Quatro
 - E) ☐ Cinco
 - F) ☐ Seis
 - G) ☐ Sete ou mais
11. **A casa onde você mora é:**
 - A) ☐ Própria
 - B) ☐ Alugada

12. Qual o seu curso de graduação?

- A) ☐ Comunicação social
- B) ☐ Engenharia civil
- C) ☐ Medicina

13. De que forma você ingressou na universidade?

- A) ☐ Vestibular
- B) ☐ Vestibular e Enem
- C) ☐ Enem/Sisu UFPE
- D) ☐ Outra qual? _____

11. Em que ano você de ingressou no curso? _____**12. Qual o seu período atual no curso? _____****13. Em qual turno você estuda?**

- A) ☐ Manhã e tarde
- B) ☐ Manhã e noite
- C) ☐ Tarde e noite
- D) ☐ Manhã
- E) ☐ Tarde
- F) ☐ Noite

14. Seu ingresso no curso de graduação se deu por meio de políticas de ação afirmativa e/ou inclusão social?

- A) ☐ Não.
- B) ☐ Sim, por critério de renda e por ter estudado integralmente o ensino médio em escola pública.
- C) ☐ Sim, por critério étnico-racial, renda e, por ter estudado integralmente o ensino médio em escola pública.
- D) ☐ Sim, por critério étnico-racial e por ter estudado integralmente o ensino médio em escola pública.
- E) ☐ Sim, por ter estudado integralmente o ensino médio em escola pública.
- F) ☐ Sim, por critério de deficiência, renda e, por ter estudado integralmente o ensino médio em escola pública.
- G) ☐ Sim, por critério de deficiência e por ter estudado integralmente o ensino médio em escola pública.
- H) ☐ Sim, por critério étnico-racial, por deficiência e por ter estudado integralmente o ensino médio em escola pública.
- I) ☐ Outro. Qual? _____

15. Você recebe ou recebeu algum tipo de auxílio para permanecer na universidade? Quais?

- A) ☐ Nenhum
- B) ☐ Auxílio moradia
- C) ☐ Auxílio alimentação
- D) ☐ Auxílio transporte
- E) ☐ Auxílio permanência
- F) ☐ Outro Qual? _____

16. Você recebe ou recebeu algum tipo de bolsa da universidade?

- A) ☐ Nenhuma
- B) ☐ Bolsa de iniciação científica
- C) ☐ Bolsa de extensão
- D) ☐ Bolsa de monitoria
- E) ☐ Outro Qual? _____

17. Atualmente quais bolsas ou/e auxílios você recebe da universidade?

18. Em que tipo de estabelecimento de ensino você cursou o ensino fundamental?

- A) ☐ Em escola pública Municipal ☐ Estadual ☐ Federal ☐
B) ☐ Em escola privada
C) ☐ Parte em escola pública e parte em escola privada

19. Qual o ano de conclusão do ensino fundamental? _____

20. Em que tipo de estabelecimento de ensino você cursou o ensino médio?

- D) ☐ Em escola pública Municipal ☐ Estadual ☐ Federal ☐
E) ☐ Em escola privada
F) ☐ Parte em escola pública e parte em escola privada

21. Qual o ano de conclusão do ensino médio? _____

22. Qual o nível de escolaridade dos seus pais?

Pai:

- A) ☐ Analfabeto
B) ☐ Ensino fundamental incompleto
C) ☐ Ensino fundamental completo
D) ☐ Ensino médio incompleto
E) ☐ Ensino médio completo
F) ☐ Ensino superior incompleto
G) ☐ Ensino superior completo
H) ☐ Pós-graduação

Mãe:

- A) ☐ Analfabeta
B) ☐ Ensino fundamental incompleto
C) ☐ Ensino fundamental completo
D) ☐ Ensino médio incompleto
E) ☐ Ensino médio completo
F) ☐ Ensino superior incompleto
G) ☐ Ensino superior completo
H) ☐ Pós-graduação

23. Qual a profissão de seus pais?

Pai: _____

Mãe: _____

24. Qual a renda familiar (aproximadamente)?

- A) ☐ Menos de 1 salário mínimo
B) ☐ Entre 1 e 2 salários
C) ☐ Entre 2 e 3 salários
D) ☐ Entre 3 e 4 salários
E) ☐ Mais de 4 salários

25. Você tem interesse em colaborar com a pesquisa?

- A) ☐ Sim
B) ☐ Não

26. Contatos: A) E-mail _____ B)
Fone _____

APÊNDICE C - ROTEIRO DE ENTREVISTA

ROTEIRO DA ENTREVISTA 1

1. Vida familiar

- Você poderia falar um pouco sobre a história de vida dos seus pais?
 - Como você definiria a sua relação com seus pais, durante a sua infância e adolescência?
- E agora, como é essa relação?
- Como era a sua família em relação a sua escolarização?
 - E o que representa para seus pais e/ou responsáveis ter um(a) filho(a) na universidade fazendo um curso superior?

2. Tema: Vida escolar

• Ensino fundamental

- Gostaria que você falasse como foi a sua trajetória escolar?
- Como era a sua relação com os professores e demais estudantes no ensino fundamental?
- Quais as experiências escolares mais significativas para você no ensino fundamental?
- Como você considera o seu desempenho escolar no ensino fundamental?
- Que matérias você mais gostava de estudar?
- E as que menos gostava?
- Quais as pessoas que mais te incentivavam a estudar?
- De que forma eles(as) contribuíram com a sua formação?
- Você já participou de concursos de redação ou olimpíadas de língua portuguesa ou matemática?
- A escola de ensino fundamental promovia eventos culturais de teatro, dança, música, dentre outros?

• Ensino Médio

- Como foi o processo de transição do ensino fundamental para o médio?
- Como era a sua relação com os professores e demais estudantes no ensino médio?
- Quais experiências escolares mais significativas no ensino médio?

- Há algum acontecimento marcante no ensino médio?
- Como você considera o seu desempenho no ensino médio?
- Quais as pessoas que mais te incentivavam a estudar?
- A escola promovia eventos culturais de teatro, dança, música, dentre outros?

2.1.Subtema: Experiência do vestibular

- Como você se preparou para o Enem?
- Você fez cursinho pré-vestibular?
- Quando você escolheu fazer o curso superior e por quê?
- Você passou no primeiro vestibular que realizou?
- Qual foi sua reação quando soube da sua aprovação?
- E reação da sua família, parentes e amigos?
- O que significou para você ingressar num curso superior da UFPE?

2.2.Subtema: experiências extraescolares

- Você tem alguma experiência extraescolar da qual você gostaria de falar? (como visita a museu, teatro, show, viagem etc.)

• Práticas culturais

- O que você mais gosta de fazer nos momentos de lazer?
- Ouvir música? De que tipo?
- Ler livros? Que tipo de livro você prefere ler?
- Assistir filme, série?
- Tocar instrumento musical?
- Praticar um esporte?

3. Tema: Vida acadêmica

- Como foi o processo de transição do ensino médio para o ensino superior?
- Como foram os primeiros períodos no curso superior?

- A sua relação com professores e colegas de turma?
- Você participa ou já participou de atividades de pesquisa, monitoria ou extensão?
- O curso corresponde as suas expectativas de formação?

3.1.Subtema: A permanência na universidade

- O auxílio que você recebe é suficiente para lhe manter na universidade?
- Como você faz para permanecer na universidade?